

SUMÁRIO

FITA 01 – LADO A

- Pais de origem italiana
- A mãe nasceu em Barbacena
- O pai trabalhou na construção da nova capital
- A família do pai é da região de Pávia (norte da Itália)
- A família da mãe de Luca (centro da Itália)
- A mãe nasceu em Barbacena
- Os pais se conheceram no Bairro Santo Antônio
- O Bairro Santo Antônio chamava Atrás do Palácio
- Muitos italianos moravam no bairro
- Estudou no Grupo Afonso Pena
- A avó nunca aprendeu a falar português
- Seus pais tiveram seis filhos
- Jogava no segundo quadro do palestra Itália
- A mãe trabalhava como lavadeira
- O pai vendia frutas e verduras no Mercado Central
- O Mercado Central localizava-se onde hoje é a rodoviária
- As vezes os filhos ajudavam o pai no Mercado Central
- A mãe lavava roupa para os alunos do Colégio Mineiro
- Nasceu na Rua Leopoldina
- Aos 16 anos foi morar na Rua Ceará
- Gostava de trabalhar numa marcenaria próxima à sua casa
- O pai foi ambulante e dono de bar
- Aprendeu o ofício de sapateiro
- Sua mãe fez um curso de parteira e foi trabalhar na Santa Casa
- Começou a trabalhar como aprendiz numa sapataria
- Posteriormente seu pai comprou a sapataria
- Sua mãe morreu aos 53 anos com problemas cardíacos

SUMÁRIO

FITA 01 – LADO B

- Depois do falecimento da mãe, seu pai vendeu o bar
- O pai faleceu em 1960
- Seu irmão também trabalhava na sapataria
- Nasceu em 1910
- Estudou primeiro no Grupo João Pessoa e depois no Grupo Afonso Pena
- Todas as séries funcionavam na mesma sala
- Nas horas vagas, brincava na Rua Leopoldina de carrinho de direção
- Soltava papagaio no alto da Leopoldina (Alto do papagaio)
- Foi um dos fundadores de um Clube de Futebol chamado Ipiranga
- O jornal mais conhecido na época era o “Minas Gerais”
- Frequentava o Cinema América chamado de cinema poeira
- Comprava ingressos para o cinema com cambistas
- Frequentava os cinemas aos domingos
- Assistia os seriados de *farowest* no cinema
- Assistia filmes de Carlitos e O Gordo e o Magro
- Frequentou a Escola até os doze anos
- Aos domingos brincava na “mata da caixa” pegando passarinhos

SUMÁRIO

FITA 02 – LADO A

- Passeava com seu avô Genaro no Parque Municipal
- Havia um jardim Zoológico no Parque Municipal
- Passeava na Praça da Liberdade
- Aos domingos à noite havia apresentação de bandas de música no coreto da praça
- Havia uma divisão de classes sociais entre os frequentadores da praça
- As pessoas mais humildes ficavam mais próximas da banda
- Passeava de bonde pelas ruas de Belo Horizonte
- Esperava pelos bondes no Abrigo Pernambuco
- O serviço telefônico era gratuito
- Ocorria muitas brigas nos bares
- O serviço de água encanada chamava-se “pena d’água”
- A coleta de lixo atingia só os bairros mais centrais
- O serviço de coleta era particular
- Frequentava clubes de dança como o Rio Branco e o Esperança
- Os piqueniques eram frequentes no “Acaba Mundo” na Serra do Curral
- A presença de circos era conatante em Belo Horizonte

SUMÁRIO

FITA 02 – LADO B

- Freqüentava a lagoa seca sem autorização dos pais
- A primeira vez que saiu de Belo Horizonte foi quando tinha 18 anos e estava fazendo o Tiro de Guerra
- Sempre morou em Belo Horizonte
- Seus pais não freqüentavam a Casa D'Itália
- O pai considerava-se um brasileiro
- Os turcos eram grandes comerciantes em Belo Horizonte
- As barbearias funcionavam até tarde aos sábados
- As mulheres raramente cortavam os cabelos
- A família era católica não praticante
- Fez o catecismo na Igreja de Lourdes
- Queria ser inicialmente marceneiro, mas acabou gostando do ofício de sapateiro
- Começou a trabalhar muito cedo
- A fabricação de sapatos era quase toda manual

SUMÁRIO

FITA 03 – LADO A

- Fala sobre o palhaço Piolim e o circo Piolim
- Assistia às coroações na Igreja de Lourdes
- A Igreja de Lourdes localizava-se na Rua Aimorés
- Participou das festas para a construção da Igreja de Santo Antônio
- Brincava de pau de sebo
- Gostava de escutar a banda Carlos Gomes
- Fez a primeira comunhão na Igreja de Lourdes
- Os alunos dos grupos escolares participavam da Parada de Sete de Setembro na Praça da Liberdade
- Esteve presente na visita do Rei Alberto à Belo Horizonte
- Aprendeu a cantar na escola o hino belga por causa da visita
- A Praça da Liberdade foi reformada para a visita
- Fala da inauguração da fonte luminosa na Praça Raul Soares
- O pai o levava para ver o desfile de carros alegóricos no carnaval
- O Natal não era muito comemorado pela família
- As crianças adoravam as brincadeiras da Festa de São João
- Faziam fogueira na Rua Leopoldina
- O Ano Novo não era comemorado
- Cita alguns tipos populares de Belo Horizonte: Quirana, Manoel das Moças e Jaburu
- Fazia bola de meia para jogar futebol
- Improvisaram um campo de futebol na Avenida do Contorno
- Criaram a Liga Mineira de Futebol
- Fez o Tiro de Guerra aos 18 anos

SUMÁRIO

FITA 03 – LADO B

- Seu primeiro trabalho foi na sapataria do Etelvildo
- Depois foi trabalhar na Fábrica Lucíola
- Comprou uma sapataria na Rua Ceará
- Era comum os pais encaminharem seus filhos para serem aprendizes de algum ofício
- Trabalhou de graça por um bom tempo
- Pagava corretamente os impostos para a Prefeitura
- O irmão também trabalhava na sapataria
- Sempre havia aprendizes na sapataria
- Não participava do sindicato dos sapateiros
- Fazia sapatos para a família
- Gostava de participar de serenatas
- Aprendeu a tocar clarinete
- As serenatas eram sempre aos sábados

SUMÁRIO

FITA 04 - LADO A

- Fala do primeiro avião em Belo Horizonte e da euforia da cidade
- Recorda de todos os vizinhos da Rua Leopoldina
- Seu pai sempre jogava na Loteria Federal
- Os italianos geralmente conversavam em italiano
- As crianças brincavam de cantigas de roda
- Os bondes funcionavam bem mas não atendiam à demanda de passageiros
- Os bondes de Belo Horizonte pertenciam a Carvalho de Brito
- O fornecimento de energia elétrica era deficiente
- Lia a revistinha Tico-Tico
- A família não tinha o hábito de ler
- Fez o Tiro de Guerra para não servir o Exército
- Viajou com o Tiro de Guerra para Curvelo e Lavras
- As viagens foram feitas de trem

SUMÁRIO

FITA 04 – LADO B

- Viajaram numa Maria Fumaça
- Existia muitos carros a cavalo em Belo Horizonte
- Na Afonso Pena havia um estacionamento para cavalos
- A cidade possuía muitos bebedouros para cavalos
- Operou de apendicite no Hospital do Rádio
- Dr. Borges da Costa era o dono do Hospital
- Foi ao médico a primeira vez aos 19 anos
- Mudou-se para a Rua Ceará aos 18 anos
- Passeava na Praça da Liberdade aos domingos
- A primeira namorada séria morou em sua casa
- Namorou três anos antes de se casar
- Namorava só em casa
- Casou-se na Igreja de Lourdes

SUMÁRIO

FITA 05 – LADO A

- A maioria das avenidas de Belo Horizonte tinham nomes de rios
- Fala da construção do Minas Tênis Clube
- Existia uma Igreja Protestante onde hoje é o Edifício Acaiaca
- Deixou o Tiro de Guerra em 1929
- A repercussão da Revolução de 30 em Belo Horizonte
- Comente sobre o Partido Comunista
- Os conflitos em Belo Horizonte durante a Revolução de 30
- O Governo de Getúlio Vargas
- As visitas de Getúlio a Belo Horizonte
- A inauguração da Mannesmann
- O movimento operário em Belo Horizonte na década de 20
- A formação de batalhões patriotas
- Apoiava o Golpe de 37 e o Estado Novo

SUMÁRIO

FITA 05 – LADO B

- As opiniões sobre o comunismo
- O desinteresse da família por política
- As classes sociais em Belo Horizonte
- O primeiro cemitério de Belo Horizonte
- A comemoração do seu casamento
- Sua mãe fez o parto dos quatro netos
- Não teve nenhum filho homem
- Sempre fazia compras no Mercado Central
- O Santa Efigênia chamava-se Bairro do Quartel

SUMÁRIO

FITA 06 – LADO A

- A partir dos anos 50 a cidade mudou muito rápido
- A infra-estrutura melhorou
- O pai comprou uma casa nova num leilão e montou um botequim
- Sua mãe ajudava o pai no bar
- O Bairro Santa Efigênia era um bairro de militares
- Na região não havia ainda favelas
- A Prefeitura mantinha um serviço para prender animais soltos pela cidade
- Mudou-se do Santa Efigênia porque não queria criar suas filhas num bairro de militares
- Comprou a casa do pai e voltou para o Santo Antônio
- O Santo Antônio era um bairro perigoso
- Nos anos 40 ainda não existia o Morro do Papagaio
- A formação religiosa de suas filhas foi católica

SUMÁRIO

FITA 06 – LADO B

- Passeava muito com as filhas
- As filhas estudaram no Grupo João Pessoa e no Instituto de Educação
- Comprava matéria prima para a sapataria em lojas do centro de Belo Horizonte
- Sempre mantinha um aprendiz na sapataria
- Aprovava a administração de Juscelino Kubitschek na cidade
- Juscelino era muito popular
- Comenta que o Edifício JK na Praça Raul Soares é uma favela no centro da cidade
- Faz uma breve análise de Getúlio Vargas
- Conta sobre as retaliações aos italianos na época da guerra
- O serviço de taxi em Belo Horizonte era mais retribuído
- Pensou em ser taxista mas desistiu
- Fazia “bicos” com sua esposa para complementar a renda familiar

SUMÁRIO

FITA 07 – LADO A

- Muitos bairros de Belo Horizonte chamavam colônias
- Relembra algumas manifestações folclóricas
- Fala das pastorinhas e do congado
- Várias ruas de Belo Horizonte mudaram de nome
- Em meados dos anos 40 a água encanada chegou à sua casa
- Nos anos 70 chegava o calçamento e o saneamento básico
- Foi à Prefeitura para tratar das obras de urbanização na sua rua
- Fala sobre o rápido crescimento do bairro Santo Antônio e da cidade
- Comenta da vida das quatro filhas
- As filhas namoravam em casa
- As filhas sempre faziam festas com os amigos na casa do pai

SUMÁRIO

FITA 07 - LADO B

- Comenta sobre os netos e bisnetos
- Fala aonde cada filha está morando
- Chegou a ter dois carros mas vendeu todos
- Viaja poucas vezes por ano
- Na década de 50 o trânsito era mais tranquilo mas faltava sinalização
- Relata como as famílias eram mais integradas
- Bairros residenciais transformara-se em centros comerciais
- Fala da grande poda das árvores das avenidas centrais de Belo Horizonte
- Achou necessário devido ao crescimento da cidade
- Comenta sobre as visitas de grandes personalidades a Belo Horizonte
- Não frequentava muito os cinemas depois de casado
- Continuou frequentando o Carnaval na Avenida Afonso Pena
- Quando solteiro, chegou a desfilar num bloco carnavalesco chamado Andorinha da Serra
- Possuía um rádio usado e onde escutava os noticiários e as novelas
- Participou uma única vez de um programa de rádio na Rádio Guarani
- Antes de comprar televisão assistia na casa de vizinhos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: SALVADOR PRIMO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 07 DE OUTUBRO DE 1991

Entrevista – fita 01 – lado A

TP: Bom, Sr. Primo, como estávamos dizendo para o senhor, é... para começar o senhor vai nos contar um pouco é... esses dados, o seu nome completo, o nome dos pais, a data de nascimento... o senhor podia nos falar e na medida em que eu for me lembrando eu vou perguntando.

SP: O meu nome é Salvador Primo. Meus pais, José Salvador e Vitalina Genari// Genari?// Genari.// Os dois eram italianos Sr. Primo? // A minha mãe é nascida de italiano, mas nasceu em Barbacena// Ah... já nascida no Brasil.../ Já nasceu no Brasil. Eu acho até antes do meu avô chegar aqui no Brasil. Minha avó veio na frente. Então eu *[inaudível]* nasci lá por Barbacena, até, se eu não me engano, até por uns cinco anos de idade, depois é que veio para Belo Horizonte.

TP: Mas então ela veio para Belo Horizonte logo quando a cidade foi construída? O senhor lembra da data que sua mãe veio?

SP: Olhe... eu não sei se foi logo quando a cidade foi construída. O meu pai, ele trabalhou aqui em Belo Horizonte com o meu avô, antes da capital vir para cá. O meu avô tinha umas carrocinhas, chamava carrocinhas de *[inaudível]* , hoje tem essas máquinas aí *[inaudível]* essas coisas todas, não é!? Então, o meu pai nessa ocasião tinha 15 anos

de idade, quando ele veio para o Brasil. Nessa ocasião que ele estava aqui abrindo as ruas na capital... A capital ainda era em Ouro Preto. Até tem uma passagem muito interessante, que o prefeito era o Dr. Adalberto Ferraz, e ele vinha de vez em quando, fiscalizar as obras aí, e teve um dia que ele perguntou ao meu pai – *“Cadê o seu pai? Chame-o que eu preciso falar com ele”*. Então, ele chamou, e o Dr. Adalberto falou com ele assim: *“Olha, escolha aí um pedaço de terra e cerca ele aí, que eu te dou a escritura do terreno”*. O meu avô perguntou ao meu pai: - *“O que que ele está falando aí”*. Ele não entendia bem o português. Então o meu pai explicou para ele. *“- Fala com ele que nós não vamos ficar aqui, depois nós vamos voltar para a Itália outra vez.”* Coitado, voltou coisa nenhuma.// Nunca mais voltou...// Nunca mais... O meu pai dizia assim: *“Para vida, talvez estivesse escolhido e passasse as férias aqui, quem sabe!? [risos]”*

TP: E essa história que o senhor está nos contando é uma história que o seu pai contava?

SP: Meu pai é que contava isso para a gente.

TP: E qual era o nome do avô do senhor?

SP: Era Carlo Salvador.

AT: E essas carrocinhas que ele tinha, ele trabalhava para... a comissão construtora...

SP: Ele trabalhava para a comissão construtora. Tinha lá pelos lados da Igreja Boa Viagem, *[inaudível]* o barracão da comissão, chamava barracão da comissão, que eles contavam. Meu pai era ainda rapazinho. Então, era ali que acho que tinha a comissão construtora.

AT: E ele então trabalhou na construção da cidade.

SP: É... abrindo ruas. O meu pai achava que era no bairro Funcionários, na rua Flávio Manoel, por ali, que trabalhava abrindo as ruas.// Era aquela região// É...

TP: Seu Primo *[inaudível]*antes de Belo Horizonte ser a capital, ele tinha por volta de 15 anos, que o senhor nos falou.

SP: É... tinha 15 anos.

TP: E de que região da Itália eles vieram, a família de seu pai, o senhor sabe?

SP: O meu pai ele nasceu numa cidade chamada *Pavia*, não sei se chama Pavio ou Pávia. Eu acho que... pertence a Milão//. A região norte da Itália// Eu acho que é... Pavia. Ainda não era bem Pavia, acho que era num lugarejo, que ele falava que se chamava *Tromello*// É... já ouviu falar? // Não.//

TP: Esse nome é novo paa mim. Mas como estava dizendo, depois a gente pode até ver se acha no mapa, não é!? Num mapa bom de Itália.

SP: Ele disse que era de Tromello// Tromello// É... Agora já os outros meus avós... que eram os pais de minha mãe. O meu avô era de Bolonha// De Bolonha!?!// É... e a minha avó era de Luca... E a minha mãe era filha única// Uma região mais central da Itália// É...// Sua mãe era filha única// Filha única. Tinha tido outros irmãos, mas morreram todos crianças.

TP: E no caso do seu pai. Ele tinha muitos irmãos?

SP: Tinha diversos. Eu acho que eram... uns seis ou oito...

TP: Todos nascidos na Itália ou aqui?

SP: Todos nascidos na Itália// Todos nascidos lá// Era.

TP: Vieram todos meninos?

SP: Vieram todos para cá.

TP: E o seu pai era o mais velho ou não?

SP: Não. O meu pai não era o mais velho não. Tinha um mais velho que ele. Acho que era minha tia. Ele era o segundo.

TP: E o que o senhor pode nos contar da história do seu pai com sua mãe. Porque o senhor nos disse que sua mãe nasceu em Barbacena.

SP: Foi.

TP: E a família do seu pai veio direto para Belo Horizonte. Aonde foi que os seus pais se encontravam? Foi aqui, em Belo Horizonte, ou foi lá, em Barbacena?

SP: Não... foi aqui em Belo Horizonte// Foi aqui...// É. A minha mãe foi morar na Lagoinha. Lá tinha uma quantidade de Italianos. Então ficou morando lá, até mocinha.

Eu não tenho bem certeza, porque eles não contavam bem essa passagem. Tenho a impressão que depois mudaram aqui para... aqui chamava, não era bairro Santo Antônio, não. Aqui chamava “Atrás do Palácio”.// Ah é... “Atrás do Palácio”.// Perguntavam: “- Onde você mora?” “- Eu moro Atrás do Palácio”. [risos] Então, eu acho que ele veio morar “Atrás do Palácio”. E quando ela se casou... eles se casaram aqui. Tinha uma cerâmica onde esse... esse Mackenzie... Era ali na Contorno... eram duas cerâmicas.// Até a Av. do Contorno.// É... até a Av. do Contorno.// Então eram grandes as cerâmicas!/?// É... Eram duas cerâmicas. Aqui de cima era do Poni e Josué. Ainda tem gente do Josué que mora aí.// É.// É... era do Poni e Josué. Uma cerâmica muito grande... muito importante, não sabe!? E lá embaixo tinha... a cerâmica do Paulo Simone. Já ouviu falar? // Já ouviu falar.// Tem até uma rua com o nome dele.// E eles casaram aí. Meu pai contava que... quando foram casar, foram de bonde// Ah, é!/?// [risos] // Foram de bonde para o casamento, naquela época não tinha carro, não é!? Foi até muito chique. [risos]

TP: Seu pai contava se na.. na fase de moço, dele na mocidade, ele freqüentava a colônia de italianos, os hábitos deles eram bem preservados ou eles viraram logo brasileiros? O senhor lembra de ouvir comentários?

SP: Se viraram brasileiros? Brasileiros logo?

TP: É... porque ele veio com quinze anos, mas os pais eram italianos.

SP: Nesse bairro aqui... esse bairro Santo Antônio, chamava “Atrás do Palácio”, tinha muitas famílias de italianos.

TP: Aqui também?

SP: Tinha muitas mesmo. E eu quando era menino, pequeno, eu ficava admirado quando via um senhor de idade, brasileiro, falando português correntemente. Porque eu estava acostumado vê tanto italiano, falavam com o sotaque deles.

TP: Sei, e o senhor estranhava era o português.

SP: Era o brasileiro. Como é que falavam tão bem. Tão corrente. [risos]

AT: Tinha hábito então, na sua própria casa, se falar um... meio italiano.

SP: Não. Meu pai não gostava de falar. Procurava falar sempre o português. Alguma palavra saía, era assim italianado. Agora, a minha avó não aprendeu a língua portuguesa

TP: A sua avó paterna?

SP: Materna. É. Nunca aprendeu. É... foi até morrer, não aprendeu.

TP: É mesmo?

SP: Acho que não fazia empenho, não. É, não é!? Era uma certa resistência. É... Ela era pequena assim. Às vezes ia levar a gente, ela era complexada, de tão pequena que ela era. Muito baixinha. Da minha altura ou mais. Italianão. Ela ia às vezes levar a gente no grupo... estava estudando no Grupo Afonso Pena. E depois eu estudei numa escola aqui na Grão Mogol com Carangola, ali tinha uma escola também. Era pertinho da minha casa. Eu fiz o primeiro ano ali e depois fui para o Afonso Pena e o segundo e o terceiro lá... depois eu fiz o quarto. No Grupo Afonso Pena.

TP: O Grupo Afonso Pena é aquele na João Pinheiro?

SP: É aquele. Então quando a minha avó ia levar a gente. Porque naquela ocasião andava aí... uma onda que tinha cigano roubando menino, então os pais mandavam alguém acompanhando os meninos, e a gente ia com ela. Era do tamanho da gente. Mas se passasse um menino perto dela, algum menino do grupo, que estava passando perto dela e como não achasse argumento xingava em italiano. *[risos]* Eles saíam desconfiados, deve estar xingando. Xingava mesmo. “- *Que é isso vovó?*” Não tinha nada, falava em italiano. – “*Mas ele está medindo aqui para ver se é maior que eu. Sem educação.*”

AT: Então me diga uma coisa. O senhor está dizendo que sua avó praticamente não aprendeu.

SP: Não o português. Não aprendeu de jeito nenhum.

AT: E o senhor e seus irmãos aprenderam o italiano, o senhor falou que seu pai não gostava muito de falar italiano. E o senhor se entendia muito bem com sua avó...

SP: É... Era fácil. Era fácil. A gente aprendeu alguma coisa com ela. Ela só falava em italiano, então a gente aprendeu com ela.

TP: Sr. Primo, uma outra coisa que ainda não nos contou. Os seus pais tiveram quantos filhos?

SP: Seis. Estão todos aí. Eu sou mais velho. São três casados. Eu sou o primeiro, depois tem um segundo que chama Alberto, ele mora na Serra. A terceira, a Clementina, morando lá no... bairro Floramar, ela mora em Contagem, a residência dela, não é!? Mas está passando uns meses aí na casa da tia dela porque está muito doente. Então está lá no Floramar. Tem a outra, Nair, esta mora lá no Planalto. E tem outra... Carolina, ela anda mal, muito mal, anda muito doente. Mora alí no Padre Eustáquio. E tem o caçula, o Sílvio. Nós somos seis.

TP: Os nomes não são muito italianos.

SP: Não. Só o meu. E Carolina também. O italiano gosta muito do nome Carolina, não é!?

TP: Tenho impressão que Sílvio também é um pouco, não é!?

AT: Sílvio eu acho que é um nome mais ou menos comum na Itália.

SP: Eu não sei. O nome do Sílvio, quem escolheu foi eu. Minha mãe falou assim: - *“Escolhe um nome para ele”*. E eu jogava no segundo quadro do Cruzeiro, na ocasião se chamava palestra.

AT: O Cruzeiros chamava Palestra?

SP: Se chamava Palestra – Itália. Esse Cruzeiro aí.

AT: O Cruzeiro, time de futebol.

SP: É... se chamava Palestra Itália. Então, veio um combinado do Rio Grande do Sul, jogar com um combinado mineiro, jogar aqui no Estádio Antônio Carlos.

TP: E onde ficava o Estádio Antônio Carlos?

SP: Ali onde é a Olegário Maciel até hoje.

TP: Ah... onde é a sede do Cruzeiro depois...

SP: Não, ali é do Atlético. No campo do Atlético.

TP: Ah... desculpe. Eu confundi com o Clube do Cruzeiro.

SP: É... ali é o campo do Atlético. Ali é que foi o jogo. Veio o selecionado gaúcho com o selecionado mineiro, aqui no Estádio Antônio Carlos. E eu nesse dia tinha jogado no segundo quadro pelo Palestra, contra o segundo do Atlético, fizemos o que se chamava preliminar, então eu gostei muito de um jogador do escrete gaúcho, chamado Sílvio, se eu não me engano chamado Sílvio Horta. Um sujeito elegante, jogava bonito. Então foi nesses dias que meu irmão nasceu. Eu lembrei, falei Sílvio. Porque ainda fica muito bom, tem dois esses, Silvio e Salvador.

TP: Então a escolha foi sua.

SP: Foi.

TP: Então me conta uma coisa, que idade o senhor tinha quando o seu irmão caçula nasceu?

SP: Eu tinha vinte e três.

TP: Nessa época então o senhor estava jogando lá no Palestra.

SP: É... vinte e três anos.

TP: E... é uma diferença grande entre o senhor e o filho mais novo, não é!? E os outros irmãos eles...

SP: Não. Os outros irmãos foram de dois em dois anos que nasceram.

TP: O caçula é que demorou mais?

SP: Demorou muito mais.

TP: E como é que era da sua família... quer dizer, o senhor como filho mais velho, é... o senhor ajudou na criação dos meninos, como é que era essa divisão em casa? Ou a educação dos filhos era por conta da sua mãe? Ou era mais ou menos dividido entre pai e mãe?

SP: Eu acho que tinha esse costume de *[inaudível]* de idade, todo mundo trabalhava em casa, sabe!? A minha mãe era lavadeira... e a gente então arrumava a casa. Lavava as vasilhas, botava feijão no fogo, carregava menino, ia buscar lenha, porque naquele tempo era fogão de lenha... Então,, era assim a vida da gente, depois a gente ia para a

escola. E o meu pai ele vendia *[inaudível]* carroça. Naquele tempo não tinha feira, não tinha supermercado, essas coisas não é!? Só tinha o mercado, esse Mercado Central que era lá onde hoje é a rodoviária. Ele vinha, comprava lá mercadoria dele e vendia mais fruta. As frutas era de uma Chácara que tinha aqui no Sion, chamava Chácara do Dr. Salles. Aquilo parece até um sonho de beleza, a chácara. Eu nunca tinha visto uma coisa desta. Tinha uns quarteirões, tinha até rua lá com nome, tudo limpinho, tão grande que era. E tinha aqueles quadros, como se fosse quarteirões, cada um com uma qualidade de fruta. Tinha mais era laranja, mexerica, laranja-da-bahia, laranja *[inaudível]*, laranja celeste, laranja-cacau, laranja-tangerina, laranja-cerra d'água. Todos as qualidades. E tinha uma mexerica que parece com esse “Pacu” que tem aí.

TP: Sei, de casca grossa.

SP: Com nome de mexerica fofa.

TP: Fofa?

SP: É...

TP: É... mas é um nome bem aplicado. Ela é fofa mesmo.

SP: Meu pai então vendia essas... ou verduras ou outros. São as frutas dali. E a gente às vezes também ajudava de manhã. Eu e meu irmão pegava um balaio cada um, dava uma volta aí no bairro Funcionários vendendo para ajudar.

TP: Com balaio?

SP: É... Eu com um ele com outro. Vinha aqui nessa cerâmica, também vender aí, vendia fiado lá para os trabalhadores. E eles recebiam o pagamento todo o Sábado, na hora do pagamento é que a gente recebia. Era assim a vida da gente. E ajudando a entregar roupa paa minha mãe... buscando. Tinha um colégio alí na... Rua Timbiras, para cima da... Rua Sergipe, chamava-se Colégio Cação, era das irmãs Cação. Já ouviu falar?

TP: Não.

SP: Elas tinham até muitas propriedades na rua... Sergipe... por ali. *[inaudível]* foi delas. Então a minha mãe é que era lavadeira, lá do colégio. O meu pai na Segunda-feira ia buscar com carroça tanta trouxinha aqui para ela. Era um colégio de moças.

TP: Era um internato?

SP: É... era um internato. Na rua Timbira lá pra cima da rua Sergipe. Depois venderam aquele colégio, as irmãs Cação venderam aquele colégio para um pessoal lá de... Curvelo. *[inaudível]* trouxe para cá o colégio Mineiro. E trouxe os alunos de Curvelo. Era uns trinta alunos mais ou menos.

TP: Foram transferidos.

SP: É... minha mãe então lavava a roupa para trinta! Mais de trinta! Alunos. Toda a semana meu pai buscava no saquinho, não é!? Cada um com a roupa em seu saquinho, tudo marcado. Então ele buscava na Segunda-feira e na proporção que ia ficando pronta, a gente também ia levando. Eu trabalhava dia e noite, às vezes ia até na madrugada, passando com aqueles ferros de brasa, não é!? Naquele tempo não tinha esse conforto de hoje.

AT: Era mais difícil, não é Seu Primo?

TP: Agora, nos conta uma coisa. O senhor disse que nasceu aqui mesmo nesse bairro.

SP: Nasci, ali na Rua Leopoldina.

TP: E... era uma casa que seus pais moravam nela, era uma casa própria, ou era dos seus avós, moravam alugados, o senhor sabe?

SP: Não, não era alugada não. Era num terreno dos meus avós, sabe!?

TP: Dos seus avós maternos?

SP: Não. Paternos. Eles moravam aí e o meu pai dez essa casa lá também. Metade da cada morava a minha família e na outra metade morava a família do irmão do meu pai. Depois eles se separaram, se desentendeu com a mulher... *[inaudível]* e depois só ficou o meu tio do outro lado. Então a gente morava ali.

TP: Então o senhor nasceu ali na rua...

SP: Nasci ali.

TP: Leopoldina.

SP: O número da casa era trezentos e quarenta e seis, na rua Leopoldina. Hoje tem um prédio colossal ali. A senhora não morava ali?

TP: Moro.

SP: Não fizeram um prédio ali... Grande, grande. Quase na esquina com a Congonhas? É quase na esquina. O terreno do meu avô vinha quase ali da rua Carangola, uns três lotes paa cá, vinha Congonhas e vinha Leopoldina... uns sessenta metros, um negócio desse. Era grande.

TP: Era um terreno.

SP: É... depois que eles morreram, foi dividido em lotes para os filhos, deu um lote para todo mundo ali. Deu uns oito ou dez lotes.

TP: Senhor Primo, o senhor nasceu ali e morou até que idade?

SP: Eu morei ali até dezesseis anos. Depois nós mudamos lá para a rua Ceará, que com doze anos, quando eu saí do grupo, com doze anos... eu saí com doze anos do grupo. Já daí eu fiquei... sem obrigação assim mesmo propriamente dita, um mês mais ou menos. Fui para o ofício... de sapateiro. Estou até hoje. Fui ali trabalhar na rua Santa Rita. Um dia meu pai chegou lá em casa. E eu queria trabalhar na cerâmica, porque os dois companheiros que me animaram trabalhavam na cerâmica. E no Sábado aparecia lá com os meninos dele, e eu estava doido para trabalhar. E o meu pai falou: “- *Não, pior serviço que tem é o desses trabalhadores de olaria.*” [inaudível] Então sabia que era um serviço muito ruim, porque não dava [inaudível] caminho para ninguém. Então tenho que aprender algum ofício. E um dia ele chega lá em casa: “- *Arranjei um ofício para você de sapateiro ali na... rua Santa Rita*”. E eu tinha vontade de aprender... era de marceneiro. Eu queria muito aprender marcenaria. Tanto que, junto da minha casa, tinha uma família onde tinha os carpinteiros e eles tinham lá carpintaria, família de italianos também. Tinha um galpão, atrás da casa deles e eles trabalhavam à noite. E eu vinha da sapataria, jantava e ia para lá ajudá-los.

TP: Então o senhor aprendeu um pouquinho o ofício de marceiro?

SP: Um pouquinho. Eu gostava daquele serviço de madeira, mexer com verniz. Achava melhor do que sapateiro. [risos]

TP: Disso ainda nós vamos falar um pouco. Mas deixe eu perguntar uma coisa para o senhor. Sobre o ofício do seu pai, que era de vendedor. Era vendedor depois botou um barzinho...

SP: Um ambulante.

TP: Agora conta para nós essa chácara que o senhor nos falou, onde tinha muitas frutas, que seu pai comprava lá. Mas ele comprava direto lá do produtor de frutas ou também comprava lá embaixo no/

SP: Não. No mercado ele comprava outras coisas que não tinha ali. Como frango... ovos, essas coisas assim. Era preciso ir lá no mercado. Banana... banana vinha de uns tropeiros daqui de Piedade e Paraopeba. Acabou até que eu casei, porque a minha mulher era de lá. Era filha de um tropeiro. *[risos]* Ele vendia mais era laranja, gostava mais de vender laranja. Tinha uma freguesia imensa aqui no bairro Funcionários. Vendia... para receber no fim do mês. E era no bairro dos Funcionários. Porque os funcionários só tinha dinheiro no fim do mês.

TP: Quando ganhava um salário, não é!?

SP: É... então ele vendia para uma freguesia imensa. Eu era que tirava as contas para ele, todo fim de mês. Dr. Fulano de tal, Dr. Fulano de tal, Dr. Magalhães... essa gente toda.

TP: Um monte de gente importante!? Seu Primo, então seu pai vendia só nessa região da cidade. A freguesia dele era mais nessa região aqui.

SP: É...

TP: Não ficava comercializando na cidade toda.

SP: Não... não. Era assim da... rua Espírito Santo até lá na rua Maranhão.

TP: Tudo isso chamava bairro Funcionários na época, ou pegava algum pedaço do outro?

SP: Não sei se aqueles lados do Espírito Santo chamava também. Aqui na... Pernambuco com rua Alagoas... Aqui tudo era... rua Ceará... Colégio Arnaldo. Ele até ia no Colégio Arnaldo, mais ou menos, e depois voltava.

TP: Desde menino todo mundo na família trabalhava, como sua mãe trabalhava nesse serviço de lavar roupa, vocês que eram crianças tinham que trabalhar em casa para/

SP: Quando eu estava aprendendo o ofício. O meu irmão é que tinha feito o almoço, mais ou menos, para mim. Fritava uns ovos, uma coisa. Então era assim. Depois também eu fiz o ofício de sapateiro e foi assim dessa maneira.

TP: E os filhos todos aprenderam com essas tarefas domésticas.

SP: Todos aprenderam. A gente arrumava as camas. *[risos]*

TP: Não existia naquela época a figura da empregada doméstica ou sua família não/

SP: Não, não existia não. A gente não tinha condições. Não tinha condições financeiras. A empregada doméstica só dessa gente maior aí.

TP: Os funcionários mais graúdos.

SP: É... tinha empregada que não saía nunca da casa. Sentia-se até, diferente de hoje, orgulhosa, porque trabalhava na casa de fulano de tal. Ficava uma vida, não é!? Passava até a pertencer a uma família.

TP: Seu Primo, com relação ao trabalho de sua mãe. Você estava dizendo que ela lavava roupa e pelo visto era muita roupa, dos colégios, dos meninos internos...

SP: Depois ela estudou e foi ser parteira. Ela foi trabalhar na Santa Casa, trabalhou com o doutor *[inaudível]*

TP: Depois de casada, Sr. Primo?

SP: Depois de casada. Mudamos ali para a rua Ceará, em frente onde eu trabalho. Eu já trabalhava lá, sabe!? O meu pai comprou... Eu fui trabalhar de empregado com um sapateiro lá. Depois o sapateiro resolveu vender a oficina para mim, porque ele montou outra na rua da Bahia com Timbiras. A gente ficava revezando, uma hora eu ia trabalhar, tomar conta daquela da rua da Bahia quando eu ficava lá. Um dia ele resolveu e ofereceu, o meu pai comprou. Depois mudamos para lá. Daqui da rua Leopoldina mudou também a família para lá. Botou um barzinho lá, junto da sapataria. E aí minha mãe então resolveu... Naqueles tempos tinha as parteiras, não é!? Então ele resolveu fazer um curso de parteira.

TP: Isso os filhos já estavam criados, os seus irmãos já estavam todos, mais ou menos grandinhos?

SP: É... Eu tinha... nessa ocasião eu tinha uns dezoito anos, mais ou menos.

TP: Então o senhor já tinha... Quer dizer o caçula ainda não tinha nascido?

SP: É... o outro nasceu quando eu tinha vinte e três anos. Então ela foi, fez um curso de parteira, trabalhou na Santa Casa por muito tempo, com o Dr. Agenor *[inaudível]* com o Dr. José Benedito dos Santos. Trabalhou por muito tempo.

TP: E o seu pai incentivou a fazer esse curso? Porque não era muito comum...

SP: Ela é que resolveu. Tinha uma senhora lá, mais ou menos nossa vizinha, porque a gente morava na rua Ceará. E essa senhora morava na rua Piauí. Era Dona Maria Rocha, era parteira lá. Acho que foi influência de D. Maria. Minha mãe então ficou praticando com D. Maria Rocha. Trabalhou lá muito tempo. Mamãe morreu muito cedo. Mamãe morreu com cinqüenta e três anos.

TP: Muito nova.

SP: Foi de repente. Meu pai tinha o bar lá na Avenida do Contorno, esquina com *[inaudível]* Navarro. E ela trabalhava na Santa Casa. E ela ia lá para casa depois do almoço e só voltava lá para as cinco horas, sabe!? Na hora de visita/

FIM DO LADO A DA FITA 01

Entrevista – fita 01 lado B

TP: O senhor estava falando...

SP: Que minha mãe tinha problema cardíaco. Tinha até... Ela trabalhava na Santa Casa, e vinha para casa todo o dia, ali... por volta de uma hora quase duas, porque era o horário de visita lá na Santa Casa, quando não tinha trabalho de urgência, depois voltava lá para cinco, seis, às vezes até de noite, mas dormia na Santa Casa. Mas, como ela tinha esse problema. Meu pai tinha saído com a charrete, ele tinha uma charrete, dado um pulo lá no mercado para fazer umas compras de ovos, essas coisas que eu lhe falei, não é!? Queijos, essas coisas para trazer// para trazer para o bar// para o bar. E nesse meio tempo que ele ficou lá. Ela estava até lá dentro de casa, fritando toucinho, porque naquele tempo não tinha óleo, para a minha irmã Nair que estava no bar. Ela fez um café lá e foi lá. Falou para Nair: “- *Você vai lá tomar um café e por uns paus de lenha lá no fogo que está fritando o toucinho.*” Foi nesse momento que a Nair foi lá para dentro, chegou lá no bar, meia dúzia de pessoal lá em pé do morro, embriagados, brigando. Então alguém lá do bar, lá dentro, gritou: “*Ei, moça [inaudível]* E ela pedindo que deixasse isso e ficou zerado e morreu ali. *[inaudível]*”

TP: É mesmo?

SP: Morreu com cinquenta e três anos.

TP: Muito nova, não é!?

SP: É... Muito nova. Meu pai até aborreceu e vendeu o bar. Não quis mais saber do negócio. Vendeu para o meu cunhado, assim que ela morreu. E ele ainda viveu muito tempo. Ele era mais velho do que ela, acho que uns *[silêncio]*. Quando eles casaram, ela tinha quinze anos, ele vinte e sete... Acho que uns doze ou treze anos.

TP: É mesmo?

SP: ... mais velho que ela.

TP: Ela casou menina!?

SP: Menina, quinze anos. E ele ainda viveu... Morreu em... quase com setenta anos. Ela morreu com cinqüenta e três. Ela morreu em 1947. E ele morreu em 1960. Ainda viveu treze anos.

TP: Voltando um pouquinho. Nessa trajetória que o senhor está nos contando, nasceu aqui, a família morando no Santo Antônio, depois se mudaram para a rua Ceará, e o seu pai trabalhava antes de ambulante, e depois ele montou um bar, sua mãe primeiro trabalhou como lavadeira, depois como parteira. Então eu poderia dizer assim que a família melhorou de vida nesses anos, em termos das condições de vida...

SP: As condições de vida melhoraram bastante. A gente já trabalhando também. Eu e meu irmão trabalhando. A gente trabalhava para casa. Tinha a sapataria, nossa. Chegava no Sábado aquela *[inaudível]* da sapataria, a gente entregava tudo. Até no dia do meu casamento, eu entreguei tudo. Depois é que começou a ficar para a gente.

TP: Aí então, o que os filhos ganhavam, fazia um “bolo” e ia para a família!?

SP: Ia para o monte. Era assim. Compramos a casa, aquela casa, compramos a prestação// lá da rua Ceará//. Não. Lá da Avenida do Contorno, esquina com o Juiz Costa Couto. Compramos a casa a prestação, então a gente dava duro. Meu pai abria o barzinho às quatro horas da manhã e ia até meia noite. Eu e meu irmão vínhamos para a sapataria também no escuro. Vinha almoço e janta na sapataria. A gente ficava na sapataria até às dez horas da noite também, todo o dia. Para poder pagar a casa.

TP: Para trabalhar mesmo para fazer o dinheiro.

SP: É... minha mãe como parteira...

AT: E as irmãs? Elas trabalhavam fora ou trabalhavam só em casa?

SP: Minha irmã?

AT: É. As três irmãs.

SP: Uma casou. Já era casada. Ela também casou muito nova. Essa que morou no Floramar. E ficaram duas solteiras. Elas ficavam tomando conta da casa.

TP: Não trabalhavam fora não?

SP: Fora não.

TP: E garantiam o funcionamento da casa enquanto os outros trabalhavam.

SP: Eu e meu pai no bar. Quando ele saía assim, fazer as compras dele, minha mãe ficava no bar. Então fazia aquele conjunto.

TP: Seu Primo vamos falar um pouquinho da escola. Nós passamos meio rapidamente. O senhor nos contou que estudou aqui nesse grupo, na rua Congonhas...

SP: É... Não era nesse grupo João Pessoa. Era numa escola que tinha lá.

TP: No mesmo lugar que hoje é o grupo?

SP: Não. Lá na outra esquina. Era uma escola que tinha um salão. Onde tinha todas as classes. Primeira, Segunda, terceira e quarto ano.

TP: No mesmo salão?

SP: No mesmo salão. Era uma professora só. Chamava//

TP: Era uma escola pública?

SP: Era escola pública.

TP: Era da prefeitura ou do Estado?

SP: Eu acho que naquele tempo não tinha escola da prefeitura não. Só do Estado. Eu acho que era só do Estado. A professora se chamava D. Raimunda. Primeiro ela arguia o primeiro ano, dava o dever, depois o segundo, não é!?

TP: E o senhor foi para a escola com que idade Seu Primo?

SP: Eu ainda não tinha sete anos. Só podia entrar com 7 anos. Então eu tinha uns seis e pouco.

TP: Falar nisso, eu esqueci de perguntar no início, a data certa do seu nascimento.

SP: Quatro de novembro... de 1910. Eu cursei um ano. Fiz o primeiro ano ali nessa escola. Depois fui para o Grupo Afonso Pena. Fiz o segundo e o terceiro lá. O terceiro eu repeti.

TP: É!? O senhor era meio malandro?

SP: Não sei. *[risos]* Meu pai, ele vendia as verduras dele, as frutas, lá na casa da professora. Chamava D. Alice... Silveira. Morava ali na Prof. Moraes. Tem uma rua até ali em cima com o nome do pai dela, rua Antero da Silveira. Ela era filha do Sr. Antero da Silveira. Então D. Alice falou comigo, com meu pai assim: “- *O terceiro ano, é muito apertado. O Primo está muito novo...*” *[inaudível]* *[risos]*

TP: Me conta então, porque o senhor mudou de escola, saiu daqui e foi para o grupo. Porque o grupo era melhor?

SP: Não sei bem. Não lembro porque mudei para lá não. Tinha muitos meninos que iam para lá.

TP: E essa escola aqui que o senhor estudou no Santo Antônio, o senhor estava dizendo que era no salão só, onde funcionavam todas as classes. E a professora era a mesma. Ela dava aula para um grupinho, depois para outro...

SP: É... ela passava os deveres para aqueles, passava para o segundo, passava para o terceiro, para o quarto.

TP: É mesmo!? Que coisa!! A professora...

SP: Fabulosa. Estimada. Chamava-se D. Raimunda.

TP: Então enquanto ela estava dando aula para a outra classe, o senhor estava lá fazendo os deveres.

SP: Ou fazendo desenho... ajeitava lá a coisa. Ela sozinha.

TP: E o senhor se lembra se ia para a escola de manhã ou à tarde, Sr. Primo?

SP: A minha era à tarde. Depois eu fui lá para o Grupo Afonso Pena, adorava ir de manhã. Para levantar bem cedo e ficava o resto da tarde, a gente podia matar um passarinho, qualquer coisa. *[risos]*

TP: Pois é. É disso que queremos saber. Nesse tempo. Quer dizer, o senhor foi para a escola com menos de sete anos, apesar do senhor ter as tarefas em casa, que desde pequeno o senhor fazia. Mas, e o tempo livre? Que não estava nem na escola, nem trabalhando dentro de casa? Qual que era a distração do senhor?

SP: Olha. A gente tinha um carrinho de direção. Porque naquele tempo a gente é que tinha que fazer os brinquedos da gente.

TP: Não existia nada de brinquedo pronto?

SP: Não. A gente chamava de carrinho de direção. Era um carrinho de quadro rodas. A gente levava lá em cima na rua Leopoldina e com os pés dirigia, que é assim [*indica com gestos*], sabe!? Na roda da frente e vinha aquela quantidade de menino e ia parar lá perto da Av. do Contorno.

TP: E esse carrinho de direção é semelhante ao que hoje em dia os meninos chamam de carrinho de rolimã, era aquelas rodinhas pequenas ou... Você sabe o que é carrinho de rolimã?

SP: Não... era desse tamanho assim [*Faz gesto com a mão*]. E também a roda era de madeira. Tinha uns carpinteiros ali na rua Leopoldina, na rua Carangola, fazia as rodas para a gente. Tinha gente que montava o carrinho. Comprava um caixote, um caixotinho com a régua de baixo assim, prendia no caixote e arruava um parafuso no meio. A parte da frente era dirigida com os pés.

TP: E às vezes desciam feito uns doidos essa rua Leopoldina.

SP: É... Ou senão vinha tomar banho ali naqueles regos, de vez em quando eu entrava porque vestia, eu usava aquelas camisas que chamava... lembra que falavam camisa de malandro!? Aquelas camisas riscadinhas que fazia de meia. E eu chegava em casa com a camisa do lado avesso. [*risos*]

TP: Era sinal de que já tinha pintado lá no/

SP: “*Depois falavam que eu tinha jogado bola. Mas não fui não. Foi.*” Eu não descobria quando a camisa estava pelo avesso, bem que eu olhava bastante. Acabava vestindo pelo lado avesso. [*risos*] Ou senão a gente ia soltar papagaio lá no alto do morro. Isso era aos domingos, uma quantidade. Porque os meninos todos trabalhavam naquela ocasião. Como eu lhe falei, uns trabalhavam na cerâmica, outros no ofício, uma quantidade que foi ser sapateiro, barbeiro, alfaiate, carpinteiro. Outros na cerâmica. Não ficava nenhum à toa. E aos domingos a gente ia lá para... A gente falava o alto do

campo. Era no fim da rua Leopoldina. Já ouviu falar que a gente chama o “alto do papagaio”!?

TP: É...//

SP: Já ouviu falar?

TP: Já.

SP: Eu tenho a impressão que esse “alto do papagaio” foi tirado do alto do campo, que a gente ia lá soltar papagaio, uma quantidade, porque fazia muito vento, era uma planície, não é!? Mas que o papagaio não subisse muito, lá para atrás era aquela... aquele despenhadeiro, ficava sempre no ar, não é!? Então a gente ia para lá, aos domingos.

TP: E só os meninos, ou iam os adultos também? O seu pai acompanhava você?

SP: Não. Só a meninada. É... a meninada.

TP: E a meninada incluía meninas também, ou só os meninos?

SP: Não. Só os meninos.

TP: As meninas não participavam dessas brincadeiras.

SP: Os pais daquele tempo não são iguais aos pais de hoje. Levam os meninos, andam juntos com eles. A gente tinha aquele respeito deles, não iam com a gente não. A gente vivia lá com as brincadeiras da gente.

TP: E seu Primo, nos conta uma coisa. Os seus pais eram bravos?

SP: Não. A gente tinha aquele respeito deles. Porque tinha pais aí que, puxa vida, naquele tempo, eles batiam nos filhos. Os nossos pais nunca bateram na gente. Mas tinha pais dos companheiros da gente, que era uma coisa horrível.

TP: Batiam muito... castigavam as crianças.

SP: Castigavam as crianças. E até nas mulheres batiam. Tinha muita gente que falavam que os italianos... que o povo italiano, era danado paa bater nas mulheres. Mas diversos batiam mesmo porque a gente ficava sabendo.

TP: *[inaudível]* à toa, não é!?

TP: Mas então em sua casa, nem seu pai nem sua mãe eram bravos?

SP: Não. A gente tinha era muito respeito deles. Minha mãe era mãe geniosa que nem pai. E sempre um tem que ser mais genioso que o outro, não é!? *[risos]* E lá era a minha mãe.

TP: E seu Primo, dos seus irmãos, teve algum que o senhor teve uma afeição especial, foi mais amigo, mais companheiro de brincadeiras? Algum deles ou... não era. Era todos irmãos do mesmo jeito?

SP: Era do mesmo jeito. Eu e meu irmão, a gente ia para o futebol// o Alberto!?! O Alberto. Nós fundamos um clube aqui na... no bairro Funcionários, em 1927, mais ou menos, e um clube muito forte. A meninada toda ia.

TP: Um clube de futebol?

SP: É. Com uns rapazes aí do bairro dos Funcionários, chamava-se Ipiranga. Depois é que criou a Liga.

TP: E o senhor foi um dos fundadores do Ipiranga?

SP: É... Até o nome Ipiranga, eu é que sugeri. Tinha um clube em São Paulo que chamava Ipiranga. Sabia o nome desse clube e achava bonito, então eu sugeri.

TP: O senhor era ligado em nomes.

SP: É. Então ficou um clube muito forte. Eu e meu irmão jogava aí, até o clube acabar. Aí os jogadores desse clube, Ipiranga, uns foram lá para o Atlético, outros para o América, outros não jogavam mais, outros foram paa o Palestra.

TP: E o gosto pelo futebol, o senhor teve desde menino, desde pequeno?

SP: É. Gostava muito de futebol.

TP: Aprendeu a jogar na rua com os amigos?

SP: É... na rua.

TP: E aqui no Santo Antônio, quando o senhor era menino, o senhor costumava jogar aonde? Porque o bairro Santo Antônio era um bairro cheio de morros!?

SP: Quando eu era menino mesmo, de dez anos assim, aí a gente fazia “pelada” na rua Congonhas mesmo ali. Ou senão a gente jogava com os meninos da rua Leopoldina desafiavam os da rua Viçosa, vinham jogar aqui. A gente fazia essas peladas. E fizemos um campo onde é hoje a rua Cristina, atrás da Copasa, chamava “Campinho”. Então tinha o nosso “campinho” lá. A gente jogava lá. Fazia “vaca” como se dizia, comprava a bola, e a gente fazia as “peladas” lá no “campinho”.

TP: E a bola, era essa bola de couro de hoje?

SP: É... não é igual a essa não. Porque as bolas antigamente, assim oval, muito diferente. Hoje é aperfeiçoada de couro, redondinha, não é!?

TP: A do seu tempo não era tão perfeita!

SP: Ah... não.

AT: E o senhor falou desse Sílvio que o senhor conheceu, do Clube Ipiranga de São Paulo. Como o senhor ficava sabendo? Era rádio, jornal?

SP: Não tinha rádio naquele tempo. A gente ouvia falar.

AT: E jornal!? O senhor via alguma coisa, ou não!?

SP: O jornal que a gente via naquele tempo era o Minas Gerais. Todo Domingo a gente lia o Minas Gerais para ver o programa do cinema, que a gente acompanhava o seriado, no cinema América. Tinha o nome de Poeira. Cinema Poeira.

TP: É?! E onde era esse cinema!

SP: Esse cinema era ali na rua São Paulo esquina com Carijós. Em frente àquela... àquele edifício Cecília. Depois *[inaudível]* . Era ali que era o Poeira. Era o Poeira. Poeira porque a gente ia de Segunda classe.

TP: Que era no segundo andar!?

SP: Na Segunda classe era banco, era de banco e era mais na frente, perto da tela. O pessoal era assim em nível, não tinha aquele cimento nem nada.

TP: E daí o ingresso era mais barato!?

SP: O ingresso era mais barato. Mas para comprar o ingresso... puxa vida... naquele tempo não tinha inventado a fila. *[risos]*

TP: Então era aquela multidão.

SP: Faltou a gente morrer para comprar o ingresso. Eu pagava mais um pouco. Meu pai me dava um mil réis... um mil réis para mim e um mil réis para meu irmão. E a entrada custava seiscentos réis. Aí era mais duzentos réis para bala e duzentos réis para o bonde, para dar um tostão para poder voltar. Mas a gente não comprava bala não, porque comprava lá daqueles que comprava a entrada lá.

TP: Olha só... é cambista que chama// cambista// Já tinha naquela época então.

SP: Tinha o guichê de venda de segunda classe, era num pátio lá no fundo assim. E o portão *[inaudível]* aquele pátio cimentado. Lá, naquele buraco onde ficava o homem para vender os ingressos. E ficava o portão aqui... já no portão ficava aquela aglomeração daqueles meninos, que a gente falava daqueles meninos da roça... da Barroca. Seria igual a esses pivetes mas não tinham esses costumes dos pivetes. Era os meninos da turma do “Ferrinho”. A turma do “Ferrinho”, era a turma dos meninos que trabalhavam para a Prefeitura... ficava lá limpando o calçamento com aqueles ferrinhos... já ouviu falar?

TP: Já sim.

SP: Eram aqueles meninos da turma do ferrinho. Que tirava os matinhos do meio dos paralelepípedos. Aquela grama entre as pedras... não é!? Então ficava aquela aglomeração... uns cinqüenta ou cem meninos ali para a segunda classe, porque era mais barato. E o guarda ficava ali de dentro do portão.. controlando. E todo mundo ali. Ele ia abrir o portão. Também ele abria o portão e tirava o corpo fora para passar. Aquela turma toda ia direto no guichê, a gente ficava mais para trás, porque os maiores agarravam naquelas gradinhas, porque o guichê tinha umas gradinhas, assim metálica, segurava ali, todo mundo de paletó, chapéu, chapéu saindo para cima, o paletó virava para cima também, comprado dez ou vinte, ou não sei quanto lá, e saía com aquele bolo de entrada lá para o canto e aí que vendia para a gente. E aí vendia a oitocentos. É... E o senhor pagava. Ah... pois é preciso morrer para entrar lá.

TP: O cinema tinha também a parte da primeira classe. E era separado... Não tinha separação?

SP: Era separado. Tinha assim uma gradinha de madeira. Que dividia o pessoal da primeira e de segunda classe. É...

TP: E o senhor, por acaso, se lembra... o ingresso de segunda classe o senhor disse que custava seiscentos, não é!? E na primeira o ingresso era muito caro, o senhor lembra?

SP: Era mais caro um pouco. De vez em quando faltava luz// no meio da seção// É... no meio da seção, muitas vezes, faltava luz. Então aquela “bateção” de vez, assobios ensurrecedores. *[risos]* E outros começavam a gritar para a orquestra... Você já ouviu falar daquela música, “Com que roupa?”

TP: Não.

SP: Não!?. “Com que roupa?”

TP: Com que roupa eu vou?

SP: É... então eles batiam o pé e gritavam: “Com que roupa? Com que Roupa”. Aí o pianista lá... era a D. Paquetita Gonzaga, morava até perto da sapataria Sapecava. “Com que Roupa lá?” e a meninada toda cantando “Com que roupa.” *[risos]*

TP: Era a diversão ir ao cinema. E isso acontecia com que idade o senhor tinha, quando o senhor estava liberado para ir ao cinema sozinho?

SP: Aí eu tinha... uns treze anos... doze ou treze anos.

TP: Era bem menino.

SP: É... mas ia aquela turma do bairro Santo Antônio.

TP: E sempre no Domingo//

SP: Todos os domingos//

TP: Domingo à tarde.

SP: Domingo à noite. O cinema começava sete horas e tinha duas seções, a gente ia na primeira, lá pelas nove e pouco a gente voltava, já estava chegando em casa.

TP: E o senhor então, conhecia a pianista?

SP: Conhecia. Eu fiquei conhecendo depois, porque ela morava na rua Aimorés, perto da sapataria.

TP: Era mais ou menos vizinha

SP: É... depois ficou íntima da gente, eu conheci os filhos dela, gente muito boa. A pianista, o flautista, chamava seu Fausto.

TP: Tinha um flautista também?

SP: É... um tocava *[inaudível]*

TP: É mesmo?! Então era uma orquestra que tocava no cinema. Pensei que era somente o pianista.

SP: Não. Tinha D. Pequetita no piano, o Seu Fausto na flauta, Seu *[inaudível]* na clarineta, tinha um outro velho no contra-baixo, não sei o nome dele agora. Era uma orquestra.

TP: E Seu Primo, que tipo de filme o senhor via no cinema? Era “bang-bang”?

SP: Era seriado, não é!? “*Farowest*”. No cinema passava... em primeiro lugar passava o jornal, acontecimentos mundiais.

TP: Então era um “jornal do mundo”, notícias do mundo inteiro.

SP: É... passava a Inglaterra, da rainha, não sei aonde, aquelas coisas, aqueles filmes. Depois passava uma comédia. Do Carlitos, do Gordo e o Magro *[inaudível]* . Depois tinha um drama também, e depois vinha o seriado.

TP: Que era o que o senhor gostava mesmo.

SP: É... *[silêncio]*

TP: Quando o senhor foi para a escola, os anos que o senhor passou na escola aqui e lá embaixo no Grupo. O que o senhor gostava mais de estudar?

SP: Eu gostava mais de desenho. No desenho eu caprichava mesmo, eu gostava. Quando tinha aula de desenho eu gostava mais.

TP: A escola, sua tarefa escolar, se resumia a fazer os trabalhos lá na escola, ou o senhor trazia dever para casa.

SP: Trazia dever para casa também. Decorar... tinha que decorar pontos também. Tinha que levar decorados porque a professora argüia lá. Então a gente tinha que saber. Com aquilo mais ou menos afiado.

TP: E em casa o senhor estudava sozinho ou o senhor tinha ajuda de alguém. Os seus pais/

SP: Não. No princípio a minha mãe me ajudava um pouco, depois ela não sabia mais para ensinar.

TP: Aí, o senhor tinha que se virar sozinho.

SP: Meu pai também não sabia nem ensinar. Ele sabia mau mau ler e fazer as contas. Então a gente tinha que prestar atenção na escola e depois os livros, não é!? Era assim que a gente fazia... deveres.

TP: E o senhor, como o filho mais velho, o senhor costumava ajudar os irmãos mais novos às lições ou não?

SP: Cada um se virava.

TP: E o senhor freqüentou a escola até a idade de doze anos.

SP: É, com doze anos.

TP: Com doze anos, o senhor então foi aprender o ofício.

SP: Foi. Eu saí em novembro e quando foi dezembro, assim, eu saí para o ofício. Estou até hoje.

TP: Mas isso foi uma decisão do senhor ou era uma coisa natural, assim por exemplo, na época/

SP: Eu tinha muita vontade de trabalhar em qualquer lugar.

TP: Mais do que continuar estudando.

SP: É. Depois eu ainda estudei um pouco na Escola de Comércio que tinha lá na rua Goitacazes, onde é a C & A agora. Ali tinha uma escola, aliás Escola Livre de Comércio. Como eu falei, o meu pai vendia frutas aqui no bairro Funcionários, tinha um professor, chamado Emílio, doutor Emílio Jacó, então meu pai contou para ele, que tinha um filho, para aprender o ofício. Depois fui estudar lá de graça, sem pagar nada

porque ele não tinha condição. Então eu estudei lá um ano também. Eu ficava na sapataria até umas cinco horas, mais ou menos, ia em casa, jantava, trocava de roupa e ia lá para a escola, na rua Goitacazes.

TP: Isso logo depois que o senhor foi trabalhar na sapataria, com doze, treze anos.

SP: É, com doze ou treze anos.

TP: Então durante um ano, o senhor fez o curso na Escola de Comércio.

SP: É... depois a escola acabou, não continuou. Eu não continuei porque a escola acabou também.

TP: Aí o senhor só continuou trabalhando.

SP: Continuei na sapataria ali na rua Santa Rita e depois trabalhei numa fábrica lá na rua Espírito Santo. No centro não tem uma casa *[inaudível]*, conhece?

TP: Conheço.

SP: Esse *[inaudível]* tinha uma fábrica de calçados, na rua Espírito Santo, abaixo da Amazonas. Era tudo feito á mão. Então eu trabalhei lá também, aprendendo. E depois eu vim para Ceará e fiquei até hoje.

TP: Ainda dentro da sua meninice, Sr. Primo, o que era Belo Horizonte naquela época? Que mais o senhor conhecia além do que o senhor já falou? O que o senhor achava da cidade? O senhor tinha uma sensação que Belo Horizonte era uma cidade grande ou parecia pequena para as crianças? Como é que era isso? Onde era que o senhor passeava? O senhor já nos contou que vinha aqui em cima...

SP: É... isso era para soltar os papagaios, armava arapuca para pegar passarinho, não é!? E tinha... a gente chamava o “mato da caixa”, onde era a Copasa, era a caixa d’água. Caixa d’água era no Santo Antônio. Mas vinha até na rua Leopoldina... era tudo mato. Era ali o “mato da caixa.” Então a nossa diversão era armar arapuca para pegar passarinho e pegava muito passarinho ali.

TP: E que tipo de passarinho tinha ali. São os passarinhos que tem por aí hoje?

SP: Era sabiá... esses passarinhos... bem-te-vi, cabeça preta. O bem-te-vi não era passarinho de gaiola. Esses cabecinhas preta. Aqui embaixo, mesmo em frente onde á o

Mackenzie do lado de cima, tinha uma horta muito grande. Então aos domingos pela manhã, porque tem época que dá muito passarinho. A gente vinha, a meninada toda do bairro Santo Antônio, “Atrás do Palácio”, com gaiolas, e enchia a cerca de gaiola penduradas com alçapão para pegar os passarinhos que ficava na horta, a gente pegava muito cabeça preta. Isso era Domingo de manhã e ia a meninada toda. E engraçado, naquele tempo, a meninada toda tinha obrigação a semana inteira. Mas aos domingos a gente ficava liberada para as coisas da gente.

TP: Até aos sábados tinha obrigação de trabalhar.

SP: Claro. Sábado ainda era pior, a gente ia até tarde. É.

FIM DO LADO B DA FITA 01

A	I
Atrás do Palácio, 4, 28	Ipiranga, 21, 22 Itália, 2, 3, 6
B	L
Bairro Funcionários, 2, 8, 11, 12, 21, 27 Bairro Santo Antônio, 4, 22, 24, 28 Belo Horizonte, 1, 2, 3, 4, 27	Lagoinha, 4
C	M
Cinema América, 22 Cinema Poeira, 22 Colégio Cação, 9 Colégio Mineiro, 9 Cruzeiro, 6, 7	Mercado Central, 8
E	P
Escola Livre de Comércio, 26 Estádio Antônio Carlos, 6, 7	Palestra, 6, 7, 21
G	R
Grupo Afonso Pena, 5, 17, 18	Rua Ceará, 10, 12, 13, 16 Rua Leopoldina, 10, 13, 19, 20, 22, 27
	S
	Santa Casa, 12, 13, 15
	T
	Turma do “Ferrinho, 23

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: SALVADOR PRIMO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 14 DE OUTUBRO DE 1991

Entrevista – fita 02 – lado A

TP: Sr. Primo, o senhor nos contou na semana passada, do seu costume de ir ao cinema no Domingo à tarde, e o senhor nos relatou um pouco o que que era esse programa quando ainda era menino. Nós queríamos saber do senhor se nessa época, passando da infância para a adolescência, se o senhor freqüentava outros lugares em Belo Horizonte. Se o seu pai ou a sua mãe tinham tempo para levá-lo ao Parque Municipal ou se a Praça da Liberdade era um lugar que vocês costumavam passear? E as outras praças da cidade como a Praça Sete. Se o senhor freqüentava clubes. Se tinha circo.

SP: Tinha isso tudo. Esses lugares todos que você falou. No Parque Municipal quem ia me levar era o meu avô, o pai de minha mãe, sabe!? Ele gostava muito da gente, muito carinhoso. Muito diferente do outro meu avô, o pai de meu pai. Parecia que ele não gostava de criança, dos netos, nem conversava com a gente.

TP: Era mais seco.

SP: Era mais seco. Mas o meu avô chamado, o avô materno – Genaro – ele nos levava ao parque, porque era... tinha um Jardim Zoológico naquele tempo. Tinha todos os

animais ali, macaco que a gente gostava de ver, pavão, onça, lontra, veado. Era uma beleza, muitos animais l.a

TP: Os bichos eram criados soltos ou eram presos?

SP: Eram presos igual ao Jardim Zoológico.

TP: É verdade!?

SP: É verdade... nesse Parque Municipal. E ficava aquela moçada aprendendo a andar de bicicleta, uma quantidade de bicicleta ali. Eu me lembro que até um daqueles aprendizes de bicicleta veio em cima da gente, o meu avô pegou ele por trás da bicicleta empurrou e por pouco ele não entrava na lagoa *[risos]*

TP: Seu Primo, o Parque Municipal nessa época, ele era muito maior do que é hoje, não é!? O senhor se lembra do tamanho do parque?

SP: Não tenho bem certeza se ele era maior não. Se fosse maior era pouca coisa. Porque logo ali atrás... pode ser que chegasse ali no Hospital da Previdência, não é!? Porque já em 1929, eu fui operado no “hospital da rádio”, hoje é o Hospital do Câncer, não é!? Ali do lado do que tem agora o Borges da Costa. Ele era o proprietário lá, ele é que me operou, em 1929. Então eu acho que o Parque não ia até lá não, não tenho bem certeza não, talvez fosse até ali, onde tem o Hospital de Previdência. Eu acho que depois abriram a rua Pernambuco que sai lá no Ribeirão de Arrudas.

TP: Pelo que o senhor se lembra, o parque era mais ou menos do tamanho atual.

SP: É... Se fosse maior era pouca coisa. Mas era um passeio bom. Tinha os animais, Não tinha aquela lagoa.

TP: Aqueles brinquedos para crianças!?

SP: Não. Aquelas coisas, aquele escorregador, não tinha não. Tinha os bichos que a gente ia ver.

TP: A distração era mais a natureza.

SP: É a natureza... E agente também gostava muito e ia passear com os meus companheiros aqui da rua do foguinho, atrás do Palácio, não é!? A gente ia muito na Praça da Liberdade também. Quando não ia ao cinema, ia para a Praça da Liberdade.

TP: Isso aos domingos!?

SP: Aos domingos à noite. Tinha banda de música naquele coreto ali. E ali do lado do coreto, ali tinha divisão das classes, sabe!? Do lado do coreto era gente mais humilde, de cor, gente pobre, o vendedor de amendoim torrado.

TP: Gente mais misturado.

SP: É... as senhoras ali sentadas como se fosse as baianas vendendo aquelas coisas ali. Tinha até uma senhora que morava aqui na cerâmica em baixo, tinha um apelido, era Maricato do Subu// Suba!?!// A gente falava Cubu. Conhece?

TP: Não.

SP: Cubu era um biscoito feito de fubá, era redondo. E era enrolado na folha de banana. Então a D. Maricota fazia uma quantidade de quitanda. *[inaudível]* , quebra-pedra, esses biscoitos assim. Mas o apelido dela era D. Maricota do Cubu. *[risos]* E tinha um filho também que era nosso companheiro, aquele era *[inaudível]*

TP: Para diferenciar. *[risos]* Então D. Maricota vendia a quitanda na Praça. Então o senhor estava falando de divisão de classes, do outro lado...

SP: Do outro lado já era os granfinos, porque eles ficavam... os moços ficavam, assim, encostados, e as moças é que faziam o footing. E ele ia tirando suas linhadas, a gente falava assim.// Linhadas// Linhadas, é... *[inaudível]*

TP: Era a expressão.

SP: Os flertes, não é!?

AT: E do outro lado, não tinha flerte também não!?

SP: Tinha também. O pessoal de baixo como era o pessoal de cor, humildes, filho de empregado, os trabalhadores, essa gente. Era o lugar alegre porque tinha a banda de música, a gente ficava perto do coreto... tocando aquelas músicas da banda, a gente ficava lá.. A gente já conhecia os músicos, o maestro.

TP: Sr. Primo, essa divisão, outras pessoas já nos informava sobre isso. Isso na política acontecia... qual a sua avaliação disso. O senhor acha que as pessoas não gostavam

muito de se misturar ou aquelas camadas mais pobres, mais populares ficavam constrangidas de se misturar?

SP: É... muitas vezes é o respeito. Porque lá ia muitas pessoas alinhadas, granfinas. E eles para cá se sentiam mais à vontade. Então o outro lado ali, misturado ali, muito bom, a gente se sentia melhor.

TP: Mas não havia nenhum impedimento formal da pessoa sair...

SP: Não, mas ninguém ia não.

TP: Mas não iam, não era costume.

SP: Na Av. Afonso Pena também naquela época havia o “footing”, falava o “footing”. Do lado de cá... tem do lado de lá, tinha naquele quarteirão, onde tem o edifício *[inaudível]*, ali tinha a agência dos correios. Então aquele quarteirão de agência dos correios, também era da gente da banda de música, os escuros e tal. E de cá também os granfinos.

TP: Era separado também na Afonso Pena.

SP: É. E sabe o que a gente fazia muito também, nós meninos, a gente descia, ia lá no bar do Ponto, na Bahia com Afonso Pena. Ali a gente pegava o bonde, ele vinha da Floresta subia ali... Bahia e pegava a Afonso Pena. A gente pegava aquele bonde que ia na Afonso Pena, subia na Timbiras, dava volta na rua Ceará, vinha Getúlio Vargas, depois a Rio Grande do Norte, descia ali a Cristóvão Colombo. A gente ia descer lá na Praça, então a gente dava um passeio. *[risos]* E o bonde, você já viu retrato de bonde!? //Já// Já viu o bonde// Já, só não andei, vi parado.// Tem os trilhos do bonde, não é!? Tem o condutor, aquele que recebe o dinheiro dos passageiros. Então a gente vinha nos *[inaudível]*, segurando, para aproveitar mais a paisagem, porque era caro. E sabe o que acontecia? Quando a gente chegava aqui na Praça, quando a gente descia do bonde, eu ficava tonto, e ficava sentado na porta daquela secretaria ali, sabe? Eu me sentava lá, para chegar a cabeça no lugar. E ficava pensando comigo: “*Uai gente, mas o Palácio, era do lado de lá, agora está do lado de cá!? [risos]*”

TP: Isso de tanto andar?

SP: Eu via o Palácio e a praça tinha rodado. *[risos]*

SP: Isso acontecia toda vez.

TP: E o senhor acha que era de tanto andar.

SP: De tanto andar de bonde em pé, segurando assim, e as casas passando...

TP: E o bonde dando volta//. É.../ E quando o bonde parava o senhor continuava dando volta. *[risos]* E seu Primo, a Praça de Diogo de Vasconcelos o senhor freqüentava também, que é a Praça da Savassi, não é!?

SP: Não, mas ali era o Abrigo Pernambuco. Tinha um abrigo// de bonde// É... chamava Abrigo Pernambuco que era onde a gente ia para esperar o bonde. O bonde que ia lá na Serra e voltava por ali. Tinha uns bancos para gente assentar, vê como é que era naquele tempo, diferente de hoje. Hoje está todo mundo correndo, tem que pegar táxi. Naquele tempo sentava ali e esperava o bonde.

TP: Tinha tempo para sentar.

SP: É... sentar, esperar o bonde. Naquele tempo até o meu pai falava assim para a gente: “- Qualquer dia nós vamos dar uma volta de bonde.” *[inaudível]* terminou... ele falava mas não é não// Era só promessa// *[inaudível]* quando ele adoeceu *[inaudível]* ... como volta de bonde]. Ali tinha um telefone// Ali no Abrigo!?!// É.. no abrigo tinha um telefone. Porque aqui no bairro Santo Antônio, só tinha ali na Copasa, onde é atualmente a Copasa, chamava Caixa D’água. Tinha um telefone ali e tinha lá no Abrigo Pernambuco. Quando acontecia alguma coisa que era preciso às vezes telefonar para a Santa Casa, para vir buscar um doente, coisas assim, ou se acontecia aí uma briga, tinha que ir ali para ver... Você já viu àqueles telefones, aqueles telefones assim... de caixa de madeira//. Já// Tinha o fone assim, a gente rodava assim// com uma manivela// é com a manivela. Aí ligava para o Centro telefônico// Então era um telefone público// público, ali é. Ali era público. A gente chegava ali para ligar para a delegacia ou para a Santa Casa, era os lugares que a gente telefonava.

TP: Esse telefonema que era uma coisa de urgência, não é!? Porque era uma coisa de urgência. Telefone só era usado então para casos de urgência, não é!? Ele era gratuito?

SP: É, era gratuito.

TP: Então a população podia usar, a vizinhança de bairro podia usar// É.

SP: A gente ligava para a Santa Casa até que vinha uma ambulância. Se tiunha uma briga quando... quando chegava os soldados... já tinha acabado porque já tinha ido embora, até que eles chegassem aqui.// Demorava muito// *[risos]* Não é igual a hoje, a rádio patrulha em poucos minutos está aí. *[risos]*

TP: Falando em briga o senhor podia nos contar um pouco. Quando o senhor era menino, nessa época que o senhor está narrando para nós, o que é que acontecia de extraordinário, aqui nessa região que o senhor morava? Era comum a polícia ser chamada para apartar briga? Acidente... que tipo de acidente tinha?

SP: Acidente era muito raro, não é!? Mas briga tinha constantemente. Junto de minha casa na rua Leopoldina tinha uma venda, chamava-se venda antigamente. Ficava aberto dia e noite, Domingo. Vendia de tudo. Vendia bebida alcóolica. Então aqui tinha essa cerâmica grande que eu já lhe falei, não é!? *[inaudível]* e Josué. Esses trabalhadores iam para lá naquela venda. Porque fora de venda mesmo eles ficavam pegando cartas a valer dinheiro. E entre eles sempre havia algum valentão. Tinha um tal de Luís Martins era um perigo aquele homem. Quando ele estava ganhando estava tudo bem, mas assim que ele começava a perder, tomava o dinheiro de todos e formava aquela briga danada. Então era preciso... chamar a polícia. E às vezes saía lá na Bahia, por aí, que era preciso chamar. Mas quando chegava os soldados já tinha// já tinha sumido// sumido todo mundo.

TP: E as brigas então era sempre de alguém que tinha bebido mais, eram trabalhadores que no final do expediente ficava tomando umas e outras.

SP: É... E as brigas quase sempre era no braço.// É, não é!? *[risos]*

AT: E os soldados? Vinham como? Era a pé, de cavalo. Como é que os soldados chegavam aqui?

SP: Vinham a pé. Tinha um às vezes que vinha intimar às vezes de *[inaudível]* A noite tinha aí o patrulhamento a cavalo. Eles passavam aí no bairro Santo Antônio. Então a gente, quando eles passavam e já estavam longe, a gente gritava: “Cabeça de côco”. Eles voltavam para trás se galopa, a gente sumia *[risos]*

TP: Senhor Primo a gente queria saber, como é que era os serviços públicos de bairro quando o senhor ainda era menino? O senhor nos disse outro dia que a sua mãe trabalhou ainda por muito tempo aqui no Santo Antônio como lavadeira, não é!? //É.// E a gente sabe que tinha caixa d'água e que era inclusive um ponto de referência para o bairro. Como é que era a água quando o senhor era menino? A água era encanada? A sua mãe lavava roupa em casa mesmo ou ia/

SP: Era em casa mesmo. A água era encanada. Chamava-se Pena D'água. Não sei se pagava aqui ou se pagava por ano. Não tinha o medidor de água. Era ligado na rede, direto.

TP: E não faltava água, Seu Primo?

SP: Não faltava. O meu avô tinha uma horta muito grande aí. Então tinha um tanque. A metade dessa sala aqui... ele molhava aquela horta toda. Era uma horta muito grande mesmo. Era uma beleza, tinha de tudo. Ele plantava e a minha avó é que saía para esse bairro Funcionários, vendendo. E muita gente vinha comprar também, para revender. Então a água era à vontade. Minhas tias eram lavadeiras, tinha um outro tanque. E tinha um outro da minha mãe. O terreno era muito grande. Só ali na rua Leopoldina, de frente para a rua Leopoldina, devia ter uns cinquenta metros ou mais. E uns outros cinquenta pela Contorno, o terreno nosso.

TP: Era uma esquinona, não é!?

SP: É... era uma esquinona mesmo. Deu muitos lotes ali depois que meus avôs morreram. Fez o inventário, fez a divisão, deu muitos lotes. Foi lote para todo mundo.

AT: “Pena D'água que o senhor falou?

SP: É. A gente chamava “Pena d'Água”.

AT: É o que? É a água encanada?

SP: É... Era uma “pena.” Eu não sei porque é que falavam “pena d'água”. Eu não sei. Era pena.

AT: É engraçada a expressão. Diferente.

TP: E outros serviços, como por exemplo, coleta de lixo, que devia ser coisa muito diferente, havia? O senhor lembra disso?

SP: Não. Aqui na nossa rua não havia. Tinha coleta de lixo lá para baixo. Lá no bairro Funcionários, feito em carroças. Tinha na Serra, tinha um senhor... Goulart. Ele era dono dessas carroças. Tinha muitas carroças.

TP: Então era de particulares o serviço.

SP: É... chamava-se Goulart. E... essas carrocinhas fazia coleta de lixo e levá-la ali... na... Alameda Álvaro Sérgio de Trindade, perto do Jumbo. Chegando mais para baixo no Hospital de Previdência, aquela rua ali. Ali tem o *[inaudível]* Ali era o fogo do lixo. Porque queimava o lixo ali, sabe!? Aquelas carrocinhas e despejando lá e ali tinha o fogo para queimar o lixo.

AT: O senhor lembra se os funcionários que trabalhavam eram empregadas do seu Goulart?

SP: Eles eram empregados do Goulart mesmo. Então mais tarde é que veio os caminhões, caminhão de Prefeitura, caminhão de coleta de lixo. Mas nessa época era o senhor Goulart. Eram muitas carrocinhas.

AT: Esse forno onde queimava o lixo era também do Goulart?

SP: Não. Isso já era da Prefeitura, com toda certeza. Eu acho que ele, com certeza, ele... era uma empreitada.

AT: Ele recebia da Prefeitura para fazer o serviço.

SP: Isso. Eu sei que as carroças era dele. Eu conhecia muitas carrocerias. Eles passavam todos ali na rua Ceará, na porta da sapataria quando estavam de volta para ir para casa.

TP: Daí o senhor conhecia muita gente. Mas aqui então não havia a coleta de lixo. E como é que se fazia com o lixo? Enterravam, queimavam?

SP: Jogavam no quintal, jogavam nos canteiros, jogavam na rua.

TP: Cada família se virava.

SP: Se virava de qualquer jeito. Às vezes jogava nas calçadas, no outro lado da rua. Não tinha casa, era cerca só. Era “caco” de vidro, era tudo que tinha lá.

TP: O senhor estava dizendo que a rua não era calçada. O senhor lembra até quando? Quando o senhor era menino era tudo de terra batida?

SP: Era terra. Eu me lembro até que não tinha luz elétrica na nossa casa. Porque ele não chegou até lá. O último poste chegou mais embaixo. Porque subia pela rua Leopoldina. Depois, mais tarde é que alongavam até aqui. Então meu pai não puxou a rede elétrica, não tinha vontade de sair daí. Aí depois puxou até mais acima. Mas não era calçada. Quando saímos daí, acho que foi... em 1925 ou 26, não era calçada não.

TP: Mas no bairro Funcionários, onde o senhor se mudou, na rua Ceará já era calçado?

SP: Sempre foi calçado// Desde o início// É... não era toda calçada não. Na Av. Getúlio Vargas, lá adiante, era muita poeira, muita coisa. Não era toda calçada não. Depois é que calçaram, depois asfaltaram.

TP: O senhor costumava, com os amigos ou com a família, ainda na sua meninice, freqüentar algum clube em Belo Horizonte?

SP: Esses clubes recreativos não existiam.

TP: Esses de lazer.

SP: Não. Tinha clube, mas de dança. O meu pai era sócio. Ele me levava quando eu era menino. Ia mais para comer doce. Tinha lá no terreiro, uma mesa muito grande, era doce de tudo que era qualidade. Ele me levava. Era ali na rua da Bahia quase com Contorno//. Aqui em cima então// Era. Rua da Bahia subindo assim, esquerda, quase com Contorno. Chamava-se Clube Rio Branco. E tinha ou outro clube mais em cima na Carangola logo para baixo da escola da Faculdade ali. Era o Clube Esperança. *[inaudível]* Onde o meu pai freqüentava era mais de gente de cor. Mas tinha banda de música deles. E de vez em quando eles faziam piquenique. Eles iam a pé, a banda de música tocando. Eu me lembro que tocava aquela música “Cisne Branco”, aquele hino da Marinha. Ia tocando o Cisne Branco, andando ali pela Contorno. Ia uma carroça mais atrás. Porque naquele tempo não havia automóvel *[inaudível]* calhambeque, essa coisa toda. Tudo era a pé. Os veículos tudo era de tração animal. Ia com as coisas de comer. E o povo vinha todo a pé. Esse piquenique era feito no Acaba Mundo. O Acaba

Mundo era aqui em cima. Na serra do Curral. No Acaba Mundo eu pulei na Caixa de Areia, que era lá na Serra.

TP: E o senhor freqüentou esses piqueniques?

SP: Não... A gente via eles passando na Av. do Contorno, cantando o Cisne Branco//. Mas não ia junto, não.// não. Não podia não... nunca quis. Nunca foi. Então tinha isso. E o clube que eu freqüentava era esse. Eu era menino. Meu pai gostava muito de dançar.

TP: Isso que eu ia perguntar. Então seu pai gostava.

SP: Gostava de dançar. Tinha aquela salão grande na frente, assoalho de friso. Então eles passavam era vela para escorregar. Não tinha piso sinteco naquele tempo, para ele dançar. E tinha banda de música própria. Tinha um menino que tocava flauta, chamava-se Juvenal, tocava na rádio Inconfidência. Não sei se ele ainda é vivo. Até pouco tempo ele tocava na rádio Inconfidência, ele era menino.

AT: E a mãe do senhor? Ela ia dançar?

SP: Ia. Mas dançavam aquela moda italiana, rodava como não sei o quê. Aquelas valsas rodadas, *[inaudível]*, chote, quadrilha.

TP: Então eles gostavam desse programa.

AT: Ia a família inteira?

SP: Não. Ia só o meu pai, minha mãe e eu. Às vezes ia o meu irmão também. As minhas irmãs eram pequenas. Minha avó ficava tomando conta. Por volta de 1918-16.

TP: E o outro clube ele não gostava.

SP: Não... lá era de outras pessoas aqui. O Presidente do Clube Rio Branco, chamava-se Amaro Silva. Seu Amaro era um moreninho alto. *[inaudível]* era de polícia. Não sei se era de Polícia Civil. Então dizem que uma vez, vinha subindo a rua da Bahia, a banda de música do Rio Branco, e o Amaro Silva na frente, era o presidente. Ele colocava um lenço vermelho no pescoço, igual aquele revolucionário no tempo de Getúlio Vargas. Com um lenço vermelho, ficava assim, com a banda de música nas segundas que subia a rua da Bahia. Com o Amaro Silva na frente. “- *Quê que aconteceu? Oh! Amaro! Quê*

que foi!?” – “Sou eu que estou chegando de Congonhas, eles foram me receber.”

Acho que ele foi dá serviço de delegado, foram receber lá. *[risos]*

TP: E circo, seu Primo? Tinha muito circo em Belo Horizonte?

SP: Tinha sempre circo.

TP: Algum deles chegou a se instalar aqui no Santo Antônio?

SP: Não. Eles se instalavam sempre ali onde é a prefeitura, na Afonso Pena. Ali é que se instalava o circo. O circo dos Irmãos Creollos, o Circo *[inaudível]*, tinha o circo *[inaudível]*, esse é que eu gostava mais, o circo teatro *[inaudível]* gostava mais. Era de... mais de palco. Tinha o trabalho de picadeiro e depois tinha sempre uma peça no palco// Isso é que o senhor gostava mais// /E...

AT: Que tipo de peça o senhor se lembra?

SP: Drama, comédia. Tinha um palhaço muito bom chamado Tomé. O Tomé ficava conversando muito com a gente. A gente ia muito lá. O circo era muito bom.

TP: E quando o circo vinha a Belo Horizonte ficava muito tempo aqui?

SP: Ficava.

TP: Alguns meses?

SP: Até meu pai falava assim: “- *Não é muito bom que o circo venha aqui. Sabe por quê? Acaba levando o dinheiro da cidade.* *[risos]*”

TP: Porque todo mundo pagava para ver.

SP: Era ruim porque ia embora com o dinheiro. *[risos]*

TP: Mas o circo era um lugar barato naquela época? Era para pessoas mais populares? Podiam pagar?

SP: Podiam. Era preços populares. Era baratinho. Tinha mais caro um pouco que era as cadeiras. Ficava mais perto e tinha os camarotes. Os camarotes era um cercado que tinha quatro ou seis centavos. Ali ia família no camarote. E a gente ia no puleiro.// Nas arquibancadas.// É... de tábuas, não é!?

TP: E o senhor ia com os amigos. O pai não costumava levar.

SP: Não. A gente ia sempre nós, a turma. Era uma meninada de confiança, todos de famílias conhecidas. Aquela gente toda de Leopoldina. As famílias eram amigas.

TP: Os pais então naquela época, quando o senhor ainda era menino, não tinham essa preocupação de não deixar porque era longe, porque era perigoso. A cidade apresentava algum perigo.

SP: Não. A cidade não apresentava perigo não. Só naquela ocasião do grupo que eu falei. Minha avó levava porque tinha aquele de cigano roubando menino. Só naquela época. Eles não gostavam é que nós fôssemos nadar. Lá no shopping, ali tinha uma lagoa muito grande. De tempo em tempo tinha aquela lagoa, noutra hora não tinha. Chamava-se Lagoa Seca. Porque tinha uma ocasião que ela ficava cheia/

FIM DO LADO A DA FITA 02

Entrevista – fita 02 lado B

SP: Eles não gostavam que a gente fosse nadar lá, porque era muito perigoso. Tinha essa Lagoa Seca onde era o Shopping Center. Lá tinha muita fruta... gabirola. Conhece gabirola?

TP: Conheço.

SP: Gabirola, araçá. Fruto de campo. A gente ia lá.

TP: E vocês meninos, iam fugidos de casa para nadar.

SP: Não. A gente ia... quando ia a gente, assim mais de idade, eles deixavam com eles.

TP: Não gostavam que o senhor fosse sozinho. Que era perigoso.

SP: Uma certa vez entrei numa surrazinha boa. Porque eu não pedi, eu e meu irmão é que pedimos para ir apanhar araçá, araçá não, era juá. É uma frutazinha vermelha que dá num pezinho. Tem o pé bravo e um outro que é doce. Tinha um lugar ali por cima que tinha muito juá, e resolvemos dar um pulo lá, na Lagoa Seca. E eu trouxe... lá tinha um chá, chá de Congonhas, minha mãe gostava muito. Nesse lugar do juá não tinha essa planta não. Na Lagoa Seca é que tinha. E ela recomendou que não fôssemos na Lagoa Seca. Nós fomos e eu por azar trouxe o chá pensando que ia agradá-la.

TP: Aí o senhor se denunciou.

SP: É... quem entrou na Congonha foi eu. *[risos]*

AT: Vocês gastavam muito tempo para chegar nessa Lagoa Seca, ou não?

SP: Levava bastante tempo. Ia pelos trilhos, nos morros, passava aqui, ali.// Então tinha uma trilha.// Tinha uma trilha. Nós costumávamos a ir de madrugada, a turma toda ia da rua Leopoldina, os velhos. E na volta a gente trazia lenha para cozinhar. Tinha muita gente. A gente levantava cedo, três ou quatro horas, e ia aquela turma.

TP: Era uma boa caminhada.

SP: Era. De madrugada, nesses campos, era uma coisa das mais gostosas. E às vezes a gente ia caçar também. Nós todos tínhamos espingarda. Hoje em dia não é assim não. O pai da gente comprava espingarda para a gente matar passarinho. Era moda na época. E a gente ia matar os passarinhos.

TP: O senhor chegou a fazer alguma viagem enquanto era menino?

SP: Não. Eu só fiz uma viagem quando eu estava fazendo o “Tiro de Guerra”. Aí eu já tinha dezoito anos.

TP: Até essa idade então, o senhor nunca tinha saído de Belo Horizonte. Mas o senhor sabia de outras cidades. Tinha informações das capitais do Brasil. Conhecía um pouco de geografia.

SP: Isso na escola a gente aprendia.

TP: O que o senhor achava de Belo Horizonte? Belo Horizonte era uma cidade nova, muito recente, e ela tinha sido construída. Quando o senhor estava na escola costumava-se falar sobre isso. O fato de Belo Horizonte ter sido planejada, uma cidade construída. Ela tinha características próprias de uma cidade construída ou o senhor não se preocupava com isso.

SP: Eu não me preocupava não. Mas eu acho que tinha sim. Olha. Toda a vida eu gostei de Belo Horizonte. Gosto até hoje. Eu acho que é o melhor lugar do mundo. Gosto demais de Belo Horizonte.

TP: E por quê? O senhor vai ter que nos contar por quê.

SP: Gosto de Belo Horizonte. Eu não sei porquê. Às vezes eu dou um passeio, assim, com minhas filhas, elas gostam muito de Araxá. Mas, uma semana que estou lá, fico com vontade de voltar. Gosto daqui mesmo. Principalmente esse bairro onde eu nasci. Apesar de não ter mais, praticamente, conhecido nenhum. Porque antigamente eram todos conhecidos. Eram poucas famílias. Todos se conheciam. Mas eu sempre gostei de Belo Horizonte, desse bairro aqui.

TP: É claro que o senhor gosta porque o senhor nasceu aqui, viveu sempre aqui. Mas tem alguma atração maior na cidade que o senhor gosta porque acha bonito, porque o senhor acha o clima agradável, porque o senhor se sente em casa.

SP: Tudo isso. O povo bom, gente amiga.

TP: Uma cidade tranqüila.

SP: Tranqüila... tudo bem. Hoje ela não está muito tranqüila, não é!? Com esses meninos de rua, ficou bem diferente. Naquele tempo não tinha.

TP: Mas o senhor como descendente de italianos, dos dois lados. A sua família nunca chegou a freqüentar a Casa da Itália?

SP: Não. Meu pai nunca chegou a freqüentar não. Tinha uns amigos dele que chamavam. Ele ficava protelando. Não gostava muito não.

TP: E o senhor sabe por quê?

SP: Não. Talvez ele não afinasse muito com aquela gente. Não sei.

TP: Então ele nunca freqüentou e vocês também não.

SP: Quando a gente morou na rua Ceará... porque a minha família morou na rua Ceará. Tinha um senhor que morava na rua Bernardo Guimarães, chamado *[inaudível]* era muito amigo. E ele freqüentava a Casa d'Itália. Passava sempre lá em casa, chamava sempre o meu pai, ele dando desculpas, ele não ia não. Não sei porque.

TP: Então não tinha interesse.

SP: Meu pai falava assim: “- *Eu me considero brasileiro. E eu vim cá para o Brasil, cresci no Brasil, tenho meus filhos aqui. Lá em casa se fala que se bebe bons vinhos, aqui também bebe, é só ter dinheiro que bebe vinho bom aqui também.*”

TP: Então ele não fazia nenhuma questão de afirmar a naturalidade dele... *italiana*.

SP: Não, ele falava que se considerava brasileiro. Lá ele deve ter passado uma vida muito difícil, os imigrantes vieram para cá porque estavam com dificuldades. E aqui eles se fincaram// Adotou essa terra// Adotou essa terra. Gostava mesmo.

TP: Nós queríamos saber um pouco também é... onde é que se comprava algumas mercadorias aqui em Belo Horizonte? Por que o senhor falou de chapéus, de tipos de roupas, de bola de futebol. As roupas que a sua família usava eram feitas em casa, eram compradas em alguma loja? Como é que era isso?

SP: As roupas eram feitas em casa. Comprava a fazenda na loja e tinha as costureiras. Levava nas costureiras para fazer. *[inaudível]* *[risos]* Tinha umas lojass aqui na rua Alagoas. Tinha dois turcos ali. As pessoas gostavam de comprar na mão dos turcos porque faziam diferença de preço, sabe como é que é!? *[risos]* Queriam dar mais. Tinha gente que tirava lá com os turcos e depois deixava por menos. Todo mundo comprava na mão dos turcos.

TP: Porque achavam que estavam levando vantagem. *[risos]* E esses turcos vendiam fazenda então!

SP: Vendiam de tudo nas lojas deles. Fazenda, calçado, brinquedo, essas coisas todas. Tinham duas lojas ali na Alagoas. E ali na esquina da rua Carangola com Contorno tinha outra loja. A loja era até de um tal de Senhor Moisés que era pai de um que foi presidente do Atlético Mineiro agora a pouco tempo, Calixto. Era pai do Calixto. Tinha loja. Quando eu era criancinha esse seu Moisés, pai do Calixto, vinha com uma mala nas costas, antigamente tinha os mascates. Eles passavam aí nos bairros, então ele passava ali e a gente gostava quando vinha ele, tinha o apelido de turquinho, porque era novo, sabe!? E turquinho vinha porque ele trazia bolinha de vidro, aquelas bolas de gude que a gente jogava e papel de ceda também para a gente fazer papagaio.

TP: Era um material que o senhor precisava ter sempre.

SP: Mais tarde ele montou uma loja dele. Ele e um outro colega chamado *[inaudível]* . Depois *[inaudível]* porque naquele tempo não tinha recursos que tem hoje, falhavam muito, ele ficou sozinho, esse Sr. Moisés.

AT: E os jovens? Eles faziam barba em casa ou tinha costume de freqüentar barbearia? O pai do senhor como é que era?

SP: Meu pai fazia barba em casa com navalha. E os barbeiros aos sábados, eles trabalhavam até quase que virando a noite. Porque não tinha esse negócio de semana inglesa. Falava semana inglesa parar meio-dia Sábado. Todo mundo trabalhava Sábado até tarde. Então eles iam fazer barba, cortar cabelo, era o dia que eles tinham dinheiro, principalmente esses trabalhadores aí, quase todos, de cerâmica... Eles iam lá para o salão de barbeiro. Eu tinha um primo, que morreu a pouco tempo, ele tinha um salão lá

na Carangola. Ele ia até meia-noite ou mais. Estava cheio de gente lá cortando o cabelo com ele, fazendo barba, esperando, no Sábado.

AT: E iam aó os jovens. Ia alguma mulher no barbeiro cortar o cabelo ou não?

SP: Não. Depois é que veio a moda de cortar o cabelo e muitos pais não achavam bom.

TP: Não deixava que as moças cortassem.

SP: Ah, não. Tinha uma *[inaudível]* lá na rua Ceará, o pai de Seu Jacó, ele falou para mim uma vez: “- *Quando veio a moda de cortar o cabelo, eu dei uma mulher lá em casa, para não deixar, para a moça não cortar cabelo. Hoje até mulher (a mulher dele), até mulher de cabelo cortado.*” *[risos]*

TP: E o resto da cidade de Belo Horizonte? Os bairros que ficavam para lá de Contorno, a Floresta, o Carlos Prates, o Barro Preto. O senhor ia naqueles bairros por algum motivo, ainda na fase que o senhor ainda era menino, adolescente. O senhor conhecia outros lugares de Belo Horizonte nesse período ou o senhor ficava restrito a esse ambiente aqui?

SP: Às vezes a gente ia ao Cinema Floresta. Porque às vezes passava lá um seriado, então a gente ia lá, mas raramente. Então a gente ficava... ia até no outro// nessa região aqui até o outro!?!// Outra coisa que eu posso falar para vocês também, por exemplo, meu pai fez sociedade com um português, e plantou lavoura, quatro anos, aqui da Contorno até na rua... numa quadra grande que tinha, lá de cima... Contorno de baixo, Antônio de Albuquerque, Levindo Lopes, Alagoas, essa quadra toda. Hoje quem é ali *[inaudível]*, hoje é cortada pela rua Sergipe, Fernandes Tourinho...// Não tinha ainda a rua Sergipe//. A rua Sergipe só vinha até a Tomé de Souza, um quarteirão só abaixo da Cristóvão Colombo. Ali tinha uma chácara e depois tinha outra Chácara, essa plantação de lavoura que meu pai arrendou. E o proprietário dali era o Dr. Afonso Pena Júnior, eu não sei se era filho do Afonso Pena velho// Era sim//. Com certeza era, não é!? Era dele e de um outro que devia ser parente dele, Dr. Pedro Paulo Pena. Então eles plantavam lavoura lá, durante quatro anos. A secretária do Dr. Afonso Pena, na ocasião que eles arrendaram ali no *[inaudível]* ele era secretário, não sei se da Agricultura, talvez. Porque deu para o meu pai diversos saquinhos de cinco quilos... de

trigo, de arroz, de feijão, de milho para plantar. Por isso ele emprestou umas máquinas como arado, grade, debulhador de milho. Então plantou ali quatro anos.

TP: Isso quando? O senhor lembra?

SP: Isso em 1918, mais ou menos. Acho que foi de 18 a 22.

TP: O senhor tinha uns oito anos.// É.// Quer dizer que não só tiveram uma horta ali como também tiveram muitos benefícios de Secretaria para ajudar a erguer a horta.

SP: É... emprestou arado... aquelas ferramentas todas para a lavoura.

TP: Então o seu pai tinha motivos suficientes para se sentir brasileiro. Se sentir em casa aqui, não é!?

SP: É... gostava muito. Ele nem falava italiano... dificilmente ele falava uma palavra em italiano.

TP: E nessa época que o seu pai fez essa plantação ali o senhor chegou a ajudá-lo?

SP: A gente ajudava. Toda a quadra a gente ajudava. Ajudava a arrancar mato, plantar milho, debulhar milho. A horta até era um pedaço pequeno. Mais era a plantação de arroz, que a gente tinha uma vala muito grande encharcada, tinha um açude onde ficava... soltando água para lá e vinha água de cá de cima, daqui desse bairro São Pedro, na época chamava Mendonça, passava dentro de uma cerâmica aqui. E essas águas passavam lá... ali era Av. do Contorno. A Avenida do Contorno não era aquela largura toda não. Tinha uma ponte estreita, passava ali. Passava só uma carroça, não dava para passar duas. Essa ponte era sobre um córrego que passava lá na nossa casa e desaguava lá nessa vala lá, onde eles plantavam arroz.

TP: Então era uma área muito irrigada, não é!?

SP: É... plantava arroz, feijão, tudo. Era uma quadra grande que ficava entre a Levindo Lopes, Alagoas, Contorno e Antônio de Albuquerque. Arrendarem ele e um português chamado Joaquim Ferreira, tinha um apelido... Joaquim Barbado.

TP: E ao final dos quatro anos ele desistiu do negócio... o senhor lembra por quê?

SP: Eu não sei porque não. Mas acho que terminam o contrato, com certeza não quiseram dar... não sei qual foi a parte que não quis dar. Depois dividiram em lotes e venderam.

TP: Por que a cidade já devia está crescendo um pouquinho.

SP: É... Já estava crescendo.. Aí foi dividido em lotes. Depois nós fizemos um campo de futebol muito bom ali, que eu já falei, do time, o Ipiranga, jogava ali.

AT: S. Primo, o senhor falou muito em plantação aqui na região. Que tinha um pomar no Sion dessa...

SP: Tinha essa chácara dos Salles, nós falávamos dos Salles.

AT: E criação? Tinha criação aqui nessa região?

SP: Nessa chácara dos Salles tinha. Tinha também criação, tinha os estábulos das vacas. Eles tinham criação. A chácara do pasto lá de... de propriedade desse Salles, começava aqui na rua Montes Claros com Grão Mogol... Tinha na esquina da Montes Claros com Grão Mogol tinha cerca ali ficava o gado pastando ali até lá... *[inaudível]* Hoje é Sion. Tinha criação também.

AT: E as famílias costumavam criar algum tipo de animal em casa? Galinha, porco, pato, alguma coisa assim?

SP: Lá em casa tinha. Lá em casa, quando o meu pai era ambulante, tinha de tudo lá, porco, cavalo (era o traçado de carroça dele), ele criava porco também. Quase todas as casas criavam porco também. Com uma vargem, com verdura, galinha... toda casa tinha.

TP: No fundo do quintal, toda casa tinha uma criação?

SP: Tinha.

AT: Ele costumava receber como pagamento um outro tipo de mercadoria? Ou não?

SP: Não. Ele vendia aqui no bairro dos Funcionários, então eles pagavam por mês. Eu mesmo é que tirava as contas para ele. Todo mês ele ia anotando no caderno que tinha... uma dúzia de ovos, duas dúzias de laranjas, uma dúzia de banana... essas coisas. Depois, dia tal, dia tal. Depois tinha lá nas anotações. Dr. Fulano de tal, Fulano de tal, tirava as contas todas para ele.

TP: Era hábito na família do senhor ir às missas, tinha uma educação religiosa? Como era isso na sua família?

SP: Meu pessoal não tinha hábito. Era religioso como todo mundo fala aí. Perguntam aí e é muito fácil, todo mundo fala: sou católico. Fala que é católico mas não seguem os mandamentos da Igreja. Não vai às missas aos domingos. A gente era católico também assim. Mas a gente freqüentava o Catecismo. Nós íamos ao catecismo na Igreja de Lourdes. Mas sabe aonde era na Igreja de Lourdes? Depois é que foi construída aquela. Na primeira comunhão eu fiz na Igreja de Lourdes, ainda não estava pronta, não estava acabada. A Igreja de Lourdes era ali na Aimorés,, junto daquele Colégio Imaculada. Do lado, mais em baixo. No meio do quarteirão tinha a Igreja de Lourdes. Então a gente freqüentava o catecismo ali, ia assistir coroação, que era uma festa naquela época.// No mês de maio.// Não tinha outra opção, eles recomendavam, a gente ia lá. Lá é que a gente estudava o catecismo, ia no Domingo à missa, eles não eram assim muito de igreja não.

TP: Uma outra coisa que eu queria saber do senhor. O senhor nos contou que o senhor começou a trabalhar com doze anos. E que o seu pai já vinha falando que estava na hora de aprender um ofício e o senhor tinha vontade de aprender marcenaria, mas o seu pai arranhou um de sapateiro.

SP: Um dia ele falou em casa. Foi aí que eu fui ser sapateiro na Rua Santa Rita.

TP: E aí o senhor... Como é que foi isso para o senhor? O senhor tinha mais vontade de ser marceneiro, mas aí foi para outro ofício/

SP: Acabei gostando. Fui trabalhar de sapateiro lá com esse senhor, tinha mais dois rapazes que trabalhavam na época com ele, que já eram funcionários, que era um sapateiro completo. Eram meus conhecidos daqui “detrás do Palácio”, chamavam-se Tatá e o outro, Vicente. Trabalhando lá com eles e fiquei nessa sapataria quase três anos, aprendendo o serviço.

TP: Ele ficou na Santa Rita Durão?

SP: É... entre Pernambuco e Alagoas. Era chamado *[inaudível]* Lopes Pereira que era o nome antigo. Depois um irmão desse Tatá foi trabalhar lá com a gente. Ele trabalhava numa fábrica de calçados, hoje ainda existe, a casa do Silva.// O Senhor comentou com a gente. Na rua São Paulo *[inaudível]* É. Ela era na rua Espírito Santo abaixo da

Amazonas, tinha uma fábrica de calçados. Então o irmão desse Tatá me convidou para ser ajudante dele nessa fábrica.

TP: Isso o senhor já tinha uns quinze anos.

SP: É... Fiquei com ele um pouco de tempo, mas ele não pagava não, eu estava tabalhando de graça. E onde eu trabalhava com o seu *[inaudível]*, eu tinha um ordenadinho.

TP: No ofício o senhor ganhava um ordenadinho. E depois é que o senhor/

SP: Ele me pagava de um jeito e depois passou a me pagar por mês. E os oficiais me davam uma gorjeta porque eu dava uma mão lá. E aí esse irmão do Tatá, chamava-se Meno, o Meno me chamou para ir lá. Eu gostei muito porque eu aprendi a fazer calçado novo. Trabalhei ali um pouco, mas ele não pegava não. Então foi aí que meu pai falou que tirasse eu de lá, falou que estava precisando. E arranjou um sapateiro que tinha na rua Ceará, mudei lá para a rua Ceará. Fiquei com esse da rua Ceará, depois montou uma sapataria também ali na rua da Bahia esquina da Timbiras. Ainda tem a casa lá do mesmo jeito. Ora ficava na rua da Bahia, ora lá... ficava trocando. Depois resolveu vender aquele de lá, e meu pai comprou. Onde eu estou até hoje. Isso foi em 1926, até hoje estou lá.

TP: O senhor quando foi aprender o ofício de sapateiro, o senhor tinha doze anos. Esses oficiais já eram pessoas mais velhas?

SP: É... dezoito anos, vinte.

TP: E o que que o senhor diria para nós... porque hoje não é comum uma criança trabalhar com doze anos de idade, não é!? Normalmente as crianças estão na escola/

SP: É... mas naquele tempo era. Todos os meus companheiros ia saindo do grupo, cada um ia para uma profissão, a companheirada toda. Não ficava um garoto a toa na rua. Uns trabalhavam na cerâmica, que dava muito emprego. E a maioria deles ia para as profissões.

TP: Como é que era para o senhor... um menino treze anos, ir trabalhar, aprender um ofício. O senhor se sentia gente grande?

SP: Gostava imensamente. Gostava demais. Então quando eles falavam em fazer serão de tanto serviço que tinha, vendia pouco, não é!? Então era tudo na mão, não é igual a hoje, que a máquina ajuda não é!? Acabamento... essas coisas. Quando eles falavam fazer serão, eu tinha vontade de fazer serão também, mas meus pais não deixavam não. Tinha vontade de trabalhar a noite para ver como é que é. Gostava de trabalhar. Depois a gente juntava no Domingo aí, comentava como é que foi lá no serviço do outro. Era gostoso.

TP: Então, para um menino dessa idade era uma coisa importante, começar a aprender um ofício.

SP: É... Todos os meninos trabalhavam. Uns de sapateiro, outros de carpinteiro... pedreiro, outro é a de barbeiro. Alfaiate, todos iam aprender um ofício.

TP: Então mesmo o senhor que teve vontade de aprender o serviço de marceneiro, o senhor logo se entusiasmou com o de sapateiro.

SP: Gostei. Vou ficar nesse mesmo. Está bom.

TP: E o senhor no início fazia serviço de conserto de calçados. Depois quando o senhor foi para a fábrica/

SP: É... depois fui para a fábrica e lá fazia calçado novo, tudo na mão.

TP: Conte para nós do trabalho mesmo. Quais as diferenças que o senhor sentiu em relação a aprender e consertar um calçado e depois a fazer/

SP: Eu fui eu já era bem adiantado, não é!? Então eu já desenvolvia bastante, tinha mais serviço era para costurar os calçados, os calçados eram feitos a ponto. A gente costurava o solado todo, ajudava no acabamento, na montagem. Porque essa profissão de sapateiro pode ser dividido em quatro profissões. Tem um modelador, que faz o modelo. Tem os cortadores. Quase sempre a mesma pessoa faz o serviço de modelador e cortador. Tem o pespontador, que costura em cima. Depois é que vai lá para a banca, onde vai ser montado o calçado, para fazer o solado. Nessa parte é que eu trabalhava, na montagem. Vinhao corte, a parte de couro, com os aviamentos, palmilha, solo, contra-sola... a gente montava, sabe!? Eu com esse Meno, a gente fazia todos os dias, três ou quatro pares de calçado novo. Tudo feito à mão. Uma jóia de calçado.

TP: Quando o senhor começou a aprender o ofício de sapateiro, que tipo de calçado chegava para ser consertado? Eram calçados, feitos por outro sapateiro? Ou eram calçados que as pessoas compravam já de fábrica?

SP: As fábricas todas já trabalhavam assim. Não tinha maquinário naquele tempo, era tudo feito à mão. Não tinha sapato colado porque naquele tempo não havia essas colas. Ou era prego ou a ponto. Era assim que era feito. Tinha poucas máquinas. As máquinas mais era de... de pesponto que era o pesponto era costurar a parte de cima do couro. O resto era na mão. Mesmo as máquinas de acabamento não tinha não/

FIM DO LADO B DA FITA 02

A	I
Abrigo Pernambuco, 5 Afonso Pena, 4, 11, 17	Igreja de Lourdes, 20
B	L
Bairro Santo Antônio, 5, 7, 11 Belo Horizonte, 1, 9, 11, 14, 15, 17 bonde, 4, 5	Rua Leopoldina, 6, 7, 9, 12, 13
C	P
Casa d'Itália, 15 circo, 1, 11, 12 Clube Esperança, 10 Clube Rio Branco, 9, 11	Parque Municipal, 1, 2 Praça da Liberdade, 1, 3 Prefeitura, 8
G	T
Goulart, 8	teatro, 11 turcos, 16

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: SALVADOR PRIMO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 21 DE OUTUBRO DE 1991

Entrevista – fita 03 – lado A

TP: Senhor Primo, eu vou pedir para que conte-nos esse caso porque se nós deixarmos para depois vamos esquecê-lo. Esse episódio do circo, o senhor contaria pra nós de novo?

SP: O circo *[inaudível]* não é!?

TP: Isso.

SP: A maneira como *Piolini* ... *Piolin* era o palhaço do circo, dono do circo também, era o circo *Piolin*. Então ele entrava no circo, a maneira dele entrar no picadeiro, ele vinha montado no carrinho de madeira, feito de caixote e quem puxava o carrinho era o cachorro. Agora esse cachorro entrava todo embalado lá. Disparado lá picadeiro, mas sabe por quê? Porque na frente do focinho do cachorro, um palmo, mais ou menos, na frente do focinho do cachorro, estava colocado uma gaiola e que tinha um gato dentro. Então fazia a cachorro entrar disparado com vontade de pegar o gato e com isso puxava o carro, que ia montado o *Piolin*. Quando *Piolin* conseguia parar o cachorro, que ele tirava o gato da gaiola, ele falava assim para o público: “- *Acabou essa gasolina aqui, ainda tem uma quantidade de gasolina lá dentro.*” *[risos]*

TP: Sr. Primo, Nós queremos saber agora algo sobre as festividades, das festas quando o senhor freqüentava quando ainda era menino. Porque o senhor comentou conosco que o mês de maio, era o mês das coroações, e quando o senhor era menino o senhor costumava ir ver as coroações, e quando o senhor era menino o senhor costumava ir ver as coroações. Em que igreja o senhor ia ver as coroações? No Santo Antônio?

SP: Não. Ainda não havia a Igreja de Santo Antônio. Foi antes da construção da Igreja de Santo Antônio. A gente ia muito lá na Igreja de Lourdes, como eu falei da outra vez. Que ela era na rua Aimorés junto ao Colégio Imaculada Conceição. Então a gente ia lá.

TP: E o senhor ia acompanhado da sua avó!?

SP: Não. Íamos com os meninos. Nós éramos do catecismo, fazíamos parte do catecismo. A gente via lá a Coroação... Depois nós fomos crescendo também e íamos algumas vezes. E outra festa que nós gostávamos muito, tinha aqui no bairro Santo Antônio, “Atrás do Palácio” naquele tempo, era as barraquinhas que eram feitas ali na... Av. do Contorno... entre a Rua da Bahia e Espírito Santo, onde tem a igreja, ali era plano, quase que plano. Ali tinha umas barraquinhas que era para a Construção da igreja. Não tinha a Igreja do Santo Antônio, era uma capela do lado. Então tinha as barraquinhas, tinha o “pau de sebo”, um pau muito alto, todo untado de sebo e lá em cima na ponta, tinha uma nota... ou de vinte mil réis... e um saquinho de amendoim, eles colocavam lá de tudo, sabe!? Os meninos ficavam de baixo, jogando pedrada para ver se conseguia atingir o saquinho de amendoim. *[risos]* E muitos “pelejavam” para subir naquele pau todo ensebado. Os meninos conseguiam subir um ou dois ou três metros e cinha de volta. Outros enchiam os bolsos de areia para ir enchendo as mãos de areia. De tanto “pelejar” ia limpando o pau também, não é!? Chegava numa hora alguém conseguia tirar a nota.

TP: E o senhor alguma vez conseguiu subir no “pau-de-sebo”?

SP: Não. Sujava a roupa toda de sebo ia dar trabalho para a minha mãe e ela não ia gostar.

TP: E essas barraquinhas elas foram montadas para ajudar na construção/

SP: Eram três dias. De um lado e do outro da Contorno. E no centro tinha o Coreto, tinha banda de música, daqui no bairro Santo Antônio mesmo, chamada Banda Carlos Gomes.

TP: A Banda Carlos Gomes era daqui do Santo Antônio?

SP: Era daqui//.

TP: Eu não sabia//.

SP: É... era daquele... os principais dirigentes dela era dessa família Perruci... Carlos Perruci,... o Perruci era o maestro. Tinha os outros irmãos dele, parentes.

TP: E o senhor sabe dizer se essa Banda Carlos Gomes é a mesma que é a Orquestra Carlos Gomes que existe até hoje?

SP: Eu acho que não. Era tudo músico amador... tudo de instrumento de sopro.

TP: E o pessoal todo era daqui do Santo Antônio?

SP: Era. Moravam por aqui.

TP: Era banda do bairro?

SP: Tinha outra também que era lá do Clube Rio Branco.

TP: Onde o seu pai ia dançar?...

SP: É... antes. E a Carlos Gomes costumava tocar no Clube Esperança. Que ele fazia lá um conjuntozinho para ensinar as festas do clube Esperança. Outra coisa interessante que tinha nas barraquinhas também, era o leilão no terceiro dia. Tinha uma barraquinha lá onde tinha s prendas, as famílias levavam as prendas para serem leiloadas, em benefício da... arrecadação e da construção da igreja. Então levava muitas laranjas e levava molhos de cana, então o leiloeiro apresentava as laranjas e “quanto me d ão?” nas laranjas, aí um falava “tanto”, “escuta, mas é para você levar ou é para dar a meninada”. Se ele falasse que era para ele levar aparecia um outro que cobria o lance dele... “é para a meninada”, aí começava a tossir. Mas acabava saindo para a meninada. Quando era laranja o povo saía porque ele ia jogar as laranjas no meio lá. Quando era laranja ainda bem porque cada um puxava uma laranja. Agora quando era cana, pegava um menino numa ponta, outro na outra, costumava até a jogar os outros no chão. *[risos]* E a tal “Maricota dos Cubu” da Praça da Liberdade, também vinha vender as quitandas dela aí também.

TP: E nesses tipos de festividade, isso eram festividades onde íam as famílias de trabalhadores ou os altos funcionários que moravam na cidade também freqüentavam essas festas?

SP: Nas coroações a gente via mais era moça, senhora. Autoridades assim não se via.

AT: E as meninas que coroavam? As irmãs do senhor já coroavam?

SP: Não. Nunca tomaram parte, da coroação.

AT: Alguma vizinha do senhor?

SP: Não. Era só gente mesmo lá de baixo. As minhas irmãs eram bem mais novas do que nós e não íam com a gente não. Nessa ocasião de coroação tinha assim oito ou dez anos. Eu participei, não sei se falei, em participei da primeira comunhão, que teve na Igreja de Lourdes. Eu falei não?

TP: Não.

SP: Primeira comunhão que foi realizada.// A primeira vez que realizaram uma comunhão//. Lá foi a primeira Comunhão que eu fiz na Igreja de Lourdes e não estava terminando ainda não. Tinha as reuniões do catecismo para lá, mas resolveram fazer aquela Primeira Comunhão dos meninos do Catecismo, cá na Igreja de Lourdes.

TP: O senhor tinha que idade? Uns sete anos mais ou menos?

SP: É... devia ser... Não acho que mais, eu era grandinho... uns dez ou onze anos.

TP: Que outras festividades da municipalidade que o senhor chegou a freqüentar?

SP: A gente tomava parte na parada de “7 de setembro”. Os grupos escolares também vinham ali para a Praça da Liberdade, debaixo de um sol que era assim... umas duas ou três horas da tarde, muitas crianças

desmaiavam lá, eles pegavam ali e levavam para... ali tinha uma faculdade, eu acho que era de Odontologia, e levavam para lá. Agora, eu tive um privilégio muito grande, sabe!? Porque quando estava no grupo eu vi o Rei Alberto em Belo Horizonte.

TP: Então o senhor se lembra da visita do Rei Alberto.

SP: Lembro da visita. Eu não tenho bem certeza se foi no dia do centenário... da comemoração do centenário de independência do Brasil.

TP: Em 1922.

SP: Não tenho bem certeza não. Parece que foi antes, 21 ou 20. Nós aprendemos no grupo a cantar o Hino Belga e cada aluno vinha com uma bandeirinha, ou da Bélgica ou do Brasil.

TP: E o senhor carregava qual bandeira, o senhor se lembra?

SP: Eu não lembro bem não. Eu acho que foi da Bélgica.

TP: E isso foi vivido com muita emoção pelos meninos?

SP: Foi. Porque eles desfilaram. Os escolares todos desfilaram. O Rei Alberto veio aqui para essas escadarias do Palácio da Liberdade *[inaudível]* O governador, se eu não me engano, eu acho que era o Dr. Artur Bernardes, acho que era. Então os escolares todos desfilaram na frente do... deles, passando assim perto do Rei da Bélgica, foi muito bonito e emocionante para gente, ver um rei.

TP: O senhor se lembra de ter notado alguma diferença na Praça da Liberdade, quando a prefeitura fez a reforma na praça para receber o Rei da Bélgica? Porque o senhor nos contou que costumava freqüentar a praça/

SP: Mas aí foi mais tarde um pouquinho que estava um pouco maior e freqüentava a noite, a gente já era mais velho um pouquinho, treze, quatorze, quinze anos.

TP: Então essa reforma que fizeram na praça para receber o rei, isso aí o senhor não tem recordação não!

SP: A reforma que fizeram eu não me lembro como foi. Mas eu tinha um tio que trabalhava com um compressor desses de... de fazer estrada. Compressor que chamava Macadame, e ele ficava trabalhando lá com a Macadame, a gente passava e o tio estava lá.

TP: Preparando a massa?//

SP: É.. preparando aquelas... aqueles negócios dele para fazer *[inaudível]*

TP: Então esse foi um episódio marcante aí na sua infância, a lembrança que o senhor tem, ver o rei da Bélgica.

SP: É... foi muito importante na minha vida.

TP: O senhor costumava, enquanto menino, uns dez ou mais anos, se o senhor costumava ir à inauguração. Porque nessa época em 1920 e pouco... Belo Horizonte estava crescendo, estavam mexendo na cidade

constantemente, então a todo momento devia haver alguma inauguração. Um monumento lá na Praça da Estação ou na Praça da Liberdade, quando a prefeitura abria uma nova rua, ou calçava alguma rua. Esse tipo de coisa se o senhor se lembra de freqüentar, de ir ver?

SP: Não... que eu me lembro, mas isso foi a muitos anos, foi a fonte luminosa, lá na Praça Raul Soares.

TP: E isso o senhor já era rapaz.

SP: Já era rapaz.

TP: E o carnaval?

SP: Quando eu era criança a gente ia... o pai da gente é que levava, mas só no terceiro dia. Carnaval naquele tempo só era três dias. Mesmo assim quando a gente ia, a gente ficava sentado nas escadarias da Igreja São José, porque meu pai não deixava a gente ir lá para baixo. A gente ficava ali da arquibancada só assistindo.

TP: Só vendo.

SP: É. Ia sempre no terceiro dia porque tinha o desfile dos carros alegóricos na Avenida Afonso Pena, passava ali, puxava poucos cavalos, não é!? Não era motorizado, era puxado por cavalos, vinha segurando o freio do cavalo, vinha com *[inaudível]* muito grande.

TP: O desfile era durante o dia ou era à noite?

SP: Era à noite. Muitas vezes a gente não ia ao Carnaval porque chovia muito. Aí ficava aquela *[inaudível]* Passava às vezes um ano sem ver carnaval.

TP: Mas era uma festa que o senhor gostava?

SP: Gostava. Durante o dia passava aqui no bairro os mascarados. Ficava encantado. Às vezes vinha aqueles, apontava na rua Leopoldina, lá embaixo, dois ou três, vestidos assim... dominó. Sabe como é dominó!?

TP: Sei.

SP: Metade amarelo, metade vermelho, não é!? Máscara. E eles passavam por nós “- *Você me conhece?*” Ficavam imitando voz de mulher, cheio de quizo.

TP: Era uma farra.

SP: A gente via aquele tamanho, achava tão grande aqueles mascarados. E outra coisa, uma estupidez... eu acho. Quando eu era criança eles jogavam água, ali junto da nossa casa, tinha uma casa que a gente chamava de venda, onde eu falei onde saía as brigas, onde as pessoas jogavam cartas, não é!? Tinha um preto, às vezes lavando roupa, deixavam ele cheio de água. E ficava escondido ali. E com a *[inaudível]*, bacia, com que fosse, quem passasse na rua eles jogavam... bica de água.

TP: O senhor enquanto menino só assistia o Carnaval. O senhor não se fantasiava, não ia brincar o carnaval na rua.

SP: Não.

TP: Era só um então.

SP: Só ver.

TP: Outra coisa que nós queríamos saber. Essas festas como natal, ano novo, eram festas comemoradas em família ou eram festas mais vividas na rua, na época da sua infância?

SP: Não. A gente não comemorava isso não. Eles falavam em missa do galo, mas a gente não ia. Só depois de rapaz mesmo é que já fui à missa do galo, que a gente passou a comemorar. Mas quando a gente era criança, não. Não havia papai noel, essas coisas.

TP: Não havia troca de presentes?

SP: Não, nada disso. Meu pai comprava umas castanhas, torrava lá//

TP: comia alguma coisa especial//

SP: É... especial. Mas a festa mesmo assim não.

TP: Mas o dia do natal já era um feriado religioso. Era um dia onde as pessoas não trabalhavam.

SP: Era... Tinha muitos feriados religiosos durante o ano... muitos.

TP: E os meninos gostavam dos feriados porque não tinha aula.

SP: Gostavam. Principalmente o dia de São João porque tinha fogueira. A gente fazia em frente a nossa casa, morava lá, São Pedrinho, Santo Italiano. Então fazia lá a fogueira, o São Pedro ali naquele tempo era muito fácil, não é!? Então fazia uma fogueira lá que ardia a noite inteira.

TP: Fazia no quintal?

SP: Não, era na rua, no meio da rua, na Leopoldina. Na manhã seguinte ainda tinha muita brasa lá, muita coisa, aquelas toras lá, não é!? Jogava... soltava bomba... buscapé, aqueles foguetinhos.

TP: Então era uma festa que a meninada gostava também.

SP: É...

TP: E o ano novo? Havia alguma expectativa das pessoas com a passagem do ano? Foguetes, alguma coisa na rua? O senhor se lembra disso?

SP: Não. Nesse tempo eu não sei.

TP: Passava despercebido.

SP: É.

TP: Na sua família, era costume comemorar alguma data especial, algum aniversário dos filhos, Páscoa? Por exemplo, festa de aniversário, o senhor se lembra de ter quando menino?

SP: Não. Nunca tivemos. Fazia assim um bolo... Eu, por exemplo, em vez de meus padrinhos vir ficarem em casa, eu é que ia visitá-los, visitar meus padrinhos. Porque ele tinha uma fábrica de biscoitos, lá na Avenida *[inaudível]* chamava-se Fábrica de Biscoitos Progresso. Clamava-se... o tio Francisco Mendes de Freitas, era um português, minha madrinha Clotilde Borgati, era italiana. Então eu ia lá no dia do meu aniversário, porque me dava um pacote de biscoitos *[inaudível]* e ainda me dava uma nota de 10 mil réis, era muito dinheiro.

TP: Um presentão. Então no dia do aniversário era o senhor que costumava visitar os padrinhos?

SP: É.

TP: Agora/

SP: E os outros irmãos fazia lá um bolo, uma coisa, às vezes aparecia um padrinho, depois nem isso. Os padrinhos assim, gente de família, tios... passava dessa maneira. Não é essa beleza de hoje, uma festa de aniversário de criança é a coisa mais bonita, não é!? As crianças assim, naquela... expectativa com a hora de soprar a velinha. Eles gostam, não é!?

TP: Então na época do senhor não tinha muito esse tipo de coisa. E não era só na sua família não. Era normal não se comemorar/

SP: Era normal... é. Não vi comemorar na casa de ninguém, aqui no bairro Santo Antônio onde eu vivia.

TP: O senhor se lembra de algum fato marcante no que diz respeito a “tragédias urbanas”, essas coisas que a gente vê hoje, enchente, desmoronamento, acidente... ou mesmo algum crime. Esse tipo de coisa. O senhor lembra de algum fato que tenha marcado a sua infância?

SP: Tragédia assim... eu não me lembro.

TP: Não era muito comum acontecer esse tipo de coisa.

SP: Não.

TP: Que outras pessoas o senhor se lembra que eram “tipos populares”, como a quitandeira que o senhor já falou, que eram conhecidos na cidade?

SP: Tinha o “*Quirana*”, o “*Quirana*” ficava na Praça 7. Ali na Praça 7 tinha aqueles figos grandes e embaixo de cada figo tinha um banco desses de madeira que tem aí, onde ficavam sentados, Quirana é que sempre estava. Muito sujo com um saco. A gente chamava de Muquirana, ele ficava xingando. Tinha o “Manoel das Moças”, esse andava alinhado. O Manoel das Moças arranjavam casado para ele, cartola *[inaudível]* uma flor, lapela. E tinha outro, meio mau-criado, chamado “Jaburu”. Essa era *[inaudível]* figura, principal daí. Me lembro até de uma casa que tinha na Praça 7,, casa comercial, uma casa seleta, onde é hoje o... *[inaudível]* tinha lá na vitrine, as estatuetas de cada um deles, o “Muquirana”, o “Jaburu” e o “Manoel das Moças”.

TP: É mesmo Sr. Primo? Na vitrine da loja?

SP: Na vitrine.

TP: Então eram três tipos populares da cidade inteira.

SP: É...

TP: E eles ficavam ali pelo centro da cidade.

SP: É, sempre por ali.

TP: E o senhor tem notícia de quem foi que fez essas esculturas.

SP: Não, tinha lá na vitrine da casa seleta.

TP: Outra coisa que o senhor já nos contou um pouco em relação ao futebol, que o senhor gostava muito quando era menino.

SP: É, a gente fazia uma “peladas” aí, com bola de meia, não é!?

TP: Com bola de meia.

SP: Pegava meia da mãe da gente, enchia ela de... papel, de pano mesmo, fazia a bola e ia jogar.

TP: Jogava aqui mesmo perto de casa.

SP: Só depois, já rapazinho é que fui chutar bola de couro. A gente fazia “pelada” também em cima da “Caixa D’água”, ali onde é a Copasa. Ali era o “Campinho”.

TP: E como era o costume para montar os times? Eram os meninos amigos que procuravam agente de outros lugares para montar o time?

SP: Não, olhe bem! Uma rua contra a outra, hora juntava gente ali. Outros chegavam: “- *Como é que é? Não tem uma “beirada” aí?*” Um ia para lá, outra para cá. Era assim.

TP: E misturavam os meninos maiores com menores.

SP: Era dez, quinze para cada lado.

TP: Então era muita gente mesmo. Como é que foi a decisão de fundar o Ipiranga, que o senhor falou anteriormente?

SP: Uns rapazinhos aí, nós compramos uma bola e resolvemos fazer um time. E aí o nome Ipiranga. Depois tomou corpo, veio uns rapazes aí do bairro Funcionários, uns jogavam no segundo quadro do América, outros do Atlético. Formamos um time bom. Ainda tem um vizinho aqui, o Sócrates Brandão, mora aqui na esquina. Foi um grande jogador. Depois jogou no América..

TP: Profissionalmente//

SP: É. Tinha jogadores bons mesmos. Esse time viveu uns quatro anos. Depois dissolveu de uma hora para outra///

TP: Cada um tomou o seu rumo//

SP: É.

TP: O senhor disse que vocês chegaram a montar um campo, lá embaixo na Contorno com Levindo Lopes, não é isso?

SP: É. Ali naquela quadra onde meu pai plantou lavoura. Abaixo do Prontocor.

TP: Então era na mesma quadra onde seu pai tinha lavoura é que vocês fizeram um campinho.

SP: É. Antes que fizeram um rumo lá junto da rua Tomé de Souza. Mas depois ficou vago esse terreno de cá, passamos cá para cima.

TP: E a permissão para fazer um campo foi seu pai mesmo que deu, deixou vocês/

SP: Não. Meu pai já tinha resolvido o contrato. Aqueles terrenos ali eu acho que já estavam à venda. Era tudo aberto, sabe!?

TP: Então a horta de seu pai não tinha mais.

SP: Não, já tinha acabado. Tinha diversos campos. Tinha aquele ali, tinha um na mesma quadra onde eles plantavam, tinha mais outro aqui para cima. Tinha diversos campinhos aqui.

TP: Vocês montavam o campo ali, mas não era preciso consultar o proprietário, não precisavam pedir autorização, porque era tudo terreno baldio?

SP: É.

TP: Não era ainda cercado os terrenos.

SP: O primeiro que tivemos lá junto da rua Tomé de Souza, me parece que foi pedido a alguém, não sei quem. Mas o de cá não, estava aquele terreno ali, fincamos as traves lá e jogávamos lá, todo o Domingo era aquela festa.

TP: O jogo tinha juiz?

SP: Tinha juiz e depois criamos a “Liga Mineira”, não é!? Tinha “2ª Divisão.”

TP: Então funcionava direitinho.

SP: É. O time ficou muito bom. Depois a gente treinava com o Atlético Mineiro. O primeiro jogo noturno que teve aqui em Belo Horizonte, nós fizemos a preliminar do jogo, o Ipiranga contra o 2º quadro do Atlético. Eu não sei se o Atlético jogou contra o Fluminense do Rio ou o Botafogo. A gente tinha treinado uma noite antes. O nosso presidente era amigo de um diretor do Atlético, então a gente treinava lá toda a Quinta-feira à noite//

TP: Lá no campo do Atlético..

SP: É... onde é o Campo do Lazer. Então a gente treinava lá com eles. E depois acabou com o clube de uma hora para outra.

TP: Isso aí o senhor tinha uns dezesseis anos?

SP: Tinha mais... dezessete ou dezoito. Foi em 1926, 27, 28. É... até 29.

TP: O senhor nos disse também que fez o Tiro de Guerra?

SP: Foi.

TP: Foi aos dezoito anos?

SP: É.

TP: E aí o senhor podia nos contar um pouco como é que foi essa experiência do Tio de Guerra. O senhor já nos contou que trabalhava desde os doze anos. E nas horas de lazer que o futebol tomava bastante o seu tempo, nas horas que o senhor não estava trabalhando?

SP: É. Tinha os dias do treino., a gente largava mais cedo, lá por volta das três e meia, quatro horas e vinha treinar. Isso era duas vezes por semana. E às vezes uma vez só, porque meu irmão também jogava. Às vezes eu vinha na Terça... quase sempre ele vinha na Terça e eu vinha na Quinta. Eu jogava no primeiro quadro e ele no segundo. Então na Quinta-feira eles iam escolar o 1º quadro, quase sempre ele vinha na Terça e eu na Quinta. O tempo era... quatro horas até escurecer, até não enxergar a bola.

TP: E o senhor tinha autorização da oficina onde o senhor trabalhava ou o senhor podia sair tranquilamente nesse horário/

SP: Trabalhava de sociedade, eu e meu Irmão. Trabalhamos trinta anos juntos.

TP: Aí o senhor já era autônomo, não era mais empregado de ninguém.

SP: É... a sapataria eu fiquei sendo o proprietário da sapataria com dezesseis anos/

FIM DO LADO A DA FITA 03

Entrevista – fita 03 lado B

TP: Vamos falar mais um pouco sobre o seu trabalho, Sr. Primo. O senhor nos disse que foi trabalhar na sapataria do Seu *Etelvildo*.

SP: Foi, na rua Santa Rita Durão.

TP: Que o senhor foi trabalhar como ajudante do Neno.

SP: Depois. O Neno é que veio me convidar. O Neno é irmão de um sapateiro que trabalhava com Seu *Etelvildo*. E com a informação dele, era irmão dele, com certeza eu era um bom auxiliar, veio conversar com meu pai, se deixava eu ir trabalhar com ele, aprender a fazer calçado novo.

TP: Na fábrica.

SP: Na fábrica da Lucíola. Tem a casa de Lucíola até hoje na rua São Paulo.

TP: E a fábrica se chamava Lucíola, também?

SP: Chamava. Era na rua Espírito Santo abaixo da Amazonas um pouquinho. Mas com o Neno eu trabalhei pouco tempo, uns dois meses ou pouco mais, como eu te falei, ele não pagava. E eu preisava ganhar.

TP: E o Seu Neno era proprietário da fábrica?

SP: Não, ele era sapateiro da fábrica. A fábrica era do Sr. Benedito Lucíola.

TP: Então o nome da fábrica tinha o sobrenome do dono da fábrica.

SP: É.

TP: Nessa fábrica, o senhor podia nos contar como era o dia a dia do trabalho lá, só trabalhava homem?

SP: É só homem. Era tudo artesanato. Atrás da loja, lá no fundo, onde tinha o barracão, a gente trabalhava, lá dentro do barracão, tinha uma parede... e para entrar lá era tudo de grade. Então tinha lá umas cinco ou seis bancas. Trabalhava quatro em cada banca. Em cada banca trabalhava dois oficiais e dois ajudantes. Então nessa banca só trabalhavam três, o Neno, um outro, Honório... “Honório da Cabrita” (que chama ele), depois esse rapaz deixou de ser sapateiro foi ser desenhista, melhor sapateiro que eu já vi em minha vida. Ele fazia os calçados de encomenda, aqueles calçados finos de encomenda, sabe!? Ele é que fazia. E eu ajudando o Neno. Tinha uma outra banca que fazia calçados de senhoras, salto alto. Uma outra banca eles faziam calçados de senhora de salto baixo. Outra banca fazenda de criança. Outra banca fazendo assim... botina grosseira, a prego, porque naquele tempo não tinha colado. Ou era ponto ou era prego. E assim tinha uma outra banca que fazia conserto... que pegava também.

TP: E Seu Primo, como era o horário de trabalho na fábrica?

SP: Lá na fábrica a gente trabalhava até cinco ou seis horas. Chegava sete horas da manhã até cinco, seis ou sete horas.

TP: E ficava direto na fábrica?

SP: Vinha almoçar. Ai já tinha o bonde. O bonde de Santo Antônio.

TP: Subia a Bahia?

SP: Não... subia a rua Espírito Santo, depois pegava ali a rua dos Emboabas, atrás do Minas, era rua dos Emboabas.

TP: Qual rua dos Emboabas?

SP: Ali chamava rua dos Emboabas, depois mudou o nome, eu acho que para Felipe dos Santos.

TP: Então chamava rua dos Emboabas.

SP: É... virava ali, contornava onde era o Minas e vinha até aqui na rua Congonhas, eu morava aqui. Então vinha na...

TP: Quer dizer então que o senhor subia de bonde todo dia para vir almoçar em casa.

SP: É... vinha almoçar em casa/

TP: E esse horário de almoço era uma hora, assim...

SP: Era uma hora, mais ou menos.

TP: Era a conta de almoçar e voltar.

SP: É... Sapateiro naquele tempo, eu e meu irmão, depois que compramos a sapataria lá na... rua Ceará, a gente trabalhava até dez horas da noite. Teve uma ocasião que meu pai comprou uma casa lá na Santa Efigênia, ele não dava conta para pagar, então nós fizemos o conjunto, todos trabalhando. Meu pai abriu um barzinho, abria quatro horas da manhã ia até meia-noite ou mais. Minha mãe trabalhando lá na Santa Casa como parteira. E eu e meu irmão vinha para a sapataria tudo escuro, quatro e meia, cinco horas. E vinha o almoço, vinha o café e vinha a janta. Ai a gente ficava até dez horas da noite.

TP: Fazia serão para ajudar as despesas de sua família.

SP: É.

TP: Voltando à fábrica um pouquinho. Na fábrica vocês tinham algum lanche...

SP: O dono da fábrica dava para a gente um cafezinho, alguma coisa assim. Só quando entrava um sapateiro novo é que ele era obrigado a dar um café com leite, com pão e manteiga a todos. *[risos]*

TP: Então era dia de farra quando entrava um sapateiro novo. *[risos]* E quando o senhor entrou ele fez isso?

SP: Não, eu fui ajudante, não ganhava. *[risos]*

TP: Era comum que os outros sapateiros fossem almoçar em casa ou comiam lá mesmo?

SP: A maioria levava o almoço para eles. Naquele tempo usava muito levar o almoço para os trabalhadores, sabe!? Aqui mesmo na rua Leopoldina, junto da nossa casa, onde tinha os carpinteiros, eu falei que gostava, eles trabalhavam lá na serralha, lá perto da Praça da Estação. Então os meninos iam levar o almoço. Era aquela quantidade de menino com as marmitas levando o almoço.

TP: Levava o almoço quentinho.

SP: É.

TP: É diferente de hoje que os trabalhadores eles próprios saem de casa com a marmita.

SP: É...

TP: Naquela época as crianças que levavam para os pais.

SP: É... uns ganhavam um, três mil réis para levar a marmita... por mês.

TP: E só uma última pergunta com relação a essa passagem do senhor pela fábrica... Lucíola. Já existia a sapataria Lucíola, na época que o senhor trabalhou?

SP: Tinha loja de calçados.

TP: Então todo o material que vocês faziam era vendido na loja mesmo.

SP: Era vendido na loja. A produção era vendida toda lá. A maior parte era de encomenda. Naquela época fazia chuteira... mas era vendido tudo lá. Eu não sei... Ele ficava com a loja aberta até dia de Domingo. Eu mesmo já fui comprar chuteira com um amigo meu.

TP: Bom. O senhor falou que cada sapateiro tinha um ajudante, não é!?

SP: É... tinha. *[silêncio]*

TP: Isso era uma prática só dessa sapataria, dessa fábrica, ou era uma prática comum, a figura do ajudante de sapateiro?

SP: Era muito importante. Porque não existia as máquinas como existem hoje... de costurar. Eu por exemplo, na minha sapataria lá sempre tive aprendiz. Para lixar o sapato, para fazer o acabamento, para engraxar, para costurar, para levar o sapato na casa do freguês, todas as sapatarias tinham o seu aprendiz, seu ajudante. Mas de uns tempos para cá, veio àquelas máquinas para o acabamento, a gente num instante faz o acabamento. Tem as máquinas de costurar... tem os costuradores na cidade, a gente prepara o sapato, até hoje faço isso, preparo lá, uns tantos pares de solado e levo ou mando alguém levar para pontear a costura e volta. Esse é um trabalho do ajudante.

AT: E o senhor se lembra de algum colega do senhor que foi trabalhar como ajudante em outro tipo de atividade, como alfaiate... Existia isso, e eles também faziam esse tipo de atividade sem receber nada?

SP: É... Todos eles ficavam uma temporada aprendendo sem ganhar nada. Os pais mesmos já combinavam lá com o profissional. “*Você podia ficar com meu menino aí. Ele ia aprendendo para não ficar aí pela rua, não é!? Não é como hoje que tem facilidade para o estudo. É só querer estudar que tem jeito. Mas antigamente quando eu era criança, só tinha o Ginásio Mineiro. O Ginásio Mineiro era lá onde hoje é o Quartel do Corpo de Bombeiros. Então era só quem podia pagar. E a gente ia saindo do primário e logo ia para a profissão. Aqui no nosso bairro era assim. Aquele que não ia para a profissão ia trabalhar na cerâmica, que empregava muita criança, muita mocinha, para ganhar um “tiquetinho”. Então a gente, no tempo que estava aprendendo, a gente ganhava boas gorjetas às vezes. Para incentivar, sabe!? Os pagamentos eram feitos aos sábados... aos oficiais e a gente tinha ajudado durante a semana, ele dava um mil réis... por aí. Eu trabalhei com o Seu Etelvino durante seis meses e depois é que ele me deu um ordenado. O primeiro ordenado foi dez mil réis. Eu ajudava ele lá, ia buscar o almoço lá na rua da Bahia, tinha um restaurante lá chamado Colosso. Ia buscar o almoço dele, depois é que eu ia almoçar, voltava. Fazia essa trabalhadeira toda de graá.*”

TP: Nos primeiros seis meses.

SP: É... depois é que ele me deu um ordenado.

TP: E isso era comum/

SP: Isso era comum em todas as profissões.

TP: Então os meninos não se sentiam explorados trabalhando de graça?

SP: Não. Depois é que passavam a ganhar, e já ficavam mais alegres, passava a meio-oficial. Enfim já ficavam mais... meio-oficial já estava fazendo alguma coisa lá, não é!? Um calçado ou um *[inaudível]* a borda dos fregueses, não é!? Falava “meio-oficial”, e daí em diante é que ia chegar na porta de ser profissional mesmo.

TP: E nessa época que os meninos eram ajudantes, não havia nenhuma relação trabalhista.

SP: Não.

TP: Por exemplo, essa história de carteira assinada, não havia nada disso?

SP: Não.

TP: Pagar previdência.

SP: Nada disso. O patrão resolvia mandar o trabalhador para aí, pode ir embora, não tinha a quem recorrer. Largava mesmo porque não queria mais, mandava ele reeber o dinheiro no dia seguinte, ou no Sábado, ou pagava na hora. Não é igual a hoje. Hoje tem muita garantia.

TP: O senhor falou que o primeiro ordenado que o senhor recebeu foi dez mil réis. Isso era um ordenado mensal?

SP: Mensal.

TP: Continuando, o senhor ficou na sapataria alguns meses sem receber salário. Agora o senhor podia nos contar como foi a saída da Fábrica Lucíola para comprar a sua própria sapataria? O senhor ainda não nos contou.

SP: Meu pai era ambulante, como eu falei antes. E trabalhava na rua, principalmente no bairro Funcionários. Às vezes vendia na Espírito Santo, até Maranhão, Av. Brasil para cá, não é!? E ele passando ali na rua Ceará, tinha um sapateiro lá. Ele perguntou se ele precisava de um ajudante. Ele respondeu que sim, que precisava. Então meu pai falou que “- *Você não vai trabalhar lá mais não, porque eu arranji serviço para cá.*” Aí eu arranji serviço com ele. Ele ainda fez um ordenado para mim, eu não me lembro quanto. Eu sei que ele fez um ordenado, acho que foi sessenta. Acho que foi sessenta mil réis por mês. Deixei de ganhar dez. Ganhei dez com Seu Terbino a vida inteira, ele não aumentou também não. *[risos]* Só uma vez que ele me deu um pote de brinde, que a costureira fez. Aqueles que faz igualzinho que eu falei para você. Que as costureiras é que faziam, não mandavam fazer no alfaiate. A gente pagava cento e dez mil réis. Depois fui trabalhar no Neno na fábrica Lucíola, não ganhando nada. Foi uma decepção. Foi bom que eu aprendi muita coisa. Mas depois meu pai arranjou essa da rua Ceará. Fui trabalhar na rua Ceará. E aí, nos resolvemos... montou uma ali na rua da Bahia com Timbiras, que eu lhe falei, não é!? Pra ficava cá, ora ficava lá. Depois ele resolveu: “- *Você podia ficar com essa sapataria, que eu fico com a outra lá.*” Então combinou com meu pai, meu pai comprou essa da rua Ceará.

TP: Quando o senhor fala que seu pai comprou a sapataria, era as máquinas, era o material que tinha dentro, ou era o lugar que o senhor trabalhou?

SP: Era aquela banca, os tamboretas, as ferramentas, as formas. Ele tinha bastante forma também que ia comprando aos poucos, sabe!? Quando sabia que um fabricante estava vendendo formas usadas. Numa ocasião meu pai comprou bastante do Ranieri. Tinha um irmão desse, o Ranieri, que ia mudar para São Paulo, e estava vendendo as formas, meu pai comprou em quantidade. Então eu já tinha bastante forma. Foi mais o ponto.

TP: Era isso que eu queria entender. Então a compra da sapataria, era comprar o ponto onde estava instalada a sapataria.

SP: É.

TP: E essa pessoa que o senhor trabalhou e acabou vendendo o ponto, não era proprietário de cada onde ficava a sapataria?

SP: Não. Ele não era o proprietário.

TP: Alugava.

SP: É, alugava.

TP: E até hoje o senhor paga um aluguel ao proprietário da loja?

SP: Mas não é na mesma casa que eu trabalho não. Trabalhava ali em frente. A casa foi demolida, hoje é um edifício, um prédio.

TP: Era bem em frente?

SP: Bem em frente, para cima um pouquinho. Eu trabalho no 999 e lá é 1022.

AT: Isso foi em que época senhor Primo? Que seu pai comprou a sapataria.

SP: Foi em 1926. Em 27 eu já comecei a pagar um imposto, chamava Indústrias e Profissões.

AT: Era um imposto,

SP: Pagava anual.

TP: Do estado?

SP: Meu pai gostava muito das coisas muito certas, principalmente com a fiscalização. E até para fazer para mim, para efeito de aposentadoria, para comprovar o tempo que eu trabalhei, quando eu requeri. Também eu já tinha passado, quando eu requeri eu tinha quarenta e quatro anos.

TP: É mesmo?! De trabalho?!

SP: De trabalho.

TP: Quer dizer então que desde que o senhor se tornou proprietário, essa sapataria, o senhor passou a pagar esse imposto!?

SP: É.

TP: E esse imposto era pago para a prefeitura.

SP: Prefeitura. Imposto de Indústria e Profissões. Depois mudou, Imposto Sobre Serviços, não é!? A gente pagava anual o Imposto sobre Serviços, passou a ser por mês, para arrecadar mais, não é!?

TP: Isso o senhor está falando foi em 26, que o seu pai comprou.

SP: É.

TP: Nessa época e seu irmão já estava trabalhando com o senhor?

SP: O meu irmão trabalhava numa sapataria lá na Tupinambás, chamada Zás-Trás. Foi o fundador dessa Zás-Trás. Depois que meu pai comprou ele veio de lá das Zás-Trás e ficamos trabalhando juntos. Trabalhamos juntos uns trinta anos ou mais.

TP: E eram só vocês dois ou tinha mais?

SP: Tinha sempre mais gente. Como tudo era feito à mão, sempre tinha uns dois ou três. Tinha um menino aprendendo, tinha mais um oficial trabalhando. Sempre tivemos oficiais trabalhando. Era sempre umas cinco ou seis pessoas. Era feito tudo à mão.

TP: A sapataria sempre funcionou como uma escola de sapateiros?!

SP: É.

TP: O senhor sempre estava treinando alguém. O senhor chegou a participar, enquanto o senhor era... trabalhava com outros ou mesmo depois, quando o senhor passou a ser autônomo na sua profissão. O senhor chegou a participar de alguma associação de profissionais desse ramo? Havia algum tipo de sindicato de sapateiros?

SP: Havia sim, mas eu nunca participei. De uns tempos para cá é que tinha.

TP: O senhor nunca se inscreveu num sindicato?

SP: Não. Pagava o imposto sindical que era obrigatório. Eu não acreditava muito nesse sindicato.

TP: Não.

SP: Não.

TP: E por quê? Não era um hábito de família, pelo tipo de trabalho dos seus pais.

SP: Eu acho que era... que eu peguei dos meus antepassados, não acreditar muito nessas coisas.

TP: Apesar do senhor está nos dizendo de não acreditar muito nisso, mas o senhor se lembra de ver ou assistir alguma movimentação de trabalhadores aqui em Belo Horizonte? Como greves, paralisações, manifestações de rua?

SP: Tinha essa de 1º de Maio que às vezes queriam que os trabalhadores saíssem pelas ruas para... para os trabalhadores pararem de trabalhar. Eu era criança. Eles falavam isso, eu mesmo não vi, quebradeira essas coisas, ouvia falar.

TP: O senhor chegou a calçar algum sapato que o senhor mesmo tenha feito, tenha montado?

SP: Já. Já fiz sapato para mim, para minha mãe, fazia sandálias para minhas meninas.

TP: Quer dizer então, que o senhor fazia sapatos para a família toda.

SP: Fazia sapato colegial para as minhas filhas que estudavam no Instituto de Educação. *[silêncio]*

TP: Voltando às horas de lazer, outra vez. O senhor falou para a gente que às vezes, o senhor participava de serenata. Isso aí o senhor tinha mais ou menos que idade?

SP: *[Silêncio]* Devia ter uns vinte anos, vinte e dois anos, mais ou menos.

TP: E era muito comum fazer serenata nessa época?

SP: Muito comum. Lá junto de minha sapataria, onde a gente morava, porque nós mudamos lá para a rua Ceará, com a família. E ali na minha casa fazia fundo com um terreno onde tinha uma lenharia, porque antigamente não tinha fogão a gás, era tudo fogão alenha. Então tinha essas lenharias que produzia

lenha. Lá aqueles trabalhadores, eles gostavam de tocar violão, cantar, essas coisas, sabe!? Eu e meu irmão íamos para lá!

TP: Depois do serviço?

SP: ... a gente ia aprendendo. É, depois do serviço, de noite. A gente ia para lá, ou ficava jogando carta, truco, essa gente da roça gosta muito desse jogo de truco, ou senão a gente ficava tocando violão, cantando. E aos sábados a gente saía fazendo serenata. Depois eu resolvi aprender a tocar clarineta porque não tinha nenhum instrumento de sopro na turma, não é!? E a gente saía. Não cheguei da aprender bem não, mas para fazer uma serenata já dava. Aos sábados a gente ia fazer a serenata lá/

TP: E agora o senhor vai ter que nos contar//

SP: para a namorada

TP: para quem era a serenata?

SP: Era para a namorada de cada um. “- *Agora vamos passar na rua de sei quem lá, na rua Grão Mogol, que ea a casa da minha namorada.*” Na rua Paulo Afonso... ali naquela Joaquim Murtinho,, onde tem aquele posto de gasolina, onde morava a namorada de um que até cantava muito bem, chamava-se Florzina e ele José de Sousa. José de Sousa era o que cantava.

TP: O cantor.

SP: É, o cantor. E a gente ia assim na casa das namoradas e a gente cantava em qualquer lugar.

TP: O senhor estava dizendo que resolveu tocar clarinete porque não tinha instrumento de sopro no conjunto. E quais eram os instrumentos que eram habitasi nesses programas de serenata?

SP: Era violão, cavaquinho, um pandeiro, às vezes um padeiro, não era muito comum, porque o pandeiro era mais para festa, era violão, e o cavaquinho. Uns dois ou três violões, um cavaquinho, Era uns quatro ou cinco.

TP: E quando o senhor resolveu aprender a tocar clarineta, o senhor fez isso sozinho ou arrumou alguém para ensinar.

SP: Arranjei um músico que eu conhecia de muitos anos. Ele tocava tão bem que tinha o apelido de “José Repinica”, de tanto que ele tocava. Mas não era um bom professor não. Tanto que ele me ensinou uma música mas não ensinou a cantar não. Era como se fosse uma reza, ré, lá, si, não era também o tom da nota não. Mas deu para aprender.

TP: Para fazer serenata deu para aprender.

SP: Deu para aprender, para ler na partitura.

TP: Essas serenatas eram sempre aos sábados?

SP: É... era só no Sábado.

TP: E era no início da noite, tarde da noite, qual era o horário?

SP: Umas dez horas a gente saía. Dava uma treinada antes, uma ensaiada para ver se estava tudo em cima.

AT: E as moças, como é que recebiam a serenata? Não levaram nenhum balde d'água ainda não?

SP: Não. Muitas vezes nem ouvia. *[risos]*

AT: Mas ninguém ouvia na casa porque estavam todos dormindo?

SP: Às vezes a gente falava: *“Como é que é, mas ninguém apareceu para ouvir a serenata, não?”* Outra hora, até a gente tocou uma valsa que a minha namorada não gostou muito não. Uma valsa que eu achava que era muito bonita, chamada Arrependimento. Toquei Arrependimento e no dia seguinte ela falou: *“- Mas você está arrependido?”* *[risos]*

TP: E como é que era a receptividade, dos pais da namorada? Achavam bom a serenata ou costumavam bronquear?

SP: Quase nenhuma das namoradas tinham pai. A minha não tinha nem pai nem mãe. Essa Flauvina mesmo que era namorada do José de Sousa, também era criada pela tia. Não incomodava, até gostava.

TP: A família com quem ela morava até gostava, não costumavam se incomodar não. *[silêncio]*

TP: As serenatas eram feitas para as namoradas, mas houve algum caso de se conseguir uma namorada através da serenata? A serenata era um pretexto para se arrumar uma namorada?

SP: Não. A gente fazia a serenata já para a namorada. A gente conseguia não era através da serenata não. *[silêncio]*

TP: Agora então o senhor vai nos contar um pouco dessa namorada, não é!? Essa namorada foi a pessoa que o senhor veio a se casar ou era a primeira namorada?

SP: Foi a primeira namorada firme e que casei com ela. O negócio foi interessante. Ela era filha de um dos tropeiros, eu já contei, que vinha de Paraopeba trazendo as mercadorias para serem vendidas aqui. Tinha um rancho de Tropa aqui na rua Lavras com Major Lopes, não falei não?

TP: Não.

SP: Aí tinha, eles ranchavam aí. Então o pai dela levava quase toda a mercadoria lá para a minha casa, o meu pai comprava quase tudo que ele trazia. Eram, muito amigos, o meu pai e o pai dela. Depois ele teve vontade de mudar para aqui em Belo Horizonte. Para arranjar serviço e ele tinha muito filho para arranjar serviço para eles, ter onde estudar, essas coisas. Porque ficava lá na roça, não é!? Em Piedade de Paraopeba. Então a nossa casa era muito grande e o meu pai dividiu o lugar. Separou uns cômodos para atrás, ea ali na rua Leopoldina, e eles vieram morar na nossa casa. Interessante que eu não lembro muito dela, eu me lembro dos outros. E nem ela de mim. Mas passado... depois que eles mudaram daí/

TP: O senhor se lembra quanto tempo eles moraram?

SP: Moraram lá em casa bem um ano ou mais. E depois eles mudaram aqui em cima, nesse alto aqui. As pessoas requeriam da prefeitura, chamava-se aforamento, pagavam uma taxa para a prefeitura, então a prefeitura dava um lote, aqui nesse alto todo aí. Até esse lote aqui do lado foi assim. Então mudaram para aqui e depois acho que foram para Nova Lima e depois sumiram. E depois um companheiro desses de serenata falou comigo que estava namorando uma moça, lá da rua Grão Mogol e que me conhecia. Ele falou isso para os companheiros lá do conjunto e ficamos conhecendo tudo, contou a história. E uma vez teve um aniversário do unhado dela, ela não tinha nem pai, nem mãe, e morava então, junto com a irmã casada. Ela mais o irmão solteiro ficaram morando com a irmã casada. Era aniversário do cunhado e me convidou, “*vamos tocar lá na casa da namorada, aniversário do irmão.*” Fomos lá e aí ele me levou lá. Conversamos um pouco e um *[inaudível]* minuto depois eu ‘furei a chapa dele’ *[risos]*

TP: Quer dizer então que o senhor tomou a namorada do amigo.

SP: Mas, bem mais adiante. Acho q eu não era mais namorado dela mais não. Nós nos encontramos no Carnaval, sabe!? Encontramos no Carnaval, brincamos e depois/

FIM DO LADO B DA FITA 03

A	L
Atlético, 11, 12	Leopoldina, 7, 8, 16, 25
B	M
Bairro Santo Antônio, 2, 3, 9 Banda Carlos Gomes., 3 Belo Horizonte, 1, 5, 6, 12, 22, 25	Manoel das Moças, 10 Muquirana, 10
C	P
Carnaval, 6, 7, 26 circo <i>Piolin</i> , 1 Clube Esperança, 3 Clube Rio Branco, 3	Praça da Liberdade, 4, 5, 6 Praça Raul Soares., 6
G	R
Ginásio Mineiro, 18	Rei Alberto, 5
I	S
Igreja de Lourdes, 2, 4	serenata, 22, 23, 24, 25
J	T
Jaburu, 10	Tiro de Guerra, 13

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: SALVADOR PRIMO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 28 DE OUTUBRO DE 1991

Entrevista – fita 04 – lado A

TP: Senhor Primo conta-nos agora as suas anotações que o senhor se lembrou de algumas coisas do passado.
Conta para nós o que é que foi.

SP: Eu me lembrei do primeiro avião. Eu tenho a impressão que foi o primeiro avião que veio aqui para Belo Horizonte. Eu tinha na época uns sete anos mais ou menos. Então, era até pilotado por uma mulher, uma aviadora, chamava-se Anésia Pinheiro. Já ouviu falar?

TP: Não senhor. Era uma aviadora famosa.

SP: Ela ficou famosa. Então, eu tenho a impressão que essa gente quase toda aqui do bairro “De Trás do Palácio”, acho que era a primeira vez que via. Sabe por quê? Porque foi quase a população toda lá para aquele alto ali do... da rua Leopoldina, naquele morro ali. Ela fazia aquelas evoluções, aqueles vôos, era lá no Prado, onde hoje é o D.I. Ali tinha um campo de futebol, onde era disputado o campeonato Mineiro de Futebol, naquela ocasião. Então aquele morro ficou cheio de gente, debaixo de árvores, outros com pano na cabeça, num Domingo à tarde, num sol daqueles, para ver o avião levantar lá, dá aquela voltinha... vinha do Prado, ia para o Santo Agostinho, talvez nem isso. E aquela multidão. Então eu fico fazendo uma comparação com hoje. Nossa senhora! *[risos]*

AT: E qual é a comparação que o senhor fez?

SP: A comparação que eu faço é a seguinte: eu tenho uma filha que mora lá na Pampulha, ela já é casada. Então a casa dela fica na direção daquele aeroporto ali da Pampulha. Passa de meia em meia hora, de dez em dez minutos, esses aviões de todos os tamanhos, em cima da casa dela. Mas vai bem baixinho em direção do aeroporto para pousar. E tem lá os bisnetos, uns quatro ou cinco lá, eles nem olham para o

avião, não é como naquele tempo. Um “teco-teco” daqueles dos primeiros, abalou aí a população toda do bairro. Ficamos lá, eu mais outros meninos, a gente ia buscar água para eles, lá no chafariz que tinha ali na rua Cristina com... Mar da Espanha. Ali na esquina tinha um chafariz, então a gente ia buscar água porque estava um calor intenso, uma coisa medonha. Aquela gente fazendo esse sacrifício todo.

TP: Vocês iam pegar a água para as pessoas que estavam observando.

SP: É. Então eles ficavam lá “- *Vá buscar água para nós numa moringa*”. Eu e outro menino. Para não perder o avião.

TP: Isso o senhor tinha uns sete anos de idade.

SP: Tinha, mais ou menos.

TP: Então a primeira impressão que o senhor teve foi de euforia. Mas o senhor teve medo, levou algum susto, ou foi alguma coisa positiva?

SP: Não, eu fiquei curioso como todos ficaram, porque fez um barulho por aí, eu não sei. E meu pai disse: - “*É um avião*”. Eu não cheguei a ver não. Então no Domingo seguinte é a fazer umas evoluções lá no Prado então foi a população toda de bairro aí. “De Trás do Palácio” lá para aquele alto, ficaram lá sentados naquele sol.

TP: Foi o programa do Domingo.

SP: Para ver o avião levantar e dar uma voltinha ali no Prado e quando ele aterrizava via aquela poeira. Naquele tempo não tinha esses prédios altos, a gente via perfeitamente lá o Prado.

TP: Hoje para tão longe e difícil de ver por causa dos prédios.

SP: Pois é. Uma coisa curiosa.

TP: Quando o senhor morava aqui na rua Congonhas ainda, na Leopoldina com Congonhas, quando era menino, o quarto que o senhor dormia era com os irmãos ou o senhor tinha um quarto sozinho?

SP: Não, o quarto era dos irmãos. Eu e meu irmão dormíamos numa cama de casal velha. *[risos]*

TP: Então era uma farra durante à noite.

SP: É.

TP: Aproveitava para fazer umas molecagens.

SP: Não. A gente ficava contando para ver quem contava mais ou senão lembrava mais nomes de pessoas do bairro, até dormir. Teve uma vez que meu pai estava meio bravo, eu não sei porque, botou a gente para dormir e o sol ainda estava alto. E a gente escutando os meninos brincando lá na rua. Aquela foi uma noite muito ruim, e escutando os outros correndo, brincando de pegador, ouvindo as cantigas de roda, e a gente lá na cama com medo de pai.

TP: Mas esse quarto que o senhor dormia com o seu irmão tinha janela para rua?

SP: Tinha.

TP: O que é que o senhor via da janela do quarto? O senhor se lembra?

SP: Na frente da nossa casa tinha uma chácara que era desse Josué que era o proprietário da cerâmica. Então ali tinha uma chácara, era umas mangueiras. E a cerca... era cerca naquele tempo, e era uma cerca viva de pinheiros. Isso é que tinha na frente da nossa casa. Do lado da rua Leopoldina só tinha cerâmica lá embaixo, mais nada. Do lado esquerdo descendo é que tinha as casas. Eu me lembro de todas as casas, de todos os moradores, eu me lembro de todos.

TP: Da casa do senhor até a Av. do Contorno?

SP: É... até a Av. do Contorno. A primeira coisa era onde morava os meus avós. Na Segunda casa morava nós. Na casa seguinte, era a cada do Seu Pedrinho, um italiano também. Até aí só italiano. Seu Pedrinho, era uma família numerosa, onde tinha os carpinteiros. Na outra casa chamava-se Toscanini, também italiano. Na casa seguinte Seu Alberto Guerra, outro italiano. Na seguinte era o sogro dele, Seu Bertosi, também italiano. Mais embaixo tinha os Vigorelli, mais italiano.

TP: Era só italiano. Um pedacinho da Itália.

SP: É... era um pedacinho da Itália. Na seguinte, era uma chácara do Sr. Henrique, era um senhor negro. Depois vinha um português, Seu Coimbra. Todas essas casas tinham um quintal, uma chácara pequena, em todas. Os lotes muito fundos. Um lote desses tinha uns sessenta metros de fundo... de frente bastante. Depois do Coimbra vinha Calabresa... chamava casal de Calabresa, a gente falava a Calabresa. E na esquina, já na esquina da Leopoldina com Contorno, ali morava outro Josué, a gente dava o nome de “Josué Pequeno”, porque tinha o Josué Filho, e aquele se chamava “Josué Pequeno” [risos] Pequeno nada, só o nome é que era “Pequeno”. [risos] Mas no lado direito não tinha nenhuma casa, era cerâmica e lá mais embaixo era aquele brejo lá no fundo de tanto eles tirarem argila para fazer tijolo, telha, material, não é!?

TP: Da altura da sua casa na Leopoldina, era possível enxergar o Palácio da Liberdade? O senhor se lembra se dava para ver o Palácio?

SP: Saindo cá para rua da nossa casa dava para ver. A rua dava na direção do fundo do Palácio.

TP: Não tinha nada tampando a visão?

SP: Não. Ali ela liga com a Levindo Lopes//

TP: e dá mesmo direto no fundo//

SP: É... no fundo do Palácio tinha até uma horta muito grande e ali ficava o Palácio... o Palácio da Liberdade.

TP: Em geral esses vizinhos da rua Leopoldina eram pessoas da mesma renda do seu Pai?

SP: Eram da mesma renda.

TP: Que profissões eles tinham? O senhor se lembra?

SP: O meu avô, ele era hortaleiro. Ele tratava de uma horta, uma horta muito grande. E minha avó era quem vendia pela rua. O meu pai era ambulante, como eu já lhe disse. Na casa do Seu Pedrinho... o seu Pedrinho ele era carpinteiro e os filhos dele também, mas lá também tinha uma venda, a gente chamava venda que ficava aberta até tarde da noite e aos domingos. Ali a gente chamava a Venda da Dona Teodora, que era a esposa dele que tomava conta. Já o Seu Toscanini ele era pedreiro e tocava construção... ele era construtor. O Alberto Guerra também era pedreiro... o Bertosi e os filhos eles eram pedreiros também. O Vigarelli ele era motorista de caminhão da cerâmica. O Henrique que era da chácara era da chácara, trabalhavam na chácara. O seu Coimbra, também mexia mais na chácara dele. A Calabresa também, que era só um casal de velhos, ficavam lá com o povo. E lá na esquina, na casa do Josué Pequeno, a senhora dele bancava bicho.

TP: Jogo do bicho?

SP: É... jogo de bicho que era proibido. Meu pai ganhou três... Naquele tempo a loteria corria todos os dias, a loteria federal... era uns vinte contos. Todos dia corria a loteria federal. O meu pai teve um sonho com um amigo dele, que foi assassinado. E fez lá a interpretação do sonho do jeito dele. Ele estava morto assim com uns riscos de sangue, essas coisas. Ele falou: “- *Isso deve ser porco*”. E jogou na centena do porco. O meu pai ganhou três dias seguidos. Esse amigo dele, chamava-se Ricardo Matte, ele tinha um armazém aqui na rua Major Lopes com Lavras e tinha um rancho de Tropa, onde vinha os tropeiros de Piedade de Paraopeba, onde vinha também esse que veio a ser o meu sogro. Então ele havia prometido ao meu pai que ia dar ao meu pai um presente de um conto de réis, mas ele foi assassinado, morreu. O meu pai teve esse sonho e//

TP: Jogou no porco//

SP: e saiu esse conselho [*risos*] . Veio por outro caminho [*risos*]

TP: Então essa era D. Calabresa que era/

SP: Não ela se chamava Zaíra.

TP: Que era lá embaixo?

SP: Que era lá embaixo na esquina.

TP: O senhor comentou com a gente que o seu pai não gostava de falar em italiano, que rompeu com as origens dele. Agora, a língua que o senhor escutava quando o senhor escutava quando subia e descia a rua Leopoldina era mais o italiano ou era bastante misturado?

SP: Os italianos conversavam mais era o italiano. Uns a gente nem entendia. Tinha um tal de Vicente Costa, a gente chamava de [*inaudível*] , então esse [*inaudível*] falava e a gente não entendia nada. A gente comentava assim: o que é que o Seu Bemcensai fala que a gente não entende nada? “- *Mas é porque ele é Sardenhol, ele era da Sardenha*”. [*risos*]

TP: O senhor nos disse que se lembra de outras coisas. O que é que foi?

SP: É... porque você me perguntou também sobre as divisões, os entretenimentos nossos. Eu esqueci das rodas, das cantigas de roda.

TP: Como é que eram as rodas?

SP: Naquele tempo não tinha, como tem hoje, o rádio, não é!? Tinha era o gramofone que tocava as nossas músicas, não é!? Então nesses noites assim igual à d'agora *[inaudível]* juntava as moças e crianças também... cedo para cantar as rodas, as cantigas de roda... “Nessa rua tem um bonde”, “Fui na ponte do Itororó... beber água não achei...” Era isso que cantava.

TP: Mas eram só as meninas que brincavam ou os meninos também?

SP: Os meninos também cantavam na roda. Eram meninos, meninas... faziam lá em frente da venda da Teodora. Porque era ali que tinha um poste com luz. Naquele tempo tinha uma luz que era até fraca. Poste sim, poste não... imagina... naquela rua toda da Leopoldina se tinha cinco lâmpadas era muito. Então ali em frente da vida da D. Teodoro//

TP: Era calrinho//

SP: era um lugar mais plano, não é!? “- *Então, vamos brincar de roda? – Vamos.*” Ia as minhas irmãs com as filhas e Juvelina

TP: E a brincadeira era na rua mesmo.

SP: Era na rua. Porque em casa, ficar o quê lá em casa!? Dentro de casa era lamparina, não tinha luz direito. Não tinha diversão nenhuma. Então ficávamos cantando. A gente ouvia aqui na cerâmica também tinha muita moça e também tinha muito trabalhador, nessa cerâmica tinha centenas deles. Nessa rua também tinha muitas moças, muitos meninos, eles também cantavam e a gente ouvia lá eles cantando. Era um divertimento bom também.

TP: E de vez em quando levavam algum gramofone para animar as rodas, ou não?

SP: Não. Era aquelas cantigas de roda mesmo. Vocês conhecem, todo mundo sabe. Aquelas... “Fui na fonte do Tororó, beber água não achei.” *[inaudível]* meu, não é de ninguém”, essas coisas.

TP: O senhor ainda se lembra de muitas, não é!?

SP: Lembro, lembro delas todas.

TP: O senhor nos disse que lembrou algumas coisas sobre os bondes. O que que era?

SP: Os bondes naquele tempo eles não eram assim... eu não sei assim se os bondes hoje, eles pertencem ao estado, se era das autarquias, não sei bem. Hoje os bondes depois, os bondes não, os ônibus, hoje são os ônibus. *[risos]* Mas ultimamente os bondes, eles funcionavam bem. Pouco tempo antes de acabarem. Tiveram daí porque não estavam dando conta do transporte da população, trocaram por ônibus, não é!?

Mas os bondes no tempo em que eu era menino, eles pertenciam a um tal senhor Carvalho de Brito. Já ouviram falar em Carvalho de Brito?

TP: Já.

SP: O Carvalho de Brito era o dono dos bondes.

TP: Tem inclusive uma rua com o nome dele em Santo Agostinho.

SP: Ele morava ali na Espírito Santo esquina com Tupis, em frente daquele portão da Igreja São José. Era ali que ele morava. Então a força naquele tempo era muito deficiente. A gente pegava um bonde, andava às vezes um quarteirão ou dois, e parava, acabava a força. Aí a gente ficava no bonde. Não sabia se a gente descia porque a força podia chegar logo e não sei como é que ficava. Quando descia, quando descia do bonde vinha a pé... pegava luz outra vez no bonde. A gente corria e pegava o bonde, andava outro tanto. Ah! Mas era uma luta! *[risos]*

TP: O bonde ia andando e parando, andando e parando. *[risos]*

SP: Isso era comum. A força era muito fraca. Tinha até ali em frente ao Instituto de Educação, onde tem aquele prédio Raposo Tavares, ali tinha uma Usina de Força a carvão. Chamava-se “gás-podre”. Em frente tem assim aquela organização da Cemig. Em frente aquele Raposo Tavares, ali era que tinha o “gás-podre”. Eu acho que era para auxiliar. A luz também era um fracasso. Tinha tempo que ficava acesa depois apagava.

TP: Em casa?!

SP: Em casa.

TP: O senhor estava dizendo que quando era menino usava lamparina em casa.

SP: Na minha casa não tinha luz elétrica

TP: O senhor era menino quando a luz elétrica foi instalada?

SP: Eu era menino. É porque na nossa casa não chegou. Não sei se foi porque meu pai não se interessou. O último poste ficou abaixo da nossa casa um pouco. Em frente da casa da D. Teodora, ali era o último poste. Depois é que colocaram todos os postes até a Congonhas com *[inaudível]*, foi lá para Congonhas afora. Depois o último poste ficou lá na Congonhas com Mar de Espanha. Lá era o fim da rede.

TP: O senhor tinha quando menino hábito de ler na sua casa, ou seu pai ou a mãe tinha livros em casa? O senhor gostava de leitura?

SP: Não. Em casa não tinha esse hábito de ler não. A gente lia aquela revistinha o “Tico-Tico”.

TP: O “Tico-Tico” o senhor gostava. O senhor comprava aonde?

SP: Passava o jornaleiro e a gente comprava. Minha mãe também costumava ler os romances em fascículos.

TP: Que o próprio jornaleiro trazia.

SP: É, vendia is fascículos. Não era sempre não porque o tempo dele era muito pouco, não dava tempo. Não tinha tempo mesmo.

TP: Então não era um hábito da sua infância. Nem da meninada que o senhor freqüentava.

SP: Não.

TP: Agora vamos falar um pouco mais da sua adolescência. Por exemplo o senhor nos disse que fez o Tiro de Guerra. Com que idade o senhor fez o Tiro de Guerra?

SP: Dezoito anos.

TP: E como é que era isso. Era obrigatório, foi uma opção do senhor. Como é que foi?

SP: Não. A gente ia que era para se livrar do exército. Porque a gente conseguia a carteira de reservista de segunda categoria.

TP: E porque era preciso se livrar do exército?

SP: O exército atrapalhava a vida da gente lá trabalhando. Naquele tempo eles pegavam um salário, eu acho que era vinte e um mil réis por mês. E atrapalhava a vida da gente no trabalho, no estudo. Tinha que ficar lá um tempo, não sei se um ano. Então todo mundo dava seus pulos para não ficar ali.

TP: E o Tiro de Guerra era muito diferente? Qual era a vantagem?

SP: A vantagem era essa, a gente se livrava... A gente fazia instrução que era na parte da manhã, de 5 às 7 horas e depois à noite de 7 até 10 horas da noite.

TP: Nesse horário era que o senhor tinha que estar lá?

SP: É. porque durante o dia era só gente do comércio, gente que trabalhava nas fábricas... esses é que iam para o Tiro de Guerra.

TP: Então o Tiro de Guerra não impedia do senhor trabalhar.

SP: Não. Porque a instrução era pela manhã das 5 às 7 horas. Era ali na Olegário Maciel, esquina com Carijós com Olegário Maciel. Aí é que era a sede. Mas a gente fazia instrução na avenida. Ordem unida, àqueles negócios. Tinha gente que fazia marcha também. À noite às vezes fazia marcha, ia lá na Renascença, Venda Nova, ia e voltava... Gameleira. E tinha aula também... teórica, à noite. Agora, quando tinha aula de tiro ao alvo é que era marcado à tarde. A gente ia lá no Quartel do 12º Regimento ou ia lá no quartel, no primeiro.

TP: Mas isso era excepcional, de vez em quando.

SP: É. Isso era quando fazia exercício de tiro.

TP: Quer dizer então que o senhor não precisou parar de trabalhar quando fez o Tio de Guerra.

SP: Foi por isso mesmo que eu queria entrar no Tiro de Guerra.

TP: Qual era o objetivo do Tiro de Guerra?

SP: Era mais um serviço de 2ª Categoria. Se a gente fosse convocado, a gente tinha algumas noções. A gente fazia combate simulado, nós fizemos duas viagens. Fomos a Curvelo fazer lá... manobras. Fomos a Lavras também fazer manobras. Então a gente tinha algumas noções caso precisasse. O serviço militar era obrigatório, não é!? Então a opção desses que trabalham era entrar para o Tiro de Guerra.

TP: E durante quanto tempo o senhor servia?

SP: Um ano.

TP: Então foi durante os dezoito anos.

SP: É. Na Faculdade de Direito tinha, na Medicina tinha, no Colégio Arnaldo tinha. Nesses colégios aí tinha também o Tiro de Guerra.

TP: Então o Tiro de Guerra funcionava em vários lugares.

SP: É. O nosso era de número 622.

TP: Nessa época o senhor se entusiasmou com esse tipo de atividade? O senhor gostava? Ou o senhor encarava como uma obrigação?

SP: Como uma obrigação porque eu não queria servir ao exército. Eu não tinha vocação para ser militar não.
[risos]

AT: Seu Primo, como era as manobras que vocês foram fazer?

SP: Era como se fosse um combate simulado. Armados, rastejando pelo campo. E o instrutor olhando, comandando, gritando, se estava direito ou se não estava. Como se fosse um combate. Uma turma de um lado, outra de outro. A gente dava sentinela também. Tudo isso.

TP: Mas o senhor só fazia para ficar livre da obrigação. O senhor não gostava.

SP: É. Todos lá estavam nessa situação.

AT: Nem da idéia de viajar? Como é que foi essa idéia de viajar com o Tiro de Guerra? Saindo daqui de Belo Horizonte.

TP: Foi a primeira viagem que o senhor fez, segundo nos contou, não é!? A primeira que o senhor viajou foi com o Tiro de Guerra. Isso chegou a entusiasamá-lo?

SP: Foi muito boa. A gente fez muito sucesso naquela cidade, porque era uma cidade pequena.

TP: E vocês viajaram de quê?

SP: De trem.

TP: Tanto Curvelo quanto Lavras?

SP: É. Tanto a Curvelo quanto a Lavras, foi de trem.

TP: Conta para nós um pouco essa sua viagem de trem. O que é que o senhor sentiu dentro de um trem indo a outro lugar?

SP: Eu achei a melhor coisa do mundo. Uma maravilha. *[inaudível]* A primeira vez que...

TP: Os rapazes todos...

SP: A rapaziada, aquela farra.

TP: E eram muito amigos os rapazes?

SP: É... Todos amigos. Tinha banda, não uma banda que tocava fino. Uma banda de cornetas, tambores, sabe!? Era uma beleza. Tinha um senhor, um tal de Drumond que morava na rua Sapucaí. Então àqueles maiores lá do Tiro, tinha os dirigentes lá, antigos, não é!? Que se entrosavam com os instrutores lá, eles foram na casa desse tal Drumond. E esse Dr. Drumond ele tinha muita ligação com o Governador, se não me engano era o Olegário Maciel na época. Então vinha pedir ao Olegário Maciel para arranjar um trem para gente, autorizar um trem especial para levar e trazer a gente. Então antes da gente ir, passava no Palácio e fazia uma parada para o Olegário Maciel em agradecimento. *[risos]*

TP: E sobre a viagem que o senhor contou que foi uma maravilha. Foi uma viagem tranqüila ou teve algum incidente pelo caminho?

AT: O trem não parou não igual ao bonde?

SP: Foi uma festa para nós.

TP: E a viagem transcorreu normalmente.

SP: Não aconteceu novidade nem ruim, nem boa. *[risos]*

AT: Demorava muito?

SP: A gente ficava quatro a cinco dias... uma semana, mais ou menos.

TP: Mas a viagem em si? Daqui para Curvelo.

SP: Deve ter levado umas seis horas... imagino. Naquele tempo era na “Maria Fumaça.”

TP: Então Curvelo e Lavras foram as duas primeiras cidades que o senhor conheceu. O que o senhor achou dessas cidades? Deu para conhecer alguma coisa? O senhor achou muito diferente de Belo Horizonte?

SP: Achei muito diferente.

TP: Por quê?

SP: Uma turma se alojou num cinema velho que tinha lá. E começou a passar de madrugada, aqueles carros de boi cantando, uma coisa lá qualquer, porque eles cantam. E eu imaginava que era serraria, porque eu nunca tinha visto aquilo não. Fazia um barulho de serrar madeira. “- *Puxa vida! Deve ter muita serraria aqui perto.*” *[risos]* E eram carros de boi. Durante o dia é que a gente viu aquela quantidade de carro de

boi. Era uma poeira que você nem imagina. As casas ficavam com as janelas fechadas e alto de pé assim
[fez a medida com a mão]

FIM DO LADO A DA FITA 04

Entrevista – fita 04 lado B

TP: Então o senhor estava dizendo “que achou mais diferente, em Curvelo foram os carros de boi. O senhor nunca tinha visto carro-de-boi em Belo Horizonte?”

SP: Já tinha visto aqui mas cantando daquela maneira, não.

TP: Então o que era diferente era as “cantorias” do carro-de-boi.

SP: É... quem já viu carro de boi cantar?! Vai chamando aquele eixo dele. Parece uma sirene ou uma serra, serrando uma tora de madeira, não é!?

TP: Vamos falar ou pouco, já que o senhor se lembrou, dos carros puxados a cavalo que tinha aqui em Belo Horizonte. Que até na Afonso Pena tinha um estacionamento, que o senhor começou a nos contar.

SP: Na Afonso Pena, esquina com a rua da Bahia, ali tinha um estacionamento, como tem hoje... tem os carros de aluguel, os automóveis, não é!? Tração a motor, mas naquele tempo era a cavalo. Tinha diversos carros ali. Ali era o estacionamento. Até eu me lembro de um senhor que se chamava *Rompini*. Até tem uma firma que se chama *Rompini*. Ele era um dos que tinham um carro-de-boi. Carro de boi que a gente falava *[inaudível]* //

TP: Isso... carro de praça.

SP: Puxado a animal.

TP: O senhor comentou também que em alguns lugares tinha bebedouros para os cavalos, não é!?

SP: É... em diversos pontos porque tinha muita carroça em Belo Horizonte. Eram poucos carros, mas carroça era uma quantidade... para tudo, para os armazéns, para as fábricas, cerâmicas. Carroças de aluguel que faziam transporte de mercadorias e tal, não é!? Então tinha esses bebedouros. Tinha um ali na... hoje chama Praça Afonso Arinos, mas antigamente se chamava Praça da República, como se fosse um tanque grande. Ali as carroças encostavam para os animais descansavam, não é!?

TP: Aqui no Santo Antônio, o senhor se lembra se tinha algum?

SP: Aqui não tinha não. Tinha aquele ali, tinha um outro lá, na Avenida Oiapoque esquina com a rua da Bahia, perto do Arrudas. E tinha outro bebedouro ali onde hoje é a rodoviária, antigamente era um mercado central.

TP: Onde o seu pai ia buscar as mercadorias.

SP: É. Lá era que tinha outro. Uma quantidade de carroças puxadas pelos animais, não é!? Então era aí os lugares onde os animais bebiam a água.

TP: Voltando sobre a sua adolescência, Seu Primo. O senhor comentou com a gente outro dia que em 1929 o senhor fez uma operação. Teve que fazer uma cirurgia no Hospital de Rádio. O senhor podia contar para gente como é que foi, o que foi?

SP: Foi apendicite.

TP: O senhor teve uma crise de...

SP: Eu já vinha sentindo dores a muito tempo. Então teve um dia que eu amanheci com uma dor mais forte e fui com o meu pai lá. *[inaudível]* já morava perto... fomos a pé.

TP: Onde era o Hospital do Rádio?

SP: Lá onde era o Hospital Borges da Costa. Trocou de nome. Não tinha o Hospital Borges da Costa?! Agora eu acho que é o Hospital do Câncer, se não me engano.

TP: Isso... ali atrás do Parque.

SP: É... atrás do Hospital da Previdência.

TP: Esse hospital era público, qualquer pessoa que chegasse lá podia ser atendida, ou o seu pai tinha algum tipo de... hoje chamaríamos de convênio, não é!?

SP: Não. Naquele tempo não havia convênio. Aquele hospital era do Dr. Borges da Costa. Você já ouviu falar do Dr. Borges da Costa?

TP: Já sim.

SP: Tem até um filho que até é médico também se não me engano.

TP: É.

SP: Eu acho que ele era o dono do hospital. Então eu acho que não tinha enfermagem assim para os indigentes, não.

TP: Tinha que fazer mesmo. Era um hospital privado.

SP: É... tinha que pagar. Ia lá, consultava... parece que lá só fazia operação. Fui para lá... fui operado de apendicite. Fui de manhã, como eu lhe falei, o Dr. Borges me examinou e falou: “- *É apendicite. Você pode ir para casa. Se quiser ficar aí fica, mas qualquer coisa, até à noite pode me chamar.*” E foi a conta certa. Quando foi à noite, passei muito mal, fomos à casa dele. Meu pai chamou um carro... tinha um estacionamento ali no Colégio Arnaldo, a gente morava na Ceará mesmo. Passamos na casa dele. Ali na rua da Bahia, foi com a gente e operou a noite. Naquele tempo a anestesia era uma máscara que colocava na gente, não é!? Já ouviu falar?

TP: Já, Era éter... uma coisa para tombar mesmo a pessoa.

SP: É... tomba mesmo.

TP: Seu Primo, isso o senhor tinha dezenove anos.

SP: É isso foi em 1929.

TP: O senhor não comentou com a gente se o senhor teve aquelas doenças infantis. O senhor teve algum problema de saúde quando era menino? Como era essa história de ir ao médico quando precisava? Por que nesse caso foi por causa de uma cirurgia?! Quando o senhor e seus irmãos precisavam de um médico, a quem o seu pai recorria?

SP: Naquele tempo era os chás caseiros. Primeira vez que eu fui ao médico mesmo eu acho que foi nessa ocasião. Minha mãe dizia que quando eu era novo, de colo ainda, eu tive diversos tumores, essas coisas. Talvez fosse até sífilis dos meus pais... eu não sei. Tinha muitos tumores. Naquela ocasião eu não sei se algum médico me examinou, eles não falaram. Mas que eu me lembro, a primeira vez foi nessa ocasião da operação. Eu já tinha dezenove anos.

TP: Então o senhor passou a infância inteira, e a adolescência sem ir ao médico.

SP: É... e meus irmãos também. Lá em casa... naquele tempo ninguém procurava médico.

TP: Era raro.

SP: É.

AT: Tinha benzedeiras que a gente costumava ouvir?!

SP: Tinha.

AT: Aqui no Santo Antônio também?

SP: Tinha. Ali na chácara do Seu Henrique tinha uma senhora lá e que eu acho que era parente dele, benzia assim... benzer cobreiro. A gente tinha cobreiro... ia lá na casa dela, então a gente ficava atrás da porta e ela com uma *[inaudível]*, perguntando que corta... era cobreiro *[inaudível]*, benzer cobreiro... essa era a benzedeira.

TP: E aí o senhor ficou quanto tempo no Hospital do Rádio?

SP: Uma semana. Não é igual a hoje que opera e no dia seguinte vai embora. Fiquei uma semana lá e com três dias sem tomar água. Nossa senhora! Fora do meu quarto tinha um jardim onde o jardineiro apanhava ali, eu acho que era um regador, não era com essas mangueiras não, quando eu escutava aquela água no fundo: “Minha nossa senhora!”

TP: O médico tinha proibido.

SP: Foi proibido. A enfermeira vinha, passava só o algodão.

TP: Molhado, nos lábios.//

SP: É... para tirar uma casca. Estava numa secura. Naquele tempo tinha um tal de sorvete de forma.

TP: Como é que era isso?

SP: Era um tubinho, sabe!? Então eu escutava passando lá naquela... antigamente chamava-se Av. Mantiqueira, hoje é a Alfredo Balena. Eu escutava gritando: “- *Olha o sorvete de forma de quatro qualidades!*”... E eu naquela... sede. Minha nossa senhora!

TP: Esse sorvete de forma era alguma coisa parecida com o picolé?

SP: É, mas não tinha o palito e era um tubinho... era redondinho. De uns cinco centímetros, mais ou menos, enrolado num papelzinho. Era o sorvete de forma.

TP: E a meninada gostava?!

SP: Ah! Eu gostava. *[risos]*

TP: Então o senhor não pôde tomar o sorvete enquanto estava no Hospital do Rádio.

SP: Minha nossa!

AT: E ficou algum de família no hospital com o senhor?

SP: Ficava sempre alguém revezando. Meu pai dormia lá comigo. Ele ia em casa e vinha minha mãe, meu irmão. Vinha meus amigos... naquele tempo eu jogava no Ipiranga. Eu quase morria de dor deles contando casos e a gente sem poder rir direito. Porque se fosse rir mesmo dava aquele puxão. E a gente morrendo de rir da companheirada contando caso.

AT: Nessa ocasião o senhor falou que já tinha se mudado lá para a rua Ceará. O senhor podia falar da mudança daqui do Santo Antônio lá para a rua Ceará.

TP: O senhor já nos contou isso mas não nos falou o porquê e como é que foi essa mudança.

SP: Eu já possuía a sapataria lá. Eu trabalhava lá porque o meu pai já havia comprado na mão do sapateiro, não é!? E do lado junto da sapataria tinha um botequim. Falava botequim, não falava bar não. Vendia frutas, pães, doces, bebidas... essas coisas. E meu pai então comprou esse botequim... que era do dono da casa. E eles iam para São Paulo, então o meu pai comprou o fundo do botequim e alugou a casa. Mudamos para lá. A impressão que nós tivemos é que aqui não tinha luz, era lamparina. E um sossego... e lá passava o bonde na porta. Nas primeiras noites dava a impressão que a casa ia cair quando o bonde passava.

TP: Isso foi em que ano Seu Primo?

SP: Acho que foi em 1927.

TP: O senhor tinha dezesseis a dezessete anos.

SP: É.

AT: E mudou de carro de aluguel, daqui para lá?

SP: É... que meu pai alugou aqui. E depois vendeu aí para um senhor chamado Dr. Ovídio de Andrade, tem até uma rua aqui...

AT: A sua casa?

SP: É... vendeu para o Dr. Ovídio de Andrade. A casa daqui. E ficamos morando de aluguel lá... e depois compramos uma lá na Av. do Contorno, em Santa Efigênia, esquina com a rua Juiz Costa

TP: Foi onde o seu pai montou um bar?!

SP: Montou um bar e também trabalhava de madrugada... lá para as tantas, para ver se pagava a casa.

TP: Então a decisão de mudar daqui do Santo Antônio foi principalmente porque o senhor e seu irmão já trabalhava na sapataria e por causa também do botequim que seu pai//.

SP: O bottequim meu pai também já queria parar com esse negócio de andar... de trabalhar de ambulante. Então comprou o botequim. Aí aqui a pouco teve a idéia da minha mãe de estudar e trabalhar de parteira... fez um conhecimento com uma senhora chamada D. Maria Rocha, que era uma parteira e morava lá perto.//

TP: Agora Seu Primo como é que era a casa lá na rua Ceará? Ela era muito diferente daqui? Gostaram da mudança? Essa casa era mais confortável que a outra?

SP: Gostamos. Aqui não tinha forro... alguns quartos que tinham forro era de saco de mantimento. Aqueles forros de saco, sabe!?

TP: Sei.

SP: Outros não tinham forro. O assoalho era de tijolos de fazer parede. Não tinha luz elétrica, não tinha sanitário... era desse jeito. E lá não. Lá apesar de ser uma casa velha era uma casa forrada, com luz elétrica, assoalhada... tinha lá o sanitário.

TP: Então era uma casa bem melhor que a outra.

SP: Bem melhor. Só não tinha o quintal que aó tinha com todo tipo de fruta.

TP: Lá não tinha.

SP: Tinha um quintal que não tinha nada... pequenininho.

TP: E na época os seus avós continuavam morando aqui?

SP: Meus avós já tinha falecidos.

TP: Todos os dois.

SP: Os dois. Já tinha havido o inventário... já tinha havido a partilha. Por isso que meu pai pôde vender a parte dele.

TP: Por que já foi dividido entre ele e os irmãos.

SP: Certo.

TP: E o senhor se lembra do seu pai se queixar de pegar o aluguel lá na rua Ceará? O aluguel era uma coisa cara naquela época ou era tranquilo?

SP: Não... ele comentou com a gente que era dez mil réis por dia e vamos pagar de aluguel... era trezentos por mais. Então a gente tinha que trabalha.

TP: Tinha que dar conta dos dez por dia. Não era fácil.

SP: Devia ser igual a uns dez mil cruzeiros hoje.

TP: E como é que se chamava lá? Era bairro Funcionários?

SP: Era bairro Funcionários. Eu acho que o bairro Funcionários era considerado da Av. Brasil para cá, não é!? Vamos dizer que de rua da Bahia até a rua Maranhão, não é!?

TP: Essa mudança significou outras mudanças nos hábitos da família? Por exemplo... aqui tinha horta, tinha frutas... vocês estavam acostumados com a vizinhança que tinha venda... Quando vocês mudaram para lá continuaram freqüentando esse comércio daqui?

SP: É... a gente vinha para cá. A noite, ou senão aos sábados, a gente vinha pra cá cortar o cabelo... e ficar junto com a rapaziada daqui. E a turma também era do Ipiranga. A gente vinha para aqui. Lá tinha amigos mas vivia na sapataria. Lá na sapataria tinha aqueles estudantes. Ainda tenho na sapataria que freqüentou amigos daquele tempo. Mas a companheirada mesmo era a de cá... fomos criados juntos, não é!?

TP: Isso é válido tanto para o senhor e para os seus irmãos, quanto para os seus pais? Eles também gostavam de vir para cá?

SP: Não eles não gostavam muito de sair não. Alguns daqui é que iam lá.

TP: Fazer uma visitinha.

SP: É... minhas tias ficaram aqui no bairro Santo Antônio.

TP: E esse trajeto era sempre feito a pé?

SP: A pé.

TP: O mesmo que o senhor faz até hoje.

SP: É.

TP: O senhor então, vai nos contar qual o caminho mesmo que o senhor fazia, vindo da rua Ceará para a rua Leopoldina. O senhor consegue reconstituída para nós?

SP: E esse mesmo que eu faço até hoje. Subindo a rua Ceará... pega ali a Getúlio Vargas, antigamente chamava-se Av. Paraúna, a gente vinha e passava ali pelo Abrigo Pernambuco.//

TP: Que é a Praça da Savassi.///

SP: É... e chegava aqui na rua Alagoas, aí tinha campo de futebol... não tinha essa ainda aí. E a gente atravessava aí e vinha para a rua Leopoldina... e ficava sempre a noite com os amigos.

TP: Então o trajeto era sempre esse.

SP: É... a gente ficava com eles... por aí. Aos domingos a gente vinha *[inaudível]* . Todos os domingos, a tarde, a gente vinha para aí... daí a gente ia para a Praça da Liberdade, dava umas voltas. Ou então tinha vitrola... naquele tempo tinha vitrola... na porta, ficavam dançando, a gente dançando lá.

TP: A gente vai voltar um pouco aos namoros que o senhor falou antes. Que o senhor nos contou o caso de como começou a namorar sério. E que antes do namoro sério, era um namoro sem importância. Como é que era esse negócio de namoro sem importância?

SP: Às vezes você encontrava no baile ou no campo de futebol ou lá no Parque... era só uma olhada, uma conversa, mas não chegava.//

TP: Às vezes uma dança?

SP: É... às vezes uma dança. Se dançava muito.

TP: O senhor gostava de dançar?

SP: Gostava muito de dançar. Vinha aqui para a casa de D. Teodora, aí tinha um pessoal muito alegre, muitas moças, tinha a vitrola. Às vezes a gente mesmo comprava algum disco, de vez em quando e trazia para aí. E juntava uma turma aí quase todos os domingos. E tinha algumas namoradinhas. Sem compromisso.

TP: E essa festa de dançar era uma coisa combinada ou na hora é que se reuniam?

SP: Não... era na hora. Chegava lá tinha vitrola, os discos. E na casa de D. Teodora, a moçada sempre se reunia lá.

TP: E tinha um nome para isso Seu Primo?

SP: Não.

TP: O senhor não se lembra de ter um nome assim...

SP: Dessa reunião?

TP: É.

SP: Não. *[silêncio]*

TP: Está certo. Então o namoro sem importância era esse sem compromisso. Ver a menina uma vez...

SP: É, depois ela estava com outros. *[risos]*

TP: Isso acontecia até que surgiu a primeira namorada séria na sua vida. E o senhor nos contou que o senhor foi apresentado e ela... que já tinha morado em sua casa, não é!?

SP: É... quando vieram da roça, a primeira casa que moraram aqui em Belo Horizonte foi lá em casa.

TP: Mas o senhor não se lembrava dela./

SP: Eu não lembrava dela e ela falava que também não se lembrava de mim.

TP: E o senhor foi apresentado a ela por um amigo que o levou lá/

SP: Que era namorado dela.

TP: E quem era esse amigo?!

SP: Era um companheiro ali de junto de nossa casa, lá na rua Ceará... tinha uma lenharia, sabe!? E a noite se reuniam lá, tocando violão, cantando ou jogando truco. E esse amigo estava sempre lá, tocando violão e tal.

TP: Como era mesmo o nome dele?

SP: Raimundo. O Raimundo me falou assim: “- *Estou namorando uma moça lá da rua Grão Mogol e ela disse que te conhece muito, o pessoal dela todo te conhece.*” E quem é que é? “- *É a Teresa Braga. Tem a Maria, Alice. Uma gente muito boa.*”

TP: Quer dizer que o senhor sabia de nome, mas não lembrava da fisionomia?!

SP: Não, lembrava, porque eles moraram lá em casa bastante tempo. Depois mudaram, os pais morreram. Elas perderam os pais muito cedo. Primeiro morreu o pai repentinamente, depois morreu a mãe. E ficaram todos aí por causa dos empregos. Outras foram morar com o irmão casado. Ficaram sempre empregados.

TP: Eram as irmãs?

SP: É. Essa que casou comigo trabalhou de doméstica até na véspera... até quase no dia do casamento. E as outras também. Mas um dia o Raimundo falou: “- *Nós vamos tocar lá na casa da... da namorada lá, porque é o dia do aniversário do cunhado dela.*” E fomos lá... vieram, conversei com ela, com as irmãs, dancei com ela também.

TP: E a inspiração veio na hora?

SP: Eu fiquei gostando dela. *[risos]* Ela era namorada do meu amigo//

TP: Tinha que respeitar//

SP: Então ficou para lá. Mas aí passado uns tempos, ele já tinha acabado com ela, já tinha uma outra namorada que eu sabia. Depois nos encontramos no Carnaval. Aqueles carnavais que jogavam lança-perfume, aquela coisa...

TP: Na rua?!

SP: Na rua. Foi no *[inaudível]*, ali na esquina com a Bahia. E jogamos lança-perfume, um no outro... Uns três dias ficamos se encontrando na rua. Mas eu não levei ela em casa nem nada. Lá a gente se separou, um foi para um lado, outro para outro, mas ficou aquele negócio na cabeça.

TP: Aquela lembrança.

SP: É. E em um dia, eu ia saindo da minha casa, lá na rua Ceará... quando eu ia saindo da porta da casa indo em direção ao portão, ela passou. Ela e a irmã dela mais uma outra senhora. Elas tinham ido visitar uma pessoa na Santa Casa. *[inaudível- som baixo]* Aí eu cumprimentei, fez companhia, distante... eu fui mais atrás. Eu fui esbarrar cá na rua Grão Mogol. *[risos]* Elas foram para lá, eu passei e fiquei lá na esquina. Depois ela saiu.

TP: Ah... então ela percebeu que o senhor estava atrás.

SP: É... ela percebeu. Aí ela saiu, começou a conversar e pronto. Foi daí para o casamento. Durou três anos o namoro. Nós começamos a namorar em 34 e casamos em 37.

TP: E nesse tempo de namoro o senhor estava dizendo que ela trabalhava o dia todo//

SP: de doméstica//.

TP: Mas moravam na rua Grão Mogol//

SP: Com a irmã.

TP: E... Seu Primo, qual que era o programa do namoro? O senhor namorava todas as noites ou era só nos fins de semana?

SP: Não era todas as noite não. Mas por fim ficou sendo todas as noites. Porque a gente falhava e ela não gostava que a gente falhasse, sabe!? Mas no princípio era às quartas-feiras... só nas quartas e Domingo. Depois foi amudando... era Terça e Quarta... depois//

TP: Foram ficando mais próximos//.

SP: Foi.

TP: E o senhor sempre ia à casa dela para namorar ou vocês se encontravam em outros lugares?

SP: Não... eu ia lá... mas era no portão... quase no portão, por causa do cunhado dela que era um bocado ignorante. Então tinha ciúmes, não sei o quê. Então a gente preferia ficar lá fora.

TP: Ela era mais nova?

SP: Era mais nova poucos meses.

TP: E aos domingos, qual era o programa? Vocês iam ao cinema juntos ou iam a bailes...

SP: Não... não íamos ao cinema não. Eu ia para lá, ficávamos conversando... às vezes eu ia visitar uma tia... eu tinha uma tia que morava aqui... no bialro São Pedro... tinha uns outros tios. E também naquele tempo era muito ruim.

TP: O senhor gostava mesmo de cinemas quando era menino, que ia com a meninada.

SP: É... com a meninada... No “Poeira”. Não era *[inaudível]* mas era tão bom que a gente apelidava de “poeira” *[risos]*

TP: E o por quê? O senhor fazia passeios ao parque com a Teresa?

SP: Não. Ela não gostava muito de sair não. Ela ficava cansada da luta da semana.//

TP: Da luta diária, não é!?

SP: É.

TP: Agora, vocês tinham autorização, porque o senhor disse que ela morava com esse cunhado que era meio ignorante, mas ele criava caso... dificultava o namoro de vocês.

SP: Não, ele não dificultava não. Tinha vezes que a gente entrava lá na casa dele, ficávamos muito bem. Outros dias ele falava: “- *Hoje não vamos entrar não porque ele está muito enjoado, muito chato. Ele é muito burro*”. Sabe!? Então a gente ficava namorando no portão. Eu com ela e o outro que casou com a irmã, mas também a gente ficava no portão. E a gente ia junto, às duas irmãs com os dois namorados. Onde a gente ia, não ia só eu com ela não, ia os dois, os dois pares//

TP: A irmã com o namorado.

SP: Também.

TP: Então eram muito amigos.

SP: É... eu com o outro não éramos muito amigos, era mais ou menos. As duas irmãs é que eram bem agarradas. *[risos]*

TP: Foram três anos de namoro até a decisão do casamento, não é!?

SP: É...

TP: E como é que foi essa decisão pelo casamento? Foi bem aceito pela sua família?

SP: Foi bem aceito porque era uma família muito boa, a dele também. Gente muito humilde, trabalhadeira.

TP: Conhecida desde criança?

SP: É... e também não houve problema nenhum. Ela ficou muito satisfeita.

TP: E essa decisão de casa implicava em quê Seu Primo? Tinha que achar uma casa o senhor ficou morando com os pais nos primeiros anos?

SP: Nós fizemos lá na Santa Efigênia um barracão nos fundos da casa. A gente até podia ter casado antes um pouco, mas para evitar o aluguel então resolvemos, eu com meu pai, fazer um barracão. Interessante que todo o Sábado quando eu voltava, vinha aqui na Floresta... e esse Sábado agora com esse horário de verão, o ônibus passa em frente e eu dei uma olhada e vi o barracão, está lá.

TP: Está lá até hoje.

SP: É. Então fomos morar no barracão. Fiquei morando lá uns tempos e depois comprei essa casa aqui, dos meus pais. Essa casa aqui era dos meus pais, ele ia vender. Eu estava vendendo um lote lá em Santa Efigênia, de um cidadão. Um lote com diversos barracões. Vendi e meu pai estava querendo vender aqui porque ele estava com a situação financeira um pouco apertada, então eu comprei na mão dele e viemos para cá.

AT: Isso foi em que ano Seu Primo?

SP: Eu vim para cá em 41.

TP: E o senhor se casou em 37.

SP: É.

TP: Então com quatro anos de casado o senhor estava morando aqui nesta casa.

SP: É... não sei se foi em 41 ou parece que foi em 43.

TP: Esse barracão que o senhor construiu em Santa Efigênia... o seu pai estava morando lá naquela época ou não?

SP: Estava. Ele tinha a casa grande na esquina ali com um ponto de negócio... uma loja.

TP: Isso o senhor não nos contou. O senhor contou da loja mas não tinha contado que eles haviam se mudado.

SP: Tinha residência também.

TP: Então eles tinham deixado a casa de aluguel lá da rua Ceará.

SP: É... nós entregamos a casa e compramos aquela lá. Meu pai arrematou num leilão àquela casa. Foi vendida em leilão no fórum. Ficou devendo uma parte.

TP: E Seu Primo... como é que foi o casamento mesmo? Teve festa, foi na igreja, foi no cartório?

SP: Nós casamos... quem nos casou foi aquele... Finfim do Paulo Ricardo. Nós falávamos “Fin-Fin”. Eu não sei se ele era irmão. Interessante que a família dele era toda... os descendentes eram meus fregueses. Moravam perto da Boa Viagem. Eu acho que foi um dos primeiros Juizes de Paz daqui. Um deles foi que casou meu pai, chamava-se Batista Jonas. Mas foi o Fin-Fin que nos casou. O cartório era ali na Goitacazes com Espírito Santo. E casamos no religioso, na Igreja de Lourdes.

TP: Então foi um casamento chique.

SP: Foi chique não. *[risos]*

FIM DO LADO B DA FITA 04

A

Abrigo Pernambuco, 21
Anésia Pinheiro, 1
Avenida Afonso Pena, 14
Anésia Pinheiro, 1

B

Bairro Funcionários, 20
Belo Horizonte, 1, 11, 12, 14, 22
bondes, 7
Borges da Costa, 15

C

Carnaval, 23
Carroças, 14
Carvalho de Brito, 7

H

Hospital do Rádio, 15, 17, 18

O

Olegário Maciel, 9, 12

P

Palácio da Liberdade, 4
Praça da Savassi, 21

R

Rua Ceará, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 27
Rua Leopoldina, 1, 3, 4, 6, 21

T

Tiro de Guerra, 9, 10, 11

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: SALVADOR PRIMO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 18 DE NOVEMBRO DE 1991

Entrevista – fita 05 – lado A

TP: Senhor Primo nós vamos recomeçar com as suas lembranças que o senhor disse que teve e queremos que o senhor repetisse para nós. O senhor disse que lembrou dos nomes das avenidas e queria comentar com a gente, não é!?

SP: As principais avenidas daqui de Belo Horizonte não tinha esses nomes que tem hoje. Por exemplo, a Av. Olegário Maciel... quase todas tinha o nome dos principais rios como eu falei. A Av. Olegário Maciel era a Av. São Francisco, a Av. Augusto de Lima era Av. Paraopeba..., a Av. Assis Chateaubriant, era Av. Tocantins, A Av. Getúlio Vargas era Av. Paraúna, a Av. Bernardo Monteiro era Av. Paraibuna... todas com nome de rio, depois é que mudaram.

TP: Uma coisa me deixou curiosa. Quando o senhor estudou no grupo, nos estudos de Geografia a gente aprendia um pouco sobre as cidades, não é verdade!? Na escola havia alguma explicação para os meninos do porquê as ruas e avenidas tinham esses nomes? O senhor se lembra de algo?

SP: Não me lembro... essa coisa eles não falavam não.

TP: Mas o senhor se lembra de ter estudado a história de Belo Horizonte quando menino no colégio?

SP: Não.

TP: Porque era muito recente a cidade.

SP: É... a gente sabia a história de Minas Gerais... os rios, os afluentes. Eu acho que isso não ensinam no grupo escolar hoje não.

TP: Acho que ensinam menos.

SP: A gente sabia... a professora tomava as lições da gente... sobre os rios, os afluentes.

TP: Então esses “rios” que passavam aqui em Belo Horizonte, ou seja, as avenidas, o senhor sabia o significado dos nomes. Quer dizer o senhor conhecia os nomes dos rios que deu origem aos nomes das avenidas.

SP: É isso mesmo.

TP: E que mais o senhor se lembrou? O senhor nos disse que as ruas com os nomes antigos o senhor se lembrou.

SP: Aquela ali... a rua Emboabas, que eu falei outro dia que você achou interessante, hoje é Felipe dos Santos.

TP: Senhor Primo o senhor tem idéia de quando esses nomes foram alterados? Esses nomes foram sendo alterados aos poucos ou teve algum momento que eles alteraram muitos nomes? O senhor se lembra?

SP: Eu não me lembro bem se foi um movimento que eles fizeram. Eu sei que elas tinham esses nomes antigamente. A Av. Oiapoque era chamada de Av. do Comércio. Mas eu não sei se foi um movimento para mudar logo... isso eu não me lembro. Eu sei é que elas possuíam outros nomes, dos principais rios, não só de Minas Gerais como também do Brasil.

TP: O senhor nos disse que também se lembrou da região onde hoje é o Minas Tênis. O senhor podia contar para nós.

SP: Ali era uma ribanceira... uma altura medonha... um abismo.

TP: O senhor chegava até lá por onde? Pela rua da Bahia?

SP: Pela rua da Bahia... a gente vinha margeando a rua da Bahia... só podia passar um carro, uma carroça de cada vez. E saía atrás do Palácio, onde tem ali o Palácio dos Despachos. Então ali era um buraco imenso... um abismo, onde os urubus faziam ninhos lá.

TP: E lá para baixo não tinha nada... aquelas ruas do bairro de Lourdes, não havia nada daquilo.

SP: Não. Só havia uma casinha lá barranco naquela baraqueira toda, ou mais para cá um pouco que era daquele que eu falei que era o presidente do Clube Rio Branco, o Amaro Silva... da banda de música.

TP: E como é que era o ninho dos urubus lá na ribanceira? Os meninos brincavam...

SP: A gente quando voltava do Grupo Escolar... do Grupo Afonso Pena, não é!? A gente passava por ali. Então a gente apanhava aquelas frutas de lobo, àquelas frutas que dá no campo... tinha o nome de fruta de lobo, do tamanho de uma laranja ou um pouco maior. Então a gente pegava aquelas frutas e jogava ali embaixo. Se saísse algum urubu a gente ia descendo, com dificuldade, mas a gente ia até chegar lá. Muitas vezes a gente achava um ninho cheio de filhotes, às vezes só os ovos... àqueles filhotes horrorosos.

TP: E a meninada fazia maldade com os bichinhos?

SP: Muitos faziam... davam chutes neles e jogava lá para baixo. [risos]

TP: Então era toda aquele quarteirão.

SP: É... onde está construído o Minas. Para construir o Minas ali tenho a impressão que tiveram que encher alguma coisa, porque de escavação estava mais do que feito. Aquele buraco imenso... tinha aquelas avencas porque as avencas dava era nesses lugares... úmidos... frios... nos barrancos. Lá era cheio dessas avencas, ia até lá embaixo... um fundo doido. Eu tenho a impressão que foi preciso até de aterrar alguma coisa. Ali onde o Minas Tênis ocupa ali era o buraco. Não foi preciso fazer escavação.

TP: Depois quando construíram o Minas Tênis o senhor não morava mais aqui no Santo Antônio, não é!?

SP: Depois de construção?

TP: E...

SP: Não, acho que não morava. Eu já morava na rua Ceará depois é que mudamos para Santa Efigênia. Depois é que fizeram isso era ao tempo do grupo que estava daquela maneira.

TP: Outra coisa que o senhor lembrou foi de uma igrejazinha...

SP: Uma igrejazinha onde está construído hoje o Edifício Acaiaca. Ali tinha uma igrejazinha protestante... pequena. E do lado tinha o colégio... esse colégio aqui da rua da Bahia...

TP: O Colégio Aplicação?

SP: Não... aqui da rua da Bahia...

TP: O imaculada?

SP: Não.

AT: O Isabela?

SP: Isabela Hendrix.

TP: Hah... era lá embaixo.

SP: É... era ali onde tem o Banco do Brasil. Ali tudo era terreno do Isabela Hendrix.

TP: Isso também eu não sabia.

SP: E onde é o Acaiaca tinha aquela pequena igreja lá. Numa ocasião passou um veado lá: “Você se lembra”... não sei todo o respeito e virando lá para a igrejazinha dos protestantes deu uma banana [*risos*].

TP: É esse caso o senhor acha que ele... porque que existe esse caso... as pessoas tinham... desrespeitavam a igreja protestante?

SP: Na imaginação dele ninguém sabe o que ele estava pensando.

TP: Uma igrejazinha frente a uma igreja.

SP: Tenho a impressão com certeza que aquilo devia ser uma igreja do demônio, não é!? [risos]. Nenhum de nós vai ficar sabendo para ele fazer isso, não é!? Isso é contudo, não sei se é lenda ou se na realidade aconteceu. [silêncio]

TP: Da última vez que estivemos aqui nós estávamos falando do momento do seu casamento. Nós paramos e o senhor estava falando do seu casamento. Mas antes da gente voltar ao casamento, nós queríamos voltar um pouquinho atrás para perguntar ao senhor algumas coisas relativas no tempo que o senhor estava servindo o Tiro de Guerra. Algumas coisas interessantes que tem a ver com a movimentação política da época. Embora o senhor já nos disse que nunca participou e que não tinha interesse nesse tema. Mas é interessante saber como é que o senhor acompanhou a movimentação que culminou com a Revolução de 30. O senhor estava servindo o Tiro de Guerra, já era um rapaz, não é!?

SP: Eu já tinha terminado o Tiro de Guerra. Porque eu fiz o Tiro de Guerra em 1929. E a Revolução de 30 ele estourou no dia 30 de outubro.

TP: O senhor já não estava mais servindo.

SP: Não estava mais servindo não.

TP: Mas de qualquer maneira... o senhor sentiu alguma movimentação diferente na cidade na época da revolução?

SP: Muita.

TP: O senhor podia nos contar um pouco.

SP: Houve muita movimentação. Até antes dessa.. da Revolução de 30, teve uma revolução em São Paulo do Isidoro Dias Lopes. Já ouviu falar?

TP: Já.

SP: Pois é... refletiu aqui também em Belo Horizonte. Nessa ocasião eu morava aqui “*Atrás do Palácio*”. E... tinha o patrulhamento pelos... a polícia militar, a cavalaria. E eles quando encontravam assim, duas ou três pessoas paradas... juntas e conversando, eles mandavam separar e cada um que pegasse o seu rumo. Então era essa a situação aí. E

todo esse movimento aqui é que mandou um contingente para lá. Tinha alguns soldados daqui [*inaudível*].

TP: Que foi em 1924.

SP: Foi em 24. Até um amigo meu foi... o Gabriel. O Gabriel foi e não voltou, perdeu a vida lá. Então o que refletiu foi isso. O povo aí não tinha liberdade. Eu aprendia o ofício ali na rua Santa Rita Durão e ali tinha um senhor chamado Dr. Herculano César. Ele devia ter alguma influência na política, eu não sei. Eu sei que a casa dele era vigiada pela polícia constantemente. Eles falavam na sapataria tem uns policiais vigiando a casa do Dr. Herculano. Era em 24. Na de 30 então foi pior. Começou a faltar mantimentos, algumas coisas. Lá junto da minha sapataria tinha uma lenharia... e nessas oportunidades tem os aproveitadores. Os donos lá de lenharia era meu amigo, então ele falou assim comigo: *“Estou fazendo dinheiro com esse movimento. Estou fornecendo lenha para o quartel e eu levo um caminhão lá, então eles me dão um vale de três. Depois eu divido com o sargento.”* Está vendo como é que é!?

TP: Quer dizer que essa coisa é antiga, não é Seu Primo!? [*risos*].

SP: E faltava muita coisa. A gente não tinha liberdade de sair. Até no jornal da época, trouxe lá um desenho... porque as pessoas chegavam nos cantos do muro, assim na esquina, para atravessar a rua. Ficavam olhando assim para ver se a bala vinha. Isso era muito comum. Na nossa casa mesmo caiu muitas balas... no fundo da casa. Vinha lá do 12º regimento... o 12 atirando para cá e chegava a cair aqui.

TP: Mas o senhor e sua família sentiram alguma situação de risco? De está saindo na rua ou está no quintal da casa as pessoas tinham medo nessa época?

SP: Tinha. Conforme a localização da residência, eles tinham medo. Tinha medo de vim uma bala extraviada. Uma meia dúzia caiu lá em casa. Já chegava quase sem força... batia na porta do fundo e caía lá no chão... amassada. Porque era muita distância, vinha do 12º Regimento.

TP: Isso que o senhor está falando é no momento mesmo que estourou a revolução. Agora, antes um pouco da revolução, quando o senhor ainda era menino... durante... porque a década de 20 foi um período cheio de acontecimentos políticos, não é!? O senhor

mesmo acabou por relutar notícias de São Paulo. E outras coisas que aconteceram nesses anos? Por exemplo o movimento tenentista... o 18 do Forte do Rio de Janeiro... a Coluna Prestes no final dos anos 20... a questão do comunismo que teve a criação do Partido Comunista. O senhor tinha algum tipo de notícia na época?

SP: O Partido Comunista mesmo... acho que apanhou mais força depois do Getúlio Vargas. Antes tinha a Coluna Prestes... mas até naquele caso do Bragança que eu falei que ia contar para você. O Bragança perdeu um filho no movimento comunista lá do Rio de Janeiro... eu 35. O Benedito Bragança... você já ouviu falar?

TP: Já.

SP: Isso é que eu lembro... desse movimento comunista. Eu não acompanhava muito essas coisas não.

TP: O senhor não tinha hábito na sua mocidade de ler jornal?

SP: Lia, mas eu me importava mais era o esporte... o cinema.

TP: Não tinha interesse especial na política. Agora, o senhor chegou a participar de algum comício? Porque a Revolução de 30 se deu num momento que... porque houve uma campanha presidencial, não é!? E acabou que foi eleito o Júlio Prestes e daí houve a revolução.

SP: É... o Getúlio Vargas fez a revolução para tomar o poder.

TP: Exato. E nessa campanha presidencial p senhor de alguma medida participou dela... o senhor tinha o seu candidato?

SP: Não... nem era eleitor. Só ouvia falar.

TP: O senhor nessa época não votava!?

SP: Não. Só ouvia falar.

TP: E na sua casa o senhor nos disse que ninguém se interessava. O seu pai não era ligado na política!?

SP: Não... ele não gostava.

TP: Nem os amigos?

SP: Não.

TP: Das lembranças de 30 o senhor acabou de nos falar de algumas. Esse caso do Bragança o senhor podia nos contar.

SP: Esse caso do Bragança foi um episódio da revolução que chocou, principalmente os belohorizontinos, porque era uma família muito conhecida, tradicional... E o Major Bragança ele era da Polícia Mineira, e ele tinha um filho que é esse General Bragança que está até hoje aí... está vivo e o outro é que morreu, tinha dois filhos. Esse filho dele, o General Bragança, ele serviu no 12º Regimento aqui em Belo Horizonte. E na hora que estourou a Revolução... falou mais alto o coração de pai, em vez dele ir ao quartel que ele pertencia, que ele servia, ele foi para o quartel do 12º Regimento para ficar junto do filho. E aí na revolução... os combates, a polícia atacando, circulando o quartel do 12º Regimento... por fim o 12º Regimento se rendeu, dizem que foi porque cortaram a água... eles ficaram sem água, então eles tiveram que se entregar. E aí o Major Bragança, ele ficou sob e guarda de um sargento chamado Ananias e aconteceu que ele foi assassinado lá, acho que no 2º pavimento, eu não sei. Tanto que houve o julgamento do Sargento Ananias foi condenado por homicídio. Eu me lembro do Roberto Deodato que trabalhava na acusação...

TP: E foi um acontecimento que repercutiu muito na imprensa.

SP: Repercutiu muito.

AT: E o rádio transmitia direto lá da onde estava ocorrendo o julgamento? Ou dava apenas as informações?

SP: Não... o debate sabe!? Porque eu me lembro até do Dr. Deodato falando que esse sargento Ananias tinha os dentes todos de ouro... Um mulato assim... parecendo o Luís Gonzaga, sabe!? Mas com os dentes todos de ouro. Então uma pessoa lá falava assim: “*Esse boca de fogo!*”[risos].

TP: O senhor se lembra de ouvir do rádio. [risos] Essa movimentação da campanha presidencial de 1929 e 30, o senhor chegou a participar de alguma maneira? O senhor tinha algum candidato preferido?

SP: Não.

TP: E com a vitória do Vargas, qual a impressão que o senhor teve? Mudava alguma coisa no Brasil a partir dali?

SP: Teve muita esperança. Eu mesmo gostava do Getúlio Vargas, mas tem gente que detesta até hoje. Tem gente que não pode nem ouvir falar, mas eu gostava.

TP: O senhor tinha uma simpatia.

SP: Tinha simpatia... todo discurso dele começava: “Trabalhadores do Brasil”, não era!?

TP: É... e o senhor se identificava com isso.

SP: É... então eu gostava muito de governo do Getúlio Vargas, mas tem muita gente que não gosta. Gostava porque simpatizava com ele. Agora da política mesmo eu não entendia nada e nem entendo até hoje.

TP: Mas o senhor gostava de ouvir os discursos do Vargas!?

SP: Gostava. Ele falava sempre no 1º de maio e aí vinha novo salário, não é!? Todo 1º de maio mudava o salário-mínimo.

TP: Então como trabalhador que o senhor era e é, o senhor se sentia beneficiado com Getúlio Vargas.

SP: É... gostava de Getúlio Vargas.

TP: E o senhor chegou a participar de comícios, de alguma coisa dessa época.

SP: Não... quando ele veio aqui em Belo Horizonte, eu não sei se o Juscelino era o Governador. Foi em 54. Então o Getúlio Vargas andou no meio da multidão, lá no meio do povo.

TP: E o senhor foi lá ver!?

SP: Eu estava lá, presente também.

TP: Foi quando ele veio inaugurar a Mannesmann, não foi, em 54?

SP: Não... e a acho que quando ele inaugurou a Mannesmann... eu acho que daí a uma semana ele morreu.

TP: Então o senhor estava falando de outra vinda, quando ele era presidente da primeira vez.

SP: É... ele veio e andou no meio do povo na Praça da Liberdade. Dessa vez que ele inaugurou a Mannesmann... ele subiu a rua Aimorés de carro com o Juscelino, foi lá para o Palácio das Mangabeiras e eu fui numa esquina ali que estava cheio de gente para ver ele passar. Eu era fã do Getúlio Vargas.

TP: É!? E continuou sendo mesmo... até no segundo governo dele.

SP: Ele veio também inaugurar a Av. do Contorno. Essa Av. do Contorno era interrompida em diversos pontos e eu morava na Av. do Contorno... e ficava esperando ele passar lá. Passou ele com Benedito Valadares e tal. [silêncio].

TP: O senhor comentou com a gente também que antes de 30 havia alguns movimentos de trabalhadores para que o comércio eles fechassem as lojas, as fábricas, etc., no 1º de maio.

SP: Era os trabalhadores lá da construção, vinha àqueles lá da rua, eles paravam o serviço e desceram... e a gente também precisava [inaudível], não é!? Já estava começando esse movimento do... operariado se valorizar um pouco.

TP: Então nessa época, nesse 1º de maio, o senhor também costumava fechar a sapataria.

SP: Fechava porque ficava com medo.

TP: Fechava por causa do medo de...

SP: Ficava com medo.

TP: De ter alguma retaliação.

SP: Do povo ficar revoltado... tem uma turma aí que estava mandando os trabalhadores aí da construção civil descer dos andaimes, não é!?

TP: E como é que costumavam ser essas comemorações do 1º de maio? Os trabalhadores faziam passeatas ou faziam comícios?

SP: Não... Não participavam disso não.

TP: E o senhor teve algum amigo ou conhecido que participava do movimento comunista ou isso era uma coisa distante do senhor?

SP: Não, não tive.

TP: As pessoas das suas relações não participavam desse movimento.

SP: Do movimento comunista não.

TP: Vamos voltar então a falar um pouco mais da sua vida pessoal...

SP: Não vai falar mais da revolução de 30, não?

TP: Se o senhor tiver mais alguma coisa para nos contar podemos falar. O senhor se lembra de mais alguma coisa?

SP: Tem algumas coisas. Depois da Revolução de 30... Bom, na ocasião da Revolução de 30, eles organizaram diversos batalhões patriotas. A gente dava o nome de “cata-roupa”.

TP: “Cata-roupa”!? [risos].

SP: As pessoas ganhavam roupas [risos].

TP: As pessoas se alistavam para ganhar roupas.

SP: Ganhavam roupas, ainda tinha o salário... a maioria era gente desempregadas, era funcionários públicos... o pagamento era todo atrasado, não é!? Com o problema da revolução. Então formaram dois batalhões. Batalhão João Pessoa e o Siqueira Campos. E a gente andava de bonde sem pagar passagem. Eu mesmo não pagava o bonde. Vestia a minha túnica de 622 e não jogava não... qualquer um que estivesse com túnica não pagava o bonde.

TP: Falou que era militar não pagava.

SP: O condutor não cobrava da gente. E o dinheiro também que ficou circulando depois dava o nome de [inaudível]. Já ouviu falar?

TP: Não... que dinheiro era esse.

SP: Eram vales... era uma nota parecida com... era o mil réis naquela ocasião. Cinco mil réis, dez mil réis. Aí tinha vale de cinco mil réis, dois mil réis... Era um papel com [inaudível], chamava-se burros que...

TP: E porque esse nome?

SP: Eu não sei qual é a origem desse nome. [risos].

TP: Mas foi uma coisa provisória.

SP: Foi provisória. Tenho a impressão que a Casa da Moeda não estava fabricando notas... eu não sei. Então o que comia aí era o [*inaudível*].

TP: E o senhor recebia lá na sua sapataria pelos seus serviços.

SP: Todo mundo recebia.

AT: E esses batalhões o que é que eles faziam? Qual era a finalidade?

SP: A finalidade era para receber o pagamento e... pegar roupa... e para participar da parada da vitória no Rio de Janeiro. Foram lá para o Rio de Janeiro... a parada da vitória foi no dia 15 de novembro.

TP: No dia da Proclamação da República.

SP: É... então eles foram lá para o Rio de Janeiro... diversos amigos meus foram para lá.

TP: E o senhor não se entusiasmou em ir?

SP: Não... eu tinha lá minha oficina não podia está fazendo exercícios, nem nada, ficar por conta do batalhão patriota. Então diversos amigos meus foram lá para o Rio de Janeiro. A poucos dias me encontrei com um e me inteirei com ele. Onde eles ficaram, disse que foi na Ilha das Flores.

TP: O senhor falou que não foi por causa da sapataria, mas não sentiu uma pontinha de vontade de ir também não?

SP: Não, não tinha não. Achava melhor ficar na sapataria, nunca gostei de ser soldado não.

TP: O senhor gostava de ficar era no seu cantinho.

SP: É... no meu cantinho, na minha sapataria com o meu serviço... até hoje. Então não dava tempo de pensar em outra coisa.

TP: O senhor falou que tinha uma simpatia por Getúlio Vargas...

SP: É... Tinha uma certa simpatia, mas não acompanhava muito a política não.

TP: E quando Getúlio deu o golpe, que é chamado de Estado Novo em 1937, o senhor se lembra disso? Isso causou alguma impressão especial no senhor ou as pessoas que o senhor convivia...

SP: Às vezes falam... eu falo aí se não seria bom o Collor aí não dá esse golpe aí pelo menos sobrava dinheiro para pagar essa dívida do Brasil... Tem muita gente que ganha demais da conta, não é!? O Getúlio acabou com o Congresso, então colocou interventor aí nos estados e foi tocando os negócios.

TP: E o senhor achou na época que foi uma atitude acertada?

SP: Eu achei bom. Se fosse agora não seria bom!?

TP: Me conta isso melhor. O fato de fechar o Congresso... havia uma impressão naquela época de que os deputados e os senadores ganhavam muito... que havia corrupção, essas coisas, ou não?

SP: Não... nesse tempo a gente não sabia de corrupção, essas coisas não. A gente achava que eles não valiam de nada por isso Getúlio mandou fechar.

TP: O senhor nos disse que até a Revolução de 30 não havia votado. Mas depois de 37 as eleições foram suspensas. E nesse intervalo de 30 a 37, o senhor fez o seu documento de eleitor? O senhor chegou a votar?

SP: Não teve eleição até 37, não é!?

TP: Em 34 houve uma eleição para o Congresso, não houve!?

SP: Nesses movimentos políticos não me lembro.

TP: Depois do Vargas o senhor votava!?

SP: É.

TP: E ainda essa movimentação aí de... 35, que o senhor estava nos contando de um dos filhos do Major Bragança que morreu... isso também o senhor assistiu de longe...

FIM DO LADO A DA FITA 05

Entrevista – fita 05 lado B

TP: Nós estávamos falando desse movimento de 35 que foi no Rio de Janeiro mas que o senhor lembrou por causa da morte do filho do Bragança.

SP: É.

TP: E o senhor foi lá ver o corpo?

SP: Fui... ele na ocasião morava em frente ao Colégio Arnaldo na Av. Brasil. Chamava-se Benedito. A família ficou marcada com esses movimentos, não é!? Morreu o pai, morreu o filho [*inaudível*]

TP: Nessa ocasião juntou muita gente em casa?

SP: Moravam aqui... isso foi em 35. A noite fui na casa da minha namorada e passei por lá. Ele foi assassinado no Rio de Janeiro num Domingo. Acho que ele era chefe da guarda e no momento acho que ele estava descansando, não sei.

TP: No momento do ataque dos comunistas. E embora o senhor não tivesse nenhum envolvimento mais próximo, mas o que o senhor achava na época do comunismo? O senhor tinha alguma impressão? Alguma crítica?

SP: Nunca tive simpatia pelo comunismo. Eu acho a democracia muito melhor. A gente tem liberdade. Toda a vida eu passei que o comunismo fosse uma espécie de escravidão. Tenho a impressão que é.

TP: De falta de liberdade. Isso porque? Porque o senhor formou essa opinião? Era casos que o senhor ouviu contar, coisas que o senhor lia.

SP: Eu tinha a impressão que era assim. Um amigo meu nessa ocasião me contou que um amigo dele tinha estado lá na Rússia e tinha comprado uma revista que era proibida lá na ocasião. Ele estava lendo a revista dele no quarto quando um outro amigo entrou e disse que ele ficou de joelhos para ele não contar que estava lendo.

TP: Porque ele não podia estar lendo a revista.

SP: Aí mostra como havia falta de liberdade. Então eu acho muita melhor a democracia.

TP: Então o senhor acha que o homem tem direito a liberdade ou princípio.

AT: E em casa, a opinião dos irmãos, dos pais, eram parecidos com a do senhor?

SP: É... porque o meu pessoal não ligava para a política não, ninguém.

TP: Então não havia conflitos na família, com a gente de opinião diferente.

SP: É... meu pai que era um italiano ele não ligava para esse negócio de Itália... “Ah! *Porque na Itália é assim*”. Que Itália é assim, aqui também é a mesma coisa. “*Lá bebe vinho do bom*”. Aqui bebe se tiver dinheiro, bebe vinho bom.

TP: Nunca foi um saudosista, não é!?

SP: Não... esses “*patriotas*” não.

TP: O senhor estava nos contando que lembrou desses carros fúnebres. Tinha alguma coisa especial neles naquela época?

SP: Ah é... pois é.

TP: E o que era?

SP: Os carros fúnebres eles eram também puxados por animais. Agora... tinha a primeira, a segunda, a terceira classe... e cada desse tinha a quantidade de animais. A primeira classe por exemplo, vamos dizer que o defunto seria uma pessoa idosa, então aí era puxado por quatro cavalos pretos, cobertos cada um com uma rede preta, com penacho preto.. os burnieiros, dava o nome de burnieiros, que era o cocheiro. Eles ficavam com cartolas, casaca, com caixão preto, com aqueles garrões amarelos. Agora se fosse uma moça, num carro de primeira classe, os cavalos seriam todos brancos, carro branco, o cocheiro também vestido de branco, os cavalos com a rede branca... era assim. E a segunda classe era puxado só por dois cavalos. Aí não era muito igual, podia ser um preto outro diferente. O terceiro então. Era um cavalo só [risos] Acho que nem devia ter. [risos].

TP: Quando o senhor fala dessas várias classes diferentes... E o senhor já comentou com a gente que quando o senhor ia para o “*footing*” na Praça da Liberdade, quando ainda era rapaz, que havia uma separação do “*pessoal da sociedade*” e dos trabalhadores...

SP: Pessoas de cor... principalmente as pessoas de cor ficavam todos num lado, as empregadas domésticas, os namorados delas.

TP: E o senhor pessoalmente, não é!? Que afirmou para nós que a democracia era melhor, que garante a liberdade para o indivíduo, essa situação de 1^a., 2^a. e 3^a. classes que existia muito claro até nos carros fúnebres, por exemplo, o senhor achava natural essas diferenças. Quer dizer... quando digo o senhor refiro-me também aos amigos, familiares... achavam natural essas diferenças?

SP: Eu pessoalmente achava bom ficar do lado de cá da Praça da Liberdade, onde havia gente de cor, de tudo quanto é jeito. Eu não me sentia bem do outro lado da rua. Me achava lá... como um peixe fora d'água desvalorizado lá.

TP: Agora no caso da morte de gente próxima do senhor... vizinho, amigo ou alguém da família. A que carro fúnebre desses a sua... condição pertencia?

SP: A minha família sempre teve um enterro de segunda classe. Até da minha esposa também foi de segunda classe.

TP: Então os trabalhadores como o senhor, um trabalhador autônomo e tal, teriam acesso a essas condições que o senhor chama de segunda classe?

SP: É... é daí para baixo.

TP: E a terceira classe seria os trabalhadores que não tinham bons salários?

SP: Não tinham muitos recursos e porque ficava mais em conta. O caixão também era feito com material mais barato, não vinha também aquele carro de luxo. Então era um enterro de acordo como eles podiam.

TP: Eu estou perguntando isso para o senhor hoje a gente teria uma tendência a dizer... se a gente vai dividir a sociedade em classes, hoje tem muita gente desempregada, não é!? Ou gente que está muito marginal à sociedade. Mas quando o senhor fala em 1^a., 2^a. e 3^a. classes, o senhor não está contemplando esse tipo de gente não?

SP: Não... era a diferença dos carros que eram assim... de primeira classe. Quem podia pagar mais pagava. Era mais uma satisfação para com a sociedade. É igual àqueles túmulos que tem lá no Bonfim, que tem aqueles mausoléus enormes, Então era assim

nos enterros. E os velórios eram nas casas mesmos. E quando passava um enterro no centro da cidade aí parava o trânsito todo, até no regulamento do trânsito era assim. Eu queria tirar carteira de motorista a uns tantos anos, então o trânsito tinha que parar obrigatoriamente... parar para o carro de bombeiro, parar para a ambulância e para o enterro. Hoje não tem condições. Hoje tem o velório dentro do próprio cemitério.

TP: Falando nesse assunto, o cemitério mais antigo de Belo Horizonte é o do Bonfim, não é!?

SP: É.

TP: E antes do Bonfim o senhor se lembra de algum outro?

SP: Eu tenho uma vaga lembrança... que ali nos fundos daquela Igreja de Santo Antônio que tem na Amazonas com Tamoios... tenho a impressão que ali tinha um cemitério. Fazia fundos com Carijós.

TP: Você sabe que eu já ouvia falarem nisso.

SP: Eu tenho uma vaga lembrança porque eu era muito criança. Mas eu tenho a impressão que havia ali um cemitério.

TP: É... eu acho que sim que havia mesmo um cemitério ali que é hoje no centro da cidade.

SP: E tinha o cemitério do Bonfim, não é!?

TP: É. [silêncio]

SP: Depois é que criaram esses outros aí porque a população cresceu muito.

TP: É... aí os mortos também aumentou. Então vamos voltar a falar no casamento!?

SP: O casamento não tem muito o que falar não.

TP: Pois é... Mas é da época dele. O senhor estava nos contando...

SP: O casamento de um sapateiro quando mescla ;e com uma órfã de pai e mãe. Imagine! Ninguém tinha recursos para fazer uma festa.

TP: Não teve nada? Nenhuma comemoração?

SP: Teve uma comemoração... Naquele tempo falava “choro” [inaudível] tocando, uma sanfona, um cavaquinho, uma coisa assim. E o negócio era no terreiro porque ela

morava num barracãozinho de três cômodos na casa da irmã dela casada. Na rua Grão Mogol. Na rua Grão Mogol. Eram três irmãos. Essa que casou comigo, outra solteira e a casada. Dentro de um barracãozinho de três cômodos.

TP: Então vocês fizeram essa comemoração...

SP: Então a festança foi no terreiro. E a luz... lá não tinha luz elétrica.. então um vizinho emprestou, puxou lá um fio do vizinho e botamos lâmpadas lá.

TP: No quintal!?

SP: No terreiro. O quintal ficou cheio de gente que nem nunca vi.

TP: Então foi uma festa e tanto.

SP: Era penetra... chamava penetra. Passava na rua, escutava a música e dava um jeito. Daqui a pouco a casa estava cheia de gente.

TP: Então foi uma farra.

SP: Olha! Quando mudamos para cá, aqui não tinha água não. A primeira casa a ter água aqui nessa rua foi a minha, de tanto pelear com a prefeitura, depois que fizeram a captação na Mutuca. Então no dia que colocaram a água aqui, eu tinha uns amigos que tinham uma orquestrazinha, eu combinei com eles para fazer uma festinha aqui. Você nem queria saber como essa casa encheu de gente. Até um amigo meu, sapatareiro também, não sabia que eu morava aqui, falou comigo: “Ô Primo! *Você por aqui.*”[risos]. E eu fiquei em débito, o meu casamento foi assim, ficou cheio de gente lá que eu nunca vi.

TP: Cheio de penetra.

SP: É.

TP: Mas além dos penetras, estavam seus amigos, a família... todo mundo foi para lá comemorar.

SP: É...

TP: A decisão de casar... o senhor nos contou que namorou três anos, depois decidiram se casar e moraram lá no fundo da casa do seu pai, na rua Juiz Costa Val.

SP: E... na Santa Efigênia... Contorno com Juiz Costa Val. Outro dia passei por lá e o barracão ainda está lá.

TP: O senhor nos contou. A decisão do casamento foi tomada nesses anos do namoro.

SP: Foi.

TP: Não foi alguma coisa repentina.

SP: Não.

TP: E como é que foi a decisão? O senhor queria? A namorada queria também? Os pais apoiaram?

SP: Ela não tinha pais. Eu já contei a história que eu conhecia os pais dela, que morreram com a nossa família...

TP: Já, o senhor já nos contou, Nesse tempo de namoro o senhor foi se preparando para o casamento, pensando como o senhor ia montar a casa, comprando alguma coisa. É isso mesmo!?

SP: É... comprando algumas coisas devagar... louças... essas coisas. Depois o meu pai teve e idéia de fazer um barracão lá nos fundos.

TP: Foi seu pai que sugeriu isso.

SP: Foi... fazer um barracão para evitar o aluguel. Então a gente foi comprando o material e ia fazendo aos poucos o barracão... aos domingos. Contratava uns pedreiros lá para trabalhar alguns dias e foi indo devagar. Depois eu mesmo fui terminando o barracão, pinteí, coloquei os vidros nas janelas. Fiz um forro lá. Fui acabando.

TP: Foi uma casa construída com carinho.

SP: É... um barracãozinho de três cômodos. E lá nasceram todas as minhas filhas. Eu tenho quatro filhas, não tenho filho homem. Minha mãe é que assistia o nascimento delas porque era parteira. A parteira estava em casa.

TP: A primeira filha foi logo depois do casamento... pouco tempo depois do casamento, os filhos nasceram logo.

SP: Nasceram... foi nove meses.

TP: É... na conta certa. E foi depois uma atrás da outra.

SP: É... depois passou um ano e pouco nasceu a outra, mais um ano e pouco outra, depois uns dois anos, outra. Só vinha mulher.

TP: E o senhor com isso, ficava satisfeito ou ficava esperando...

SP: Satisfeito... muito satisfeito.

TP: Não ficava esperando um homem a cada gravidez.

SP: Ficava esperando. Dessa vez deve ser um homem... era mulher [risos].

AT: Tinha muita simpatia para ver se nascia homem... olha para a barriga para ver se está “pontada” se não estar...

SP: Não me lembro dessas coisas não. Mas a gente sempre esperava... vamos ver se agora é um homem.

TP: E lá vinha outra menina.

SP: E vinha mulher. Tinha um amigo meu, chamava-se Geraldo Fabrinni, trabalhava lá na Souza Cruz, ele casou na mesma época. A minha mãe é que ia assistir a senhora dele, nós falávamos assim: “*Vamos ver agora, quem é que vai desempatar.*” Pois nós somos quatro a quatro. Quatro mulheres cá e quatro homens lá. [risos]. Passados muitos anos é que veio um filho.

TP: Então não desempatava nunca. Uma coisa que eu tinha esquecido de perguntar ao senhor... o senhor nos disse que a comemoração foi simples, a viagem de lua-de-mel não dava não!?

SP: Não dava para viajar não. Nem usava... nem sabia dessas coisas não. Não tinha nem condição. Não tinha dinheiro nenhum.

TP: O senhor casou e já foi para a casa nova.

SP: É... fui lá para a minha casinha.

TP: Já estava toda montada...

SP: O casamento era no Sábado, já de tarde. Às vezes a gente pelejava no serviço e de tarde é que a gente casava, fazia uma festinha, porque Sábado para Domingo é que era [inaudível] mesmo. Segunda-feira é que era o serviço.

TP: Segunda-feira começava duro no trabalho.

SP: É.

TP: E o senhor comentou com a gente que a sua esposa trabalhou até no dia do casamento.

SP: Até na véspera.

TP: E depois do casamento? Continuou trabalhando fora ou não?

SP: Não. Ela me ajudava pegava algumas roupas para lavar essas coisas assim. Mas eu falei que ela cuidando da casa aí já estava danado de bom. Ela às vezes acompanhava a minha mãe, porque naquele tempo as parteiras iam assistir as senhoras... no domicílio, em casa e depois elas ainda iam lá até o umbigo das crianças cair. Então tinha que lavar a criança, botar o medicamento no umbigo, olhar também a senhora que tinha tido a criança. E a minha esposa costumava ir às vezes... era diversas crianças que nasciam, ela dividia e minha esposa ia ajudar. Um para um lado, outra para o outro. E depois começou a vim menina também não dava tempo para nada.

TP: E a primeira filha foi muito esperada. Vocês ficaram animados com a expectativa de serem pais?

SP: Todas as vezes.

TP: As quatro!?

SP: As quatro.

TP: E os nomes das filhas?

SP: Os nomes eu escolhi todos começados com “d” e com cinco letras. Eu estava pelejando, pensando... quando nasceu a primeira... e acontece que minha esposa tinha trabalhado lá numa casa, na última casa que ela trabalhou, ela tomava conta de uma menina que se chamava Dulcinha. Então tinha nascido a primeira e ficou Dulce. Quando ia para casa no dia que eu ia registrar... encontrava, chamava-se Dulce. Então eu registrei com esse nome, Dulce.

TP: Foi a primeira que nasceu em 38.

SP: Foi... nasceu em 38. Depois veio a Dirce. Tinha aquela cantora chamada Dircinha Batista.

TP: Que o senhor gostava?

SP: Gostava. Tinha e Lindinha Batista e a Dircinha Batista. A gente gostava muito das músicas delas... então eu coloquei o nome de Dirce. Depois veio a terceira. Aí eu coloquei o nome da esposa do Getúlio Vargas, Darcy... que é essa.

TP: Que mora aqui com o senhor.

SP: Quando veio a Quarta... estava difícil para arranjar um nome, então eu inventei um nome.

TP: Criou um nome. *[risos]*.

SP: eu nunca tinha ouvido falar então eu inventei, chamava-se Darli. Para ficar com cinco letras.

TP: Eu já ouvi um nome de Berli, mas é um nome de homem.

SP: Eu tinha que arranjar um nome com “d” e com cinco letras, então foi Darli.

TP: Eu estava pensando que o senhor ia botar Dalva, porque o senhor falou na Dirce, mas a Dalva de Oliveira, é depois que ela ia fazer sucesso, não é!?

SP: É... *[risos]*.

TP: O senhor sempre gostou de música e ficava ligado nos artistas, nos cantores da época.

SP: É... a gente tinha um rádio aqui em casa e ouvia.

TP: E o casamento mudou alguma coisa... a rotina... depois do nascimento das meninas, em termos do trabalho... o senhor voltava para casa mais cedo para ajudar em casa?

SP: Ao contrário, trabalhava até mais tarde. *[risos]*.

TP: Precisava de mais dinheiro.

SP: Nem queira saber. Já o café, o almoço e o jantar lá na sapataria. Trabalha até de noite. Naquele tempo era muito comum os sapateiros trabalharem até a noite, porque era

feito tudo a mão. Então o serviço era mais demorado para ficar pronto o sapato. E todos eles faziam serão. Eu gostava de serão.

TP: O senhor trabalhava inclusive no sábado!?

SP: Também.

TP: De Segunda à Sábado.

SP: De Segunda à Sábado até dez horas da noite. E pegava cedo.

TP: Então o senhor tinha pouco tempo para acompanhar os filhos. Isso era no Domingo.

SP: É... só no Domingo. Ou então à noite quando chegava em casa. Toda à noite chegava com bala.

TP: Levava balas para as meninas.

SP: Cada dia era uma que queria repartir: “*Hoje sou eu que vou repartir.*”[risos].

AT: E o futebol e a serenata nesse tempo? Como é que ficou?

SP: Aí já fui deixando. Futebol, serenata...

AT: Só pelo rádio!? Futebol só pelo rádio agora, ou não !? Ou não tinha futebol pelo rádio nessa época.

SP: Eu participei de futebol... de sorteio de casado... larguei por lá porque não podia participar mais não. Tinha que olhar a casa. Eu tenho um hábito de ir ao mercado até hoje. Toda a vida sou eu que faz as compras para a casa. Então eu ajudava bastante... ajudava a lavar as meninas, trocar de roupa, ajudava na arrumação da casa.

TP: O senhor sempre ajudou mesmo com pouco tempo que o senhor tinha em casa!?

SP: É... eu ajudava lá. Então não tinha tempo para futebol nem mexer com a serenata mais.

TP: O casamento trouxe outra rotina.

SP: É... é outra serenata agora. [risos]

TP: E o senhor estava dizendo que sempre fazia as compras de casa... onde era que o senhor fazia as compras?

SP: Sempre fui ao Mercado Central... era aquelas coisas do mercado... legumes, doces, queijos, essas coisas era no mercado. Agora o grosso mesmo de casa a gente comprava num armazém, fazia a lista no armazém. Naquela época eles reservavam [*inaudível*]... a gente fazia a lista lá, pagava e levava para a casa.

TP: E o armazém era perto da casa do senhor!?

SP: Tinha... tinha na Santa Efigênia, tinha aqui na rua Viçosa, eu nunca trouxe mantimento para a casa não. Fazia uma lista que depois eles traziam em casa.

TP: Era mais confortável.

SP: É... naquela época era assim. Tinha uns armazéns no centro da cidade, diversos armazéns e os cacheiros, chamavam caixeiros, eles passavam pela manhã nas casas dos fregueses, com a pasta cheia de cadernetas e ia ver o que era que precisava. E quando era tarde vinha com a carroça entregando.

TP: E isso não era um serviço mais caro do que o senhor fosse lá' para comprar.

SP: Não.

TP: Não pagava por isso, pela entrega!?

SP: Não. Eu fazia a lista e entrega no armazém e eles traziam.

TP: E pagava quando? No fim de semana ou no fim do mês?

SP: Pagava na hora... nunca gostei de comprar no caderno não. Porque a minha profissão era liberal, todo dia um dinheirinho na mão igual a hoje, não é!? E caderno só para quem recebia no fim do mês, empregado que tinha um salário, não é!? Então sempre paguei na hora.

TP: Agora uma coisa que não ficou muito clara sobre o casamento. Quando o senhor se casou, o senhor já estava instalado na sapataria que está até hoje?

SP: Já estava. Eu comecei com 16 anos ali... em 1926.

TP: Mas o senhor falou que foi na casa que tinha na rua Ceará, do outro lado da rua onde tem um prédio, não era não?

SP: Não. Ali era na mesma casa onde a gente residia. Antes a gente residia aqui na rua Leopoldina e junto da sapataria, lá na rua Ceará, tinha um boteco que meu pai comprou e alugou uma casa. O dono do boteco era proprietário da casa. Eles foram para São Paulo levando os filhos e ficamos lá. Então fiquei lá e estou lá até hoje. Agora é que passei para o outro lado da rua porque.

TP: Mas isso a quanto tempo!?

SP: Onde eu estou?

TP: É.

SP: Eu estou lá desde 58... onde eu estou.

TP: Quer dizer então que quando o senhor casou a sapataria ficava na rua Ceará em frente a onde o senhor está agora.

SP: É.

TP: Onde ficou até 1958.

SP: É... e a residência era lá na Santa Efigênia, no fundo da casa dos meus pais.

AT: E quando os seus pais se transferiram da rua Ceará para a rua Juiz da Costa Val lá esquina com a Contorno?

SP: Foi em 1933.

AT: Vocês moraram na rua Ceará em qual período?

SP: Foi pouco tempo... de 27 a 33. Eu sei que foi em 33 porque o meu irmão, o caçula, nasceu em 33 lá. Depois é que mudamos para a Santa Efigênia... nessa ocasião a gente tinha vinda a nossa avó. Chegando lá é que ela faleceu... em 34. Então foi nessa época que fomos para a Santa Efigênia.

AT: E como é que era aquela região?

SP: A rua não era pavimentada. Era uma poeira, uma coisa medonha.

TP: A Juiz da Costa Val e a Contorno também!?

SP: Ali chamava-se... antes era rua São João depois mudou para rua Talco.

TP: Talco?

SP: Talco. Eu lembro que era uma rua Talco de tanto pó. [risos].

TP: Era um talco mais escuro.

SP: É. Tinha talco para valer naquele pó. Depois é que mudaram, ficou Juiz Costa Val, em homenagem ao Juiz Costa Val. Mas a rua não era calçada nem nada. Depois é que abriram a Av. do Contorno toda, quando veio o Getúlio Vargas inaugurar. Aí foi calçada, fizeram meio-fio, sabe!?

AT: Mas luz elétrica, água, também não tinha!?

SP: Tinha luz elétrica e água.. Tinha tudo.

AT: E tinha bonde que ia ali perto!?

SP: O bonde de Santa Efigênia passava lá... ali embaixo, atrás do quartel. Descia a Av. Brasil entrava na Alvares Maciel.. e contornava... ali era o ponto final... Alvares Maciel com Contorno era o ponto final de bonde... antes era “*bonde-quartel*”, depois é que virou Santa Efigênia. O bairro Santa Efigênia antes se chamava... bairro do Quartel.

TP: E essa casa que o seu pai comprou, esta de Juiz Costa Val, era melhor do que a da rua Ceará?

SP: É... era uma casa nova, precisava até colocar luz elétrica, maior.. só estava a casa. Esta casa foi a leilão... de uma pessoa que pegou um empréstimo e depois não sei que teve... construiu alguma dívida e perdeu a casa.. ela já estava pronta...

FIM DO LADO B DA FITA 05

A

avenidas, 1, 2

C

carros fúnebres, 15, 16
casamento, 5, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24
cemitério, 17
Coluna Prestes, 7
comunismo, 7, 14

E

Estado Novo, 12

F

footing, 15
futebol, 23

G

Getúlio Vargas, 1, 7, 9, 10, 12, 22, 26

I

igrejinha, 4

L

lua-de-mel, 20

M

Major Bragança, 8, 13
Mercado Central, 24
Minas Tênis, 2, 3

P

Partido Comunista, 7

R

rádio, 8, 22, 23
revolução, 5, 6, 7, 8, 11

S

Santa Efigênia, 4, 19, 24, 25, 26
sapataria, 6, 10, 12, 22, 24, 25
serenata, 23

T

Tiro de Guerra, 5
trabalhadores, 10, 15, 16

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: SALVADOR PRIMO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 25 DE NOVEMBRO DE 1991

Entrevista – fita 06 – lado A

TP: Mas seu Primo, como eu estava dizendo, a gente tinha pedido ao senhor para comentar um pouco para nós, o que é que o senhor acha que mudou na cidade, se mudou alguma coisa, da Belo Horizonte na época da sua infância, não é!? Para a Belo Horizonte ali dos anos 40 assim. O que é que senhor... O senhor viu alguma mudança, ou não? Conta para nós um pouco.

SP: Bom, uma modificação sempre teve um pouquinho, não é!? Mas não igual agora, de 40, 50 para cá, não é, uma mudança exagerada em tudo, não é!?

TP: Sei!

SP: Nos costumes, na, na saúde, principalmente quando eu era criança, essa questão de higiene essas coisas assim, tão, tão diferentes de hoje, não é!?

TP: Sei!

SP: Quando eu era criança ali no bairro Santo Antônio, ali gente não tinha, não tinha saneamento, não tinha esgoto, até banho mesmo a gente tomava era em bacia, não é!? Não era igual hoje, essa facilidade. Na hora de dormir a gente banhava era os pés, não é!?

TP: É! [risos]

SP: Para tomar um banho tinha que esquentar água lá no terreiro, enchia uma lata daquela de querosene – naquele tempo minha o querosene em lata, não é!?

TP: Isso!

SP: Enchia uma lata daquelas e punha num fogãozinho improvisado lá no terreiro, aí é que ia esquentar para a gente tomar um banho. Então o banho era lá uma vez por semana, e olhe lá, não [risos] Não era igual hoje. Então é essa a diferença muito grande.

TP: Sei.

SP: Não é!? Para hoje.

TP: O senhor acha então que a diferença, que o senhor está registrando aí é mais uma diferença nas condições de vida?

SP: No conforto também, não é!?

TP: No conforto, hum... hum.

SP: Naquele tempo não tinha o conforto que tem hoje, não é!?

TP: Sei. E até então na década de 40, mais ou menos, o senhor acha que as condições eram as mesmas?

SP: Modificou pouco.

TP: Pouco não é!? Sei.

SP: Dali para cá é que as coisas foram modificando, com a época do rádio não é!? Aí veio esse desenvolvimento todo, essa tecnologia toda, não é!? Na ciência, tudo, tudo modificou muito.

TP: É verdade. Não é!? É, nós vamos continuar falando disso, porque eu quero inclusive saber do senhor, se o senhor se lembra de algum, alguns fatos que nós temos aqui anotados, dos anos 40, 50. Mas antes disso Seu Primo, nós falamos na semana passada. O senhor estava contando para a gente da sua mudança, com a sua família ainda,, lá para a rua Juiz da Costa Val, que tinha outro nome; o senhor já nos disse, não é!?

SP: É!

TP: E o senhor comentou com a gente que o seu pai comprou a casa num leilão.

SP: Foi!

TP: Não é!?

SP: Aquela casa tinha ido à praça.

TP: E como é que você... O seu pai já estava procurando uma casa?

SP: Estava procurando. Ele tinha uns cobrinhos guardados, da, da propriedade que vendeu aqui na rua Leopoldina. Ele vendeu a propriedade que tínhamos aqui para o doutor Ovídio de Andrade. Até tem uma rua aqui embaixo, não é!?

TP: Com esse nome.

SP: A rua Doutor Ovídio de Andrade. Então ele colocou aquilo no banco, esperando que aparecesse uma oportunidade. E apareceu essa casa, essa casa ia a leilão.

TP: Sei.

SP: Então ele arrematou. Até quem foi lá ajudá-lo foi o Dr. Raul Franco de Almeida, que era muito amigo dele, amigo da família advogado, é que fez a transação lá. Arrematou a casa, deu parte em dinheiro, e depois fomos pagando.

TP: O restante...

SP: O restante, em prestações.

TP: Sei. O senhor poderia me dizer, se o senhor se lembra, é claro, mais alguma coisa a respeito desse leilão. Por exemplo: porque é que a casa estava em leilão, e quem é que estava leiloando. Era a prefeitura? Tinha alguma coisa a ver com a prefeitura ou com o Estado?

SP: Eu sei, com certeza por trás tinha um banco ou qualquer coisa.

TP: Sei!

SP: Eu tenho a impressão que a pessoa que construiu aquela casa naturalmente, ou tomou um dinheiro emprestado no banco, ou... Eu sei que foi a leilão por motivo de dívida.

TP: Sei. E a casa era uma casa nova seu Primo, ela nunca tinha sido habitada.

SP: Nova. Ela nunca tinha sido habitada, não. Ainda faltavam muitas benfeitorias.

TP: O senhor falou. Faltava murar, ,não é!?

SP: É, faltava murar.

TP: Instalar a luz.

SP: Ligação d'água, instalação de luz, não é!?

TP: Certo. Bom, e o fato da casa ser numa região tão diferente da, da que o senhor... De onde o senhor tinha nascido, que o seu pai tinha morado muitos anos, que era aqui de trás do Palácio, não é!?

SP: É!

TP: Isso, é, chateou vocês...

SP: Não!

TP: O senhor era rapaz. Como é que foi?

SP: Não! Não! Gostamos imensamente.

TP: É?

SP: Fomos para uma casa nova, toda taqueada. Porque essa da rua Ceará, que a gente morava, era uma casa também assoalhada, e forrada, mas casa muito antiga, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: Tinha aqueles porões, é. E ali era cheio até de ratos.

TP: Sei, Hum... hum.

SP: Não é!? Porque antigamente usava uns porõezinhos não sei para que.

TP: Baixinhos, não é!?

SP: É, e aquilo ali servia para criar rato e escorpião, essas coisas.

TP: Sei, An... ram...

SP: Então fomos para aquela casa nova, taqueada, forrada. Toda novinha, coisa muito boa.

TP: A mudança?

SP: A mudança!

TP: Toda a família se entusiasmou mesmo?

SP: Ah, toda a família! Foi um... fomos para uma casa nossa, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: Casa nossa [*inaudível*]

TP: E isso que o senhor nos disse, que o seu pai deu essa primeira parte em dinheiro, que ele tinha, não é!? Economizado com a venda da casa aqui? E que o restante vocês foram pagando aos poucos. Isso pagando com o que vocês recebiam pelo seu trabalho?

SP: É.

TP: Cada um de vocês?

SP: Ih, a gente trabalhava e nem queria saber. Eu e o meu irmão trabalhávamos juntos na sapataria.

TP: Isso.

SP: Sabe!?

TP: Hum... hum.

SP: A gente saía com o escuro, quatro, cinco horas. Naquele tempo era feito tudo à mão, não era igual hoje.

TP: Hum... hum.

SP: Hoje a gente tem uma maquinazinha lá.

TP: Para ajudar?

SP: Para ajudar, não é!?, no trabalho da gente. Naquele tempo a gente não tinha.

TP: Isso!

SP: Então a gente vinha com o escuro, lá para sapataria.

TP: Hum... hum.

SP: E trabalhava todos os dias até dez horas da noite, numa bolsa, num sapato. Meu pai montou lá um barzinho, que naquele mom..., naquele tempo dava-se o nome de “*butiquim*”.

TP: Isso.

SP: Ele abria também na hora que a gente saía, quase.

TP: Cedinho.

SP: Cinco horas, não é!? E ia fechar também enquanto tivesse gente...

TP: Movimento.

SP: Pela rua, ou fregueses, também ficava lá. E minha mãe trabalhando. Foi uma ocasião de aperto.

TP: De muito trabalho?

SP: É, é!

TP: De toda a família?

SP: É, de muito trabalho.

TP: Seu Primo, e com relação a esse bar do seu pai, o senhor comentou com a gente que ele montou um bar lá logo. Aliás, ele já vinha mexendo com isso aqui na rua do Ceará, não é!?

SP: É, na rua Ceará. Vinha.

TP: Lá, nessa casa que vocês compraram, já havia instalações para um bar, ou foi o seu pai que abriu a parede?

SP: Não, mas tinha o salão. Era um salão, para comércio.

TP: Hum...

SP: Não é!?

TP: Sei!

SP: Já tinha o salão para comércio e, e, e a moradia, a casa...

TP: Hum... hum. Sei.

SP: E então, instalou o barzinho dele lá.

TP: Certo! E que tipo de, de, como o senhor mesmo disse, chamava-se botequim, não é!?

SP: Botequim, é.

TP: Que tipo de botequim que era? Era um lugar onde as pessoas iam para tomar ali uma coisinha, uma cervejinha? Ou era mais tipo armazém? Como é que era?

SP: Não, era...

TP: O que é que ele vendia?

SP: Era pra tomar uma, uma... Lá ele vendia, conservas, bebida...

TP: Para a pessoa comer ali?

SP: ... doce, pão...

TP: a coisa?

SP: Não, não é como hoje que eles comem assim no pãozinho.

TP: Não?

SP: Iam comprar pra levar.

TP: Pra casa?

SP: Às vezes, que ali, o que eles tomavam ali, era mesmo, uma bebida, uma cerveja.

TP: Sei!

SP: Se não uma cachacinha, ou comiam um doce.

TP: Hum... hum.

SP: Não é!? Mas o resto era para levar para casa.

TP: Comprava ali e levava para casa.

SP: Levava para casa.

TP: E as coisas que o seu pai vendia ali eram feitas em casa? Assim, a sua mãe não tinha tempo para muito... porque ela era parteira nessa época, não é!?

SP: É!... Não, mesmo assim ela fazia, ela era craque para fazer brevidade.

TP: Ah, é? Sei.

SP: Sabe!?

TP: Sei.

SP: Então ela fazia, também, nas horas que ela podia.

TP: Sei!

SP: Fazia brevidade.

TP: Ah sei!

SP: Sabe!?

TP: Hum... hum.

SP: E meu pai comprava aqueles tonéis de vinho, e engarrafava lá, para vender. Vinha do Rio Grande. Então ele engarrafava lá. Isso é que era feito, mais ou menos, lá em casa. O resto era comprado, vinha pão.

TP: Sei!

SP: Não é!? Doces, essas coisas...

TP: Ele então revendia?

SP: Vinho engarrafado. E ele vendia, Entremeava “a vez” alguma fruta também, não é!?

TP: Sei! Eh, Seu Primo, ainda com relação à mudança, não é!? Para, para essa, para essa casa nova. Eh, agora falando um pouco do lugar onde é a casa. Porque o senhor já nos contou muito, não é, sobre o que era o “*detrás do Palácio*”, não é!? O senhor já nos deu uma boa descrição do quê que era esse bairro aqui.

SP: É!

TP: Agora a gente podia falar um pouquinho sobre essa outra região da cidade que, que nos interessa também. Quer dizer, nós podíamos começar pelo seguinte: hoje existe ali entre o São Lucas e a Serra uma favela muito grande, não é!?

SP: É!

TP: E naquela época como é que era? Já existia?

SP: Não. Não existia favela não?

TP: Não?

SP: Não. Era aquele campo ali, tinha até um cruzeiro lá em cima.

TP: Sei.

SP: O cruzeiro desapareceu.

TP: E, e... onde hoje é o bairro do Cruzeiro, possivelmente, não é!?

SP: Não, onde é aquela... aquele São Lucas, que vai “*prali*” acima.

TP: Ah, sei!

SP: Não é!? Lá em cima tinha um cruzeiro, que se via de longe.

TP: Sei!

SP: Sabe!? Mas era campo, sabe!? Tinha aquela cerâmica grande, ali. A avenida do Contorno era interrompida ali.

TP: Hum... hum.

SP: Não é!? Depois é que abriram, como eu te falei, que veio até o Getúlio Vargas inaugurar.

TP: Pra inaugurar... isso.

SP: O monumento mais ali era de militares. Era um bairro mais de militar, por ser junto de um quartel.

TP: Sei, e eles moravam por ali?

SP: Moravam todos por ali.

TP: Hum... hum.

SP: É, é isso.

TP: Então a favela não existia ainda?

SP: Não, a favela não, não existia não. Tinha assim gente pobre, assim, mas a favela não existia...

TP: Sei. E para dentro da Avenida do Contorno, havia ainda poucas casas?

SP: Não, tinha bastante.

TP: Ah, já tinha bastante?

SP: É engraçado, não é!? Naquele tempo, o lado de lá, onde era a nossa casa, pertencia à zona suburbana.

TP: Isso.

SP: E a outra parte, em frente...

TP: Era a suburbana?

SP: Urbana. Os da frente pagavam mais imposto, o IPTU, muito mais caro de que o de cá.

TP: Ah, então vocês...

SP: Porque a Avenida do Contorno é que...

TP: Dividia.

SP: Dividia a zona urbana da suburbana.

TP: Isso.

SP: Hoje ela não está em zona [*inaudível*].

TP: Então o imposto era diferente para...

SP: Era diferente...

TP: O pessoal da zona urbana e da suburbana?

SP: Era...

TP: Vocês pagavam menos?

SP: Menos que os vizinhos da frente.

TP: Olha só. Heim? Isto era bom, não é!?

SP: Vai, era melhor. [risos]

AT: E essa cerâmica que o senhor falou, ficava em que lugar ali?

SP: Ela ficava ali na Avenida do Contorno, ali entre a rua... Ali agora passa ali aquela rua Rio Doce. A Rio Doce ela começa ali na Contorno. A Timbiras dava até ali na Contorno e do outro lado é Rio Doce. Então ela começava ali, aquela cerâmica, Rio Doce, e ia até naquela rua Piranga. Tem uma rua chamada Piranga lá embaixo...

TP: Lá embaixo.

SP: Essa rua Piranga começa no final da rua dos Otoni. Não sei se é final ou princípio da rua dos Otoni, ali. Porque todas as ruas começam e terminam na Avenida do Contorno. Ali é começo da Otoni...

AT: E já havia, já havia algum daqueles hospitais ali debaixo? Naquela região, o Raul Soares, aqueles...

SP: Havia o Raul Soares. O hospital militar não era lá onde ele é. O hospital militar era ali na rua Maranhão, não, Grão- Pará. Rua Grão Pará com rua Padre Marinho. Sabe!? Ali naquele pedaço é que era...

TP: O hospital militar.

SP: O hospital militar.

TP: Sei.

SP: Lá embaixo, ali onde é o hospital militar hoje, e o Arapiara, ali tinha dois campos de futebol.

TP: Ah, é?

SP: É! Um pertencia ao Clube Santa cruz, e o outro ao Palmeiras.

TP: E o senhor, morando por lá, foi jogar bola lá alguma vez?

SP: De vez em quando a gente ia jogar lá.

TP: Ah é!

SP: Mais embaixo tinha um matadouro, onde matavam os bois, sabe!?

TP: Hum...

SP: Lá embaixo é que era o matadouro. Na estação. Tinha uma estaçõzinha ali que hoje não tem mais, acho que não tem mais. Chamava-se estação de Arrudas.

TP: Sei.

SP: Estaçãozinha, a estação era ali.

TP: Parava o trem? Era estação de trem?

SP: Parava. Parava o trem.

TP: Hum... hum.

SP: Tinha o matadouro, tinha uma fábrica de bomba ali chamada Regional. Tinha o curral. O curral onde eles prendiam os animais que andavam soltos pela cidade. Porque naquele tempo tinham muitos animais.

TP: Sei.

SP: Então os carroceiros soltavam para pastar.

TP: Hum... hum.

SP: E vinham os pegadores. Chamavam o animal andando na rua.

TP: Ahm.

SP: Eles pegavam e levavam para lá. E depois para tirar tinha que pagar uma carceragem.

TP: É mesmo Seu Primo? Mas isso era um serviço da prefeitura?

SP: Era um serviço da prefeitura.

TP: Como hoje ainda existe carrocinha de cachorro, por exemplo? Era uma coisa semelhante só que pra, pra gado?

SP: É, é. Era para cavalo e cabrito.

TP: Cavalo e cabrito.

SP: Tinha que pagar uma taxa para tirar.

TP: Ahn. Isso para o pessoal aprender que não era para deixar solto os bichos na cidade.

SP: É, é! *[risos]* Esses pegadores eram odiados. Os carroceiros odiavam eles. Se pudessem, até.. *[risos]* qualquer coisa. Eles passavam com aquelas cordas, procurando animais. Onde achassem um solto, pegavam.

TP: Certo. Seu Primo, o senhor quando morava aqui, aqui no Santo Antônio, eu estou dizendo, e trabalhava lá embaixo na Santa Rita Durão, ou, ou mesmo na rua Ceará, o senhor nos contou que o senhor sempre fazia esse trajeto a pé.

SP: É.

TP: Não é!?

SP: É pertinho.

TP: E lá do Juiz da Costa Val?

SP: Também.

TP: Como é que o senhor ia trabalhar?

SP: Também, era muito perto.

TP: Também a pé? Hum... hum.

SP: É. Ali a gente vinha ali pela rua dos Otoni, saía na Avenida Brasil, subia ali um quarteirão da Avenida Brasil, subia a Ceará.

TP: Estava pertinho.

SP: Pertinho. An... ram... [*inaudível*]

TP: Quer dizer que o senhor sempre foi um andarilho na cidade?

SP: é, é sim. O meu trabalho é de ficar sentado o dia inteiro, não é!?

TP: É.

SP: Então a gente aproveita essas horas assim.

TP: O senhor gosta de andar?

SP: Até hoje eu dispenso carona aí, que me oferecem aí.

TP: Sei. O senhor prefere caminhar.

SP: Prefere cami... Prefiro caminhar porque eu fico lá o dia inteiro, quer dizer, naquela oficinazinha, não é!?

TP: Tá certo! Tá certo! Agora Seu Primo, vamos falar um pouquinho,, o senhor nos contou que o senhor casou em 37, não é!? Que o senhor foi o primeiro da família a se casar?

SP: Não!

TP: Não? O senhor...

SP: Já tinha uma irmã casada

TP: Uma das irmãs já havia casado?

SP: é.

TP: E os outros se casaram logo, foi mais ou menos na mesma época?

SP: Logo.

TP: É, logo. Certo.

SP: Daí a um ano casou o meu irmão. Um ano certinho.

TP: Hum... hum.

SP: Eu casei no dia 12 de junho. De 37, no dia 11 de junho de 30 casou o meu irmão.

TP: Sei.

SP: E depois, não sei bem a data, casou outra irmã, e outra irmã também.

TP: Mas logo em seguida?

SP: Logo em seguida. Casaram todas.

TP: E com o casamento dos irmãos todos, vocês permaneceram ligados, tinha...

SP: Sempre ligados.

TP: É?

SP: É, nós fomos sempre ligados. Às vezes custa a se encontrar. Eu tenho uma irmã que mora lá em Contagem, difícil a gente ir lá, não é!?

TP: É!

SP: Agora ela está lá no Floramar, está em tratamento.

TP: Sei.

SP: É difícil a gente se encontrar, mas está sempre ligado.

TP: Certo.

SP: Não é!?

TP: E no início da vida de casados, não é!? De vocês, do senhor e dos seus irmãos, vocês costumavam se visitar? Ou vocês se reuniam na casa dos seus pais? Havia o hábito de, por exemplo, almoçar aos domingos? Na casa dos Pais?

SP: É, vinham lá na casa... Eu morava lá nos fundos da casa.

TP: É, e os outros vinham.

TP: Ah, sei!

SP: Vinham lá.

TP: Então o senhor costumava, toda semana, ver os irmãos.

SP: Ah, lá era a...

TP: Era a sede [risos].

SP: A matriz.

TP: An... ram...

SP: não é!? Então iam sempre lá. Certo...

TP: Outra coisa que o senhor comentou com a gente, é que o senhor se mudou para esta casa aqui em 1941. E esta data mesmo?

SP: Eu não tenho muita certeza se foi 41 ou 43.

TP: Ah, é?

SP: É.

TP: Bom, de qualquer maneira foi então no começo dos anos 40, que...

SP: Foi.

TP: O senhor se mudou para cá?

SP: Foi.

TP: E, a decisão da mudança para cá, ela, ela se, ela se deve a quê? O senhor, estava... as filhas estavam nascendo?

SP: É, já tinha... a gente ,orava num barracãozinho de quatro cômodos. Tinha quatro meninas.

TP: Sei.

SP: Não é!? Precisava de arranjar lugar, não é!? Para morar. Estava até comprando um lote junto daquele nossa lá de Santa Efigênia, sabe!? Mas eu não gostava muito daquele nosso lá de Santa Efigênia, sabe!? Mas eu não gostava muito daquele bairro não. E nessa ocasião, que eu vendi lá, e eu estava precisando também de comprar a minha moradia, a vida nossa lá estava muito apertada. Nós pagando ainda a prestação da casa, e eu pagando a prestação do lote. Chegava o dia do meu pai pagar a prestação da casa.

TP: Deste lote aqui?

SP: Não, lá, em Santa Efigênia.

TP: Ah, lá, que o senhor já estava comprando.

SP: Que eu estava comprando um lote junto dele, de frente para a Avenida do Contorno.

TP: Sei.

SP: Sabe!? Chegava o dia do meu pai pagar a prestação, eu inteirava para ele.

TP: Hum... hum.

SP: Ele não tinha o dinheiro todo. Daí a pouco vencia a minha. Ele devolvia o meu. E ia assim. A gente estava numa vida apertada, você nem queira saber. Então... e ele estava querendo vender essa aqui. Mas estava querendo vender essa aqui. Mas estava muito difícil de vender porque aqui não tinha água, não tinha água.

TP: Essa casa aqui mesmo que o senhor está falando. Essa que o senhor mora?

SP: Essa aqui mesmo. É...

TP: Porque essa já era do seu pai?

SP: Ela não era assim não. Eu fiz esses puxados. Era um chalé, chamava de chalezinho.

TP: E já era do seu pai que construiu.

TP: Ah, isso nós não sabíamos. Ele que construiu?

SP: É, ele comprou esse lote aqui, e construiu essa casinha aqui...

TP: Isso quando ele ainda morava aqui mesmo, na Congonhas?

SP: Quando morava. Não, a gente já morava na rua Ceará.

TP: Ah, sei!

SP: Sabe!? Ele tinha um dinheirinho, então apareceu uma oportunidade. Esse lote custou setecentos mil réis, na época. Depois ele construiu um chalezinho, para alugar. Morou nele a minha irmã casada aqui muitos anos também.

TP: Ah, sim!

SP: Sabe!? E depois ele queria vender aqui porque a vida nossa estava um pouco apertada financeiramente.

TP: Sei.

SP: Eu tive idéia então, de vender o meu lote lá, junto lá da nossa casa. Eu pensei: “*Eu vou ver se vendo esse lote*”. Porque eu não gostava muito do bairro de Santa Efigênia não.

TP: Porque Seu Primo?

SP: Sabem porque?

TP: Hum?

SP: Porque eu tinha minhas filhas, só filhas. E eu nunca gostei de, de nem de ser soldado, nem de soldado. [risos] Tinha medo delas “*crescer*” e casar com soldado. [risos]

TP: Então o senhor queria sair de perto deles, para evitar qualquer problema.

SP: ... que as meninas não crescer.

TP: Hum?

SP: E vão namorar um soldado aí. [risos] E essa... soldado não serve porque é um... é uma gente que tem muito tempo e fica inventando moda.

TP: Sei.

SP: Sabe!? [*inaudível*] o meu pensamento sobre soldados.

TP: Sei.

SP: Não é!?

TP: Então o senhor falou: “*deixa eu sair de perto*”.

SP: Então eu, eu sei que o meu pai, estava querendo vender isso aqui. Eu falei com ele: “*vão*” ver se a gente vende esse meu lote aqui do lado, que tinha barracões também, alugados.

TP: Sei.

SP: Não é!? Nesse lote. Comprei de um coronel, chamava Coronel Nilo Abranches, chamava Coronel Nilo Abranches.

TP: Certo.

SP: E foi só eu anunciar e vendi.

TP: Foi fácil?

SP: É, foi fácil de vender.

TP: Hum... hum.

SP: Sobrou um dinheirinho, eu acabei de pagar o lote. Ainda sobrou um dinheirinho, eu comprei esse na mão dele e normalizou, as finanças. Ficou tudo certo.

TP: Puxa vida. Quer dizer que com o lote que o senhor vendeu lá deu para o senhor acabar de pagar e ainda acertar aqui com o seu pai.

SP: É, eu, eu, eu, eu paguei ele, comprei na mão dele essa casinha aqui, não é!? Ele normalizou as finanças dele lá, e ainda sobrou um dinheirinho para mim dar uma arrumada aqui. Eu tinha comprado por um preço, vendi por mais. Eu tinha comprado por treze contos, falava contos.

TP: Certo.

SP: Na ocasião, não é!? À prestação.

TP: Certo.

SP: Eu já tinha pago, acho que um, uns nove, mais ou menos, oito ou nove, eu já tinha pago, sabe!? Com dificuldade.

TP: Faltava uma, pequena parte?

SP: E, e vendemos por vinte.

TP: Ah, então o senhor teve um lucrinho bom.

SP: É, um lucrinho bom.

TP: Hum... hum.

SP: Então eu paguei o meu pai dez, dez por essa aqui.

TP: Sei.

SP: Sobrou ainda uns trocadinhos, eu dei uma arrumada aqui e ficou tudo certo. Deu sorte, não é!? Todo mundo ficou satisfeito. Ele ficou satisfeito, eu fiquei.

TP: E o senhor...

SP: Eu gostava mesmo era desse bairro aqui.

TP: É não é!?

SP: Era desses lados aqui.

TP: Então o senhor veio para detrás do Palácio satisfeito?

SP: É, trás do palácio. *[risos]* Só que aqui não tinha melhoria nenhuma. Não tinha rua. Aqui era uma pirambeira que você nem queira saber.

TP: Sei.

SP: Sabe!? Daqui para baixo tinha água, não tinha esgoto. Fazia era fossa.

TP: Sei.

SP: Sabe!? Não tinha melhoria nenhuma, eu ia buscar água lá na outra rua, São Domingos do Prata.

TP: Mas mesmo assim o senhor veio satisfeito, de estar vindo para cá?

SP: Ah, satisfeito. Fiquei muito satisfeito.

TP: E tirou as meninas de perto dos soldados. *[risos]*.

SP: Tirei... .. dos soldados *[risos]*. E graças a deus, não casaram com soldado.

TP: Nenhuma delas?

SP: É, nenhuma delas.

TP: Não deram esse desgosto para o senhor, não é Seu Primo? É, então, nos primeiros tempos que o senhor tava morando aqui, as condições ainda eram precárias?

TP: Precárias.

SP: Essa rua não tinha sido aberta?

SP: Não! Aqui era uma buracada, como eu acabei de falar.

TP: Mas as ruas de cima e de baixo já existiam, Seu Primo? O quê que... como é que era aqui essa região? Conta um pouco para nós.

SP: Essa rua aqui era um barranco, uma coisa horrorosa.

TP: A Viçosa?

SP: Nessa parte de baixo, aqui em frente o Mackiense, ali era depósito de lixo.

TP: Ah, é!

SP: As, as, as, ... os caminhões, e, e as carroças... acho que era só caminhão, naquela ocasião, que fazia coleta de lixo. Poda de árvore, sabe!?

TP: Sei.

SP: Eles jogavam tudo ali.

TP: Era um lugar de entulho mesmo?

SP: Juntava até urubus, ali.

TP: Sei.

SP: Ali era entulhos, sabe!?

TP: Sei.

SP: E aí, e prá lá, era o, uma rua sem calçamentos, sem melhoramentos.

TP: Sei.

SP: Olha, teve uma vez... Eu sempre fazia os “*degrais*” pra mim descer e subir aqui.

TP: Hum.

SP: Fazia degraus aqui com enxadão até lá embaixo...

TP: No morro mesmo, porque aqui era um morro?

SP: Para mim vir para casa... É, pro morro abaixo.

TP: Sei.

SP: Teve uma noite que eu não morri porque Deus me ajudou.

TP: Como é que foi isso, Seu Primo?

SP: Eu vinha do serviço.

TP: Hum.

SP: E quando eu vinha subindo – estava até chovendo, eu com o guarda-chuva. Vinha trazendo a marmita, o pão. Porque eu levava o almoço para esquentar na sapataria quando eu morava aqui.

TP: Certo.

SP: Sabe!? Então eu vinha subindo os “*degrais*”, quando cheguei quase no meio, eu notei a sombra. Uma sombra chegou atrás de mim, parecia um guarda-chuva. Porque lá embaixo tinha um poste com uma lâmpada. Então a lâmpada deu nessa coisa que vinha atrás de mim. Quando eu fui virando, vi um preto com uma garrucha e [*inaudível*] puxou o gatilho mas ela não disparou?

TP: O que é isto, Seu Primo?

SP: Eu virei para trás assim era um preto, com um guarda-chuva. Ele estava vestindo caqui. Eu só falei assim: “O que é isso?” Ele disse: “Nada”. E voltou [*inaudível*] e sumiu. Então aqui era um lugar perigoso.

TP: Perigoso. Era um assaltante, possivelmente?

SP: Não sei o quê que foi que aconteceu.

TP: Que coisa!

SP: Devia ser um assaltante, não é!?

TP: Mas que já chegou atirando? Já ia atirando?

SP: É. Quando eu notei que a sombra chegou no meu pé assim, eu fui virar para trás e aquilo que eu notei o, o gatilho batendo: “*tee*” E não detonou... perdeu a bala, não é!?

TP: O senhor nasceu de novo, nessa hora?

SP: Nasci de novo [*risos*]. Nossa Senhora, eu não sei como é que eu acabei de subir aquilo – [*risos*]

TP: Chegou branquinho em casa?

SP: Então aqui era um lugar assim, deserto.

TP: Sei. Agora, nessa época, Seu Primo, em... não é!? No começo dos anos 40, quando o senhor veio para cá de novo, o senhor aqui essa favela aqui no fundo? No morro do papagaio, quando... no lugar onde vocês, quando meninos, e.

TP: Não.

SP: Empinavam papagaios. Ainda não existia favela...

TP: Não existia?

SP: Essas favelas vieram de um tempo para cá, não é!? Com esse aumento da população desordenada, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: Essa gente pobre não tem condição de pagar um aluguel.

TP: É.

SP: Muito menos de comprar um terreno. Então, vão indo para as favelas.

TP: É.

SP: O resultado está aí, essa meninada aí pela rua...

TP: Na rua, não é!?

SP: Que coisa,, não é!?

TP: É, isso foi... Tem a ver com a mudança, com a migração das pessoas do interior para cá, não é!?

SP: Do interior que vieram para cá, assim, sem profissão, não é!?

TP: É.

SP: E sem jeito de trabalhar aqui na cidade.

TP: É, é verdade.

SP: Não é!?

TP: então nessa época que o senhor voltou para cá, ainda não, não tinha? O senhor não tem registro disso não, não é!?

SP: Não tinha favela, não.

TP: E, e Seu Primo, como é que era, a, a coisa do abastecimento, quer dizer, [*inaudível*] com o senhor aqui em casa com a família,, não é!? Tinha um comércio aqui perto? Havia armazém?

SP: Tinha.

TP: Verdureiro ainda entregava as coisas em casa nessa época? Como é que era?

SP: Bom, lá no centro verdureiro andava, entregava ainda, não é!?

TP: Sei.

SP: Agora tinha armazém que... Eu comprava num armazém lá perto da minha sapataria.

TP: Ah é?

SP: Eu já comprava ali quando morava em Santa Efigênia.

TP: Sei. O senhor continuou fazendo as suas compras lá.

SP: Eu continuei comprando lá. Deixava a lista lá.

TP: Hum?

SP: E ele mandava aqui em casa.

TP: Mandava aqui?

SP: É, mandava aqui para a gente.

TP: Certo!

SP: Teve uma ocasião que faltava açúcar.

TP: Hum.

SP: Então esses vendeiros aí só vendiam açúcar pra gente se a gente comprasse feijão, comprasse arroz.

TP: Ah é, é?

SP: É, comprasse lá um tanto de coisa pra ele vender.

TP: Aí conseguia o açúcar?

SP: Um quilo de Açúcar ou dois. Então eu ficava sempre com esse fornecedor, porque ele nunca deixou faltar o açúcar. Mesmo que eu precisasse só do açúcar.

TP: Hum... hum.

SP: Ele vendia.

TP: Sei. Seu Primo, nessa época aqui ainda chamado de trás do Palácio, ou já tinha sido dado o nome de Santo Antônio? Ou São Pedro?

SP: Não, bairro, bairro Santo Antônio

TP: Bairro Santo Antônio?

SP: É, bairro [*inaudível*]... Acho que eu não ouvia falar em São Pedro ainda não.

TP: É, não é!? O bairro Santo Antônio?

SP: Quando eu vim pra cá não tinha ainda a Igreja de Santa Rita.

TP: Ah, sei.

SP: Eu tenho até uma fotografia que foi tirada quando eles estavam construindo.

TP: É?

SP: É! Era uma, uma toldazinha na praça. É, às vezes Domingo, ia lá fazer coroação.

TP: É?

SP: A coroação era assim no tempo.

TP: Hum... hum.

SP: Sabe!? Tinha as barraquinhas aí.

TP: Sei.

SP: Então, a coroação, o catecismo, tudo era ali em frente.

TP: Frequentaram ali, o fundo, não é, de casa?

SP: É. É. A gente passava por aqui mesmo.

TP: Sei.

SP: Passava aqui pelos fundos.

TP: Sei. Hum... hum. Então, já que o senhor tá falando disso, vamos, vamos falar um pouco desse, desse tema. Porque o senhor nos contou que o senhor, quando menino, que a sua educação religiosa foi muito solta porque o seu pai não ligava muito.

SP: É, não ligava muito. A gente freqüentava o catecismo porque a meninada também lá ia e a gente ia mais porque.

TP: Ia junto?

SP: Ia junto, ,não é!? Lá na Igreja de Lourdes, como eu te falei, na rua Aimorés, ,que era a Igreja de Lourdes.

TP: Isso. Agora, com as suas filhas como e que foi assim, a educação religiosa que o senhor e a Dona Teresa deram para elas? Foi do mesmo, no mesmo estilo da que o senhor tinha recebido, ou o senhor acha...

SP: Ah não, aqui estava junto da Igreja, elas estavam sempre aí, sabe!?

TP: Sei.

SP: Sempre aí... à missa, no catecismo, coroação, sabe!?

TP: Elas sempre freqüentavam?

SP: Sempre freqüentavam.

TP: E o senhor e a Dona Teresa também costumavam ir à missa?

SP: Ia também.

TP: Ia também.

SP: Agora, coisa interessante. Hoje, sabe!? Elas são espíritas.

TP: É mesmo, é? Todas elas?

SP: Todas elas.

TP: Mudaram de religião.

SP: É. Vão à igreja, assistem missa quando é preciso, assistir uma missa de sétimo dia, um casamento, qualquer coisa. Mas são espíritas.

TP: Olha só, heim?

SP: Mas são muito boas, caridosas, não medem sacrifícios para ajudar quem quer que seja.

TP: Isso é que é o importante, não é!? É, ainda falando das crianças. Porque quando o senhor veio para cá elas eram ainda meninas mesmo, não é!?

SP: É.

TP: Todas quatros eram ainda pequenininhas, não é!?

SP: é, eram pequenininhas.

TP: É, o senhor comentou com a gente que o senhor, mesmo muito apertado de serviço, trabalhando muito para pagar a casa, que o senhor sempre ajudou muito a sua esposa no, no trato com as meninas, não é!?

SP: Ah, é. No que podia eu ajudava muito.

TP: Isso. E o senhor tinha algum, alguma rotina de passear com elas, de levar a algum lugar da cidade no fim de semana? Como é que era isso?

SP: Quando a gente morava em Santa Efigênia.

TP: Hum?

SP: Eu fiz um,. Um carrinho que cabia as quatros. [risos]

TP: O senhor construiu?

SP: Foi.

FIM DO LADO A DA FITA 06

Entrevista – fita 06 lado B

TP: O senhor construiu um carrinho?

SP: É, eu construi um carrinho. Comprei um caixote, não é, um caixote comprido, fiz um banquinho de um lado e outro na outra, comprei as rodas. E então, aos domingos eu levava ao parque.

TP: É mesmo?

SP: Municipal para elas brincarem naquelas gangorras.

TP: Sei.

SP: Nos escorregadores.

TP: Hum... hum.

SP: Não é!? Outras vezes trazia aqui na rua Grão-Mogol onde é que morava a tia delas [*inaudível*]

TP: Isso tudo no carrinho? O senhor empurrando?

SP: No carrinho. Trazia as quatro.

TP: É mesmo?

AT: “Nossa”. [*risos*]

TP: Que pai corajoso que o senhor era, heim, Seu Primo? E nesses passeios que o senhor fazia, Dona Teresa costumava acompanhá-lo? Ou o senhor ia só com as meninas?

SP: Não. Lá, o parque, assim, eu ia sozinho porque enquanto isso dava folga para ela ir arrumando a casa.

TP: Sei.

SP: Preparando o almoço, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: Dava uma folga para ela, a semana inteira pelejando com as meninas, não é!?

TP: É, é verdade.

SP: Então a gente dava esses passeios. Enquanto isso ela ia arrumando a casa.

TP: Sei.

SP: Cuidando das suas coisas lá.

TP: Agora Seu Primo, nessa mesma época, quer dizer, quando as meninas ainda eram pequenas, havia condições para o senhor e a sua esposa fazerem o contrário, deixarem as meninas em casa e saírem um pouquinho?

SP: Não!

TP: Não?

SP: Nunca fizemos isso.

TP: Não tinha jeito?

SP: Não! Nunca fizemos isso.

TP: Nunca deixaram as meninas para trás.

SP: Não. Nem uma vez.

TP: É?

SP: Depois que elas foram crescendo, se tinha alguma festinha, usava assim, festinha de aniversário, não é!? A gente ia junto também.

TP: Sei.

SP: Com elas. Sempre acompanhando.

TP: Certo. É, e aí, uma outra pergunta ainda, com relação à, à, às meninas, não é!? Suas filhas, É, com, a gente queria saber sobre a escola. Que o senhor nos contou que o senhor estudou num grupo aqui pertinho da sua casa. As meninas foram estudar aonde?

SP: Foram estudar ali no grupo João Pessoa.

TP: Aqui na rua Leopoldina?

SP: Estudaram ali, todas elas.

TP: todas elas?

SP: Todas elas.

TP: Hum... hum.

SP: ... Depois é que foram para o Instituto de Educação.

TP: Ah é!

SP: Duas para o Instituto de Educação, a Darci foi para o colégio... Esse que tem aqui na Getúlio Vargas. Como é que chama? Lúcio dos Santos.

TP: Lúcio dos Santos.

SP: É, Lúcio dos Santos.

TP: Hum... hum.

SP: A outra é que não quis continuar.

TP: Sei., que parou mais cedo.

SP: É, a outra é costureira.

TP: E, Seu Primo, na... é... o senhor enquanto pai das meninas, e tal, costumava freqüentar a escola? Assistir? Tinha essa, essa, essa, reunião? Reunião de pais, essas coisas. De pais... não, não tinha não. Não existia isso na época não, não é!?

SP: Nunca fomos chamados pra lá não. Isso é de uns tempos para cá que [*inaudível*] de vez em quando chama os pais, não é!?

TP: É. Naquela época então as meninas iam estudar e isso não causava nenhuma.

TP: Não.

SP: Nenhum compromisso por parte dos pais?

SP: Não, não era preciso a gente ir lá não.

TP: Tá certo. É, agora, uma outra coisa que a gente quer saber do senhor. Essa é mais em relação ao seu trabalho mesmo, não é!? O senhor está, nesse meio tempo, continua na sapataria da rua Ceará?

SP: Certo.

TP: Não é!? Aonde o senhor tá, o senhor já tinha comprado não é!?

SP: É, até hoje.

TP: Trabalhando com seu irmão, não é isso?

SP: É!

TP: É, uma coisa que a gente queria perguntar para o senhor é o seguinte: o senhor, como sapateiro... o senhor disse para a gente que a maior parte do serviço, não é!? Num primeiro momento era feita à mão, aonde é que o senhor comprava o material que era usado na sapataria?

SP: Era aqui em Belo Horizonte mesmo, tinha as casas.

TP: É? No centro da cidade.

SP: É. Casa de couro. É como hoje, chama casa de couro.

TP: Sei.

SP: Ainda tem algumas aí daqueles tempos.

TP: E nessa época, era preciso, Seu Primo... As casas tinham todas... porque o senhor tinha, o senhor tinha opções, o senhor podia escolher em que casa comprar.

SP: É. A gente comprava naquelas que a gente tinha, se dava melhor.

TP: Sei.

SP: Não é!? Com o negociante, não é!? E tinha uma que a gente gostava mais de comprar lá.

TP: Sei. Uma da sua preferência?

SP: E, se afeiçoava mais com o negociante, não é!? Parecia que é mais amigo, não é!? Ou mais barateiro.

TP: É, isso eu ia perguntar. O preço, fazia diferença de um lugar para outro?

SP: Fazia, fazia.

TP: O senhor tinha por hábito procurar assim mais barato?

SP: É, é. Tinha negociante mais amigo, outro assim mais seco, não é!??

TP: Sei.

SP: Então a gente preferia aqueles mais amigos.

TP: Sei. E o senhor, é, se mantém fiel enquanto freguês assim de algum lugar específico?

SP: E, tem uma casa que [inaudível] De vez em quando eu chego lá, o dono fala: “*Não, esse aí oh, tem um tratamento especial. Porque ele é fundador da casa.*”

TP: É mesmo?

SP: É a Minas Couro.

TP: Sei. Que fica aonde?

SP: Ela fica na rua Guarani.

TP: Então até hoje o senhor vai lá comprar?

SP: Vou.

TP: E foi o senhor sempre quem fez as compras que precisava na sapataria?

SP: Sempre.

TP: É?

SP: É!

TP: E essas compras, elas eram feitas com que frequência? O senhor tinha que ir toda semana? Ou todo mês?

SP: Até hoje eu vou às segundas-feiras.

TP: Ah, é!

SP: É!

TP: Toda Segunda-feira.

SP: Eu almoço e vou fazer as compras. Toda Segunda-feira.

TP: Sei.

SP: Sabe!? Pra não ir durante a semana. Agora, quando trabalhava eu e meu irmão, às vezes a gente ia no meio da semana. Faltava alguma coisa assim de repente, ele ficava tomando conta da oficina e eu dava um pulo lá.

TP: Sei.

SP: E pegava o que era necessário. Mas depois, que eu fui ficando sozinho, então eu fiz o programa assim, eu faço as compras na Segunda-feira. Até minha freguesa já sabe.

TP: Já sabe?

SP: Que Segunda-feira...

TP: Ahn.

SP: Mas é só.

TP: Não sabem que o senhor está lá.

SP: Umas duas ou três horas só.

TP: Sei, depois o senhor volta para a sapataria.

SP: Depois eu almoço ali pelo meio-dia mais ou menos e saio, vou fazer as compras. Três horas, três e pouco eu já estou de volta.

TP: Já tá de volta?

SP: É. toda Segunda-feira.

AT: Mas vai de ônibus fazer as compras, ou vai a pé?

SP: Às vezes, a pé.

TP: É?

SP: É.

TP: Ahn.

SP: Agora a cidade lá ficando muito cheia de gente, já estou indo de ônibus, sabe!? Mas ia sempre a pé.

TP: É?

SP: Hoje tá muito cheia a cidade. Então eu desço ali na Santa Casa, pego o circular 04 e [inaudível] ali na Paraná, na Belorizonte Couros, não é!?

TP: É. Dali o senhor vira a esquina e tá logo pertinho.

SP: Eu vou para a rua Guarani. Na rua guarani é que tem as casas que vendem material para sapataria.

TP: Certo.

SP: Vou lá, fazer as compras.

TP: E, Seu Primo, ainda com relação à sapataria, o senhor nos contou como é que foi o seu aprendizado, não é!? No ofício. E o senhor, ,como, enquanto dono da sapataria, o senhor sempre manteve um aprendiz também com o senhor? Ou não? Como é que era isso?

SP: Antigamente a gente sempre tinha, sabe!?. Era preciso um aprendiz para ajudar no acabamento. A gente ensinava ele. O serviço era feito todo a mão. Os sapatos todos feitos a ponto. A gente ensinava o aprendiz a fazer a linha, porque a gente tem que fazer a linha. A gente comprar o novelo, e a gente faz, prepara a linha, e costura a mão. Hoje a gente não faz mais esse trabalho porque temos costuradores aí na cidade. Mas naquele tempo não tinha os costuradores.

TP: Certo.

SP: Nem as máquinas de pontear solado, como nós falamos. Então a gente tinha sempre aprendiz.

TP: Certo.

SP: Para ajudar a fazer o acabamento, engraxar sapato, ficar lixando.

TP: Sei.

SP: Costurando...

TP: Mas o senhor... O senhor tinha mais de um então, ao mesmo tempo?

SP: Às vezes tinha mais de um.

TP: É?

SP: Pelo menos um tinha.

TP: Sempre?

SP: É. Toda sapataria tinha aprendiz.

TP: Certo.

SP: Por isso, porque não havia as máquinas, como tem hoje. Hoje tem a máquina de acabamento, que era o garoto que fazia. Tem as máquinas de costurar que, que... trabalho dos.

TP: Do aprendiz.

SP: Dos aprendizes também, não é!? Então, já não foi precisando mais do aprendiz.

TP: Certo. E, Seu Primo, esses aprendizes, o senhor estava se referindo a de como garotos, não é!? A eles como garotos, eram meninos, eram filhos de conhecidos, ou eram pessoas que passavam em frente e que pediam um servicinho?

SP: Eram sempre filhos de conhecidos.

TP: É?

SP: É.

TP: Então assim como o senhor foi aprendiz...

SP: Assim como eu fui na, na, na sapataria, que o meu pai pediu lá pra.

TP: Sei...

SP: Lá, não precisava pagar nada, só para eu não ficar andando pela rua.

TP: Certo.

SP: Fazendo coisa que eu não devia fazer. Assim os outros falavam com a gente também.

TP: Certo.

SP: *“Você podia ficar com o meu filho aí?” “Vai dando a ele um sapato pra engraxar.” “Vai ensinando ele aí, e no fim da semana você dá a ele um trocado, se puder. Se não puder dá a ele alguma coisa, só para ele ir aprendendo.”* Então era assim que a gente tinha os aprendizes. Eles ficavam um tempo com a gente.

TP: Quer dizer que o senhor...

SP: Eu ensinei muitos...

TP: Já ensinou muita gente, muitos a trabalhar?

SP: É. Tive muitos aprendizes.

TP: E o senhor costumava dar o dinheirinho no fim da semana?

SP: Ah, dava. Dava lá.

TP: É?

SP: Aquilo era um incentivo, não é!?

TP: É. O senhor não gostou...

SP: É que eu tava pensando quando eu tava aprendendo, não é!?

TP: Isso.

SP: Quando eu passei lá pra fábrica de calçados eu não gostei daquela experiência. [risos]

TP: Então não repetiu, nem Seu Primo? [risos] Agora Seu Primo, uma outra coisa que a gente queria falar ainda, agora com relação à cidade, não é!? Eh, o senhor já nos disse que até a década de 40 o senhor não viu muita mudança. Nós perguntamos ainda, para um período anterior, se o senhor tinha notícias de, eh, algum fato marcante. O senhor comentou com a gente, por exemplo, que uma coisa que tinha marcado a sua infância foi a visita do Rei da Bélgica, não é!? Na sua vida adulta, agora que o senhor já tinha as quatro meninas, o senhor já estava morando aqui de novo, tem algum outro acontecimento que o senhor... assim, que a sua memória tinha registrado? O senhor já nos falou também das visitas do Getúlio, que o senhor se lembra, não é!?

TP: É, é.

SP: Por exemplo, uma coisa que eu queria saber do senhor, é sobre a Pampulha. A época em que o Juscelino era prefeito, não é!? Na década de 40, ele começou a construção da Pampulha, que era para ser um bairro, não é!? Onde haveria o cassino e tal. O senhor acompanhou isso? A visitar as obras?

SP: Não ia não!

TP: Não?

SP: Não ia. Eu nunca fui muito curioso. Não.

TP: É?

SP: É. Ficava lá mais mexendo com a minha sapataria, não é!? Domingo assim eu tava cansado, eu ia assistir um jogo de futebol.

TP: Sei.

SP: Mas não ia à Pampulha não.

TP: Não?

SP: Eu fui à Pampulha muito depois. Olha, teve uma linha de bonde que servia à Pampulha. Eles colocaram a linha de bonde, e tiraram a linha de bonde, e eu não fui.

TP: É mesmo, Seu Primo?

SP: Isso é para a senhora ver como é que é.

TP: É.

SP: Passou muito tempo sem eu ir lá.

TP: An... ram...

SP: Agora eu vou muito porque tenho uma filha que mora lá.

TP: Sei. Mas na época que foi inaugurada então o senhor não se interessou muito não?

SP: Não, não.

TP: Por ir passear, nem...

SP: Não. Nunca fui muito curioso.

TP: Nem, nem de visitar o que fizeram lá? A igreja, o cassino? Nada disso o senhor freqüentou então?

SP: Não, nada disso.

TP: Mas o que?... O senhor tinha notícias da construção da Pampulha?...

SP: Tinha, tinha notícia.

TP: E o que é que o senhor achava que o Juscelino estava fazendo? O senhor via com otimismo ou o senhor via criticamente?

SP: Eu via com otimismo.

TP: É?

SP: Eu achava que aquilo devia ser uma coisa muito boa.

TP: Hum.

SP: Não é?

TP: Hum... hum.

SP: Porque via todo mundo falar bem, gostou daquilo, não é!?

TP: É, não é!?

SP: Então eu achava que aquilo devia ser uma coisa muito boa mesmo.

TP: Sei.

SP: Aquele negócio da Pampulha.

AT: O senhor tinha, eh, algum... O senhor tem alguma lembrança, ou alguma opinião sobre o que é que foi o Juscelino prefeito de Belo Horizonte? O senhor gostava dele? Admirava a administração dele?

SP: Admirava. Eu sempre admirei até o Juscelino mesmo. Gostava muito dele.

TP: É?

SP: Ele assim, muito popular, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: Quando ele foi eleito Governador do Estado, o Palácio ficou até aberto ao público.

TP: Ah é!

SP: Eu aproveitei e entrei lá com a minha mulher e minhas meninas.

TP: Ah, é!

SP: Você soube disso?

TP: Não.

SP: Pois é. Ficou aberto ao público, nós entramos lá, naqueles salões, eu, minha mulher, com as meninas. Ele também saiu lá fora.

TP: Sei. Hum... hum.

SP: Eu admirava muito o Juscelino por essa parte dele ser popular, não é!?

TP: An... ram...

SP: Tem muita gente que mete o pau no Juscelino, como mete o pau no Getúlio.

TP: É.

SP: Eu gostava dele.

TP: O senhor gostava tanto dum quanto doutro?

SP: É Não é!? É.

TP: Ah, tem uma outra coisa. O Juscelino também, já que o senhor está falando da época em que ele foi governador, ele teve envolvido com uma outra grande obra aqui em Belo Horizonte, que foi a construção daquele conjunto habitacional ali na Praça Raul Soares, o conjunto JK, não é!?

SP: É.

TP: O senhor se lembra dessa época que, que, que ele começou a fazer propaganda do conjunto que ia ser construído ali?

SP: Me lembro, uai. Lembro que fazia propaganda. Eu não acho aquilo ali boa coisa não.

TP: Não, Seu Primo? O senhor nunca se interessou por...

SP: Não.

TP: Comprar lá um apartamento?

SP: De jeito nenhum.

TP: De jeito nenhum?

SP: Já ouvi falar que aquilo é uma favela lá no centro da cidade. Já ouvi falar.

TP: Sei. Mas o senhor, na época em que o Juscelino começou a construir, Seu Primo, que impressão que o senhor teve daquilo. Antes de estar habilitado, não é!? Enquanto era uma idéia assim.

SP: Eu achava muito bom. Tinha até um amigo meu que comprou lá.

TP: É?

SP: Um médico, chama-se Gutemberg.

TP: Sei.

SP: Ele comprou lá, disse que tinha comprado lá. Achei bom, mas eu não interessei não.

TP: Não, não é!?

SP: Não, eu nunca gostei desse negócio de apartamento. [*inaudível*] assim de casa que tivesse um quintalzinho.

TP: Estava satisfeito aqui na sua casinha, não é!?

SP: É.

TP: Já que nós estamos falando de políticos, não é!? Nós vamos perguntar um pouquinho agora para o senhor, de um assunto que o senhor já falou várias vezes para nós que o senhor nunca teve muito entusiasmo, que é a política. Mas é importante a gente saber que tipo de, ele lembranças que o senhor tem de alguns fatos políticos, não é!? Mesmo que o senhor não... já... Isto está claro para nós, que o senhor não tinha, não é!? Maior envolvimento e tal. Mas, por exemplo, o senhor falou que gostava do Vargas, que teve admiração por ele. É, o quê que o senhor se lembra, que poderia contar pra gente, da época em que ele foi deposto praticamente no fim de guerra, não é!? Em 45, quando ele foi deposto, e houve um movimento no Brasil, não é!? Chamado querismo, que era aquele pessoal que queria que o Vargas voltasse. Voltasse. O senhor se lembra disso? O senhor chegou a participar de alguma forma? Como é que as coisas aconteceram aqui em Belo Horizonte?

SP: Não. Eu nunca participei desses movimentos políticos não.

TP: Não, não é!?

SP: É como eu falei da outra vez, sempre fui simpático ao Getúlio Vargas, e também, torcia para que ele voltasse.

TP: Sei.

SP: Sabe!?

TP: Hum... hum.

SP: gostava muito dele.

TP: Certo.

SP: ... Mas eu nunca participei.

TP: Não, não é!?

SP: Não.

TP: Agora, o senhor se lembra de, de ouvir falar, ou de, de mesmo de ver algum movimento assim de rua aqui em Belo Horizonte? A favor do Vargas, ou contra o Vargas? O senhor tem alguma lembrança disso?

SP: Não.

TP: Não, Seu Primo?

SP: Não.

TP: E, e uma outra coisa que a gente queria saber é se na eleição de 45, depois que o Vargas saiu do governo, o senhor votou nessa eleição? O senhor se lembra?

SP: Não tenho bem certeza se eu [*inaudível*]. Me parece que eu votei foi Getúlio Vargas é o Brigadeiro?

TP: Não, foi o Vargas. Logo depois que ele saiu foi o Dutra.

SP: Dutra.

TP: Que acabou sendo presidente.

SP: Ah é, é.

TP: não é!?

SP: É.

TP: E o Brigadeiro.

SP: Até o, o Getúlio Vargas que... aconselhou que votasse com o Dutra.

TP: Isso.

SP: Isso eu lembro, no jornal, sabe!?

TP: An... ram... O senhor se lembra disso?

SP: Então, parece que os trabalhadores do Brasil carregaram a mão no Dutra e ele foi eleito.

TP: É.

SP: Não é!? Exatamente.

TP: É, Seu Primo, nós estamos falando agora de uma época, não é!?, 45. Época que tá acabando a 2^a. Guerra, e o senhor, seguramente teve notícias, não é!? Acompanhou de alguma maneira a guerra, quando nada pelas conversas com os amigos, pelos jornais, não é!?

SP: É.

TP: O senhor tinha algum interesse especial pela Guerra? Em acompanhar os fatos da guerra? Ou era um assunto que o senhor não ligava muito?

SP: Não, não me interessava não.

TP: Não?

SP: Eu tinha tristeza quando via, via aquelas fotografias de lá, não é!? Vinha até uma revista aí. Não me lembro bem o nome daquela revista, onde trazia os cadáveres amontoados. Em guarda, acho que chamava em guarda.

TP: A revista?

SP: A revista, é. Então, eu tinha horror, não é!?

TP: É?

SP: Aquela guerra [*inaudível*] Não gosto [*inaudível*] Mesmo essa lá que houve com o Sadam Hussein, e tudo, não é!? A gente fica triste, não é!?

TP: É verdade. É, agora, durante, mesmo antes da guerra, não é!? Uma outra coisa que a gente queria perguntar para o senhor, embora também o senhor já tenha dito que o seu pai não era mas era fato dele ser de origem italiana e, e os acontecimentos do fascismo na Itália, lá com o Mussolini. Quem era o Mussolini para vocês? Assim, era alguém que vocês admiravam? Ou não? Ou o seu pai não tinha nenhuma opinião formada a respeito?

SP: Não tinha não.

TP: Não?

SP: Não tinha opinião formada sobre esse tal... sobre Mussolini. Chegavam uns italianos falando bem do Mussolini, outros falando mal. [*inaudível*] Outros chegavam aqui, diz que tinham vindo correndo de lá, que ele queria dar óleo de rícino. Então, nunca teve simpatia assim.

TP: Não?

SP: Pelo Mussolini não.

TP: O senhor se lembra, Seu Primo, aqui em Belo Horizonte, uma movimentação que tive aqui contra os italianos. Do pessoal que andou quebrando as lojas no Centro da Cidade...

SP: É, teve o quebra-quebra.

TP: O senhor tem lembrança disso?

SP: tenho.

TP: E algum conhecido do seu pai, alguém próximo de vocês levou prejuízo com essa história? O senhor não...

SP: Não, a gente soube de prejuízo com essa história? O senhor não...

SP: Não, a gente soube de prejuízo de muita gente. Aquela padaria Boschi que tinha ali na rua Tamoios com Rio de Janeiro, não é!? Quebraram lá. Carregaram os sacos de farinha de trigo, não é!? Tinha aquela loja, a Casa Ernani, que era de, de, de instrumentos cirúrgicos. Essa quebraram toda.

TP: Sei.

SP: [*inaudível*] tinha uma, uma, uma casa de um alemão ali na Avenida Amazonas também, de... de máquina, essas coisas quebraram também. Mesmo meu pai lá com o butiquizinho dele foi obrigado a fechar.

TP: Teve problema também?

SP: Teve problema também. Tinha um daqueles vagabundos que ficava lá querendo jogar pedra nas garrafas dele.

TP: Por ele ser italiano?

SP: Por ser italiano. Eles estavam aproveitando, não é!?

TP: Sei. Embora seu pai não tivesse nenhuma afinidade com a colônia italiana.

SP: Nada. Nada [*inaudível*] preocupado. Era italiano.

TP: Ele sentiu risco?

SP: Já estavam ali de pedra na mão querendo jogar nas garrafas.

TP: Hum... hum.

SP: É, uma coisa horrorosa aquilo.

TP: É, não é!? Mas o seu pai então não chegou a ter nenhum prejuízo, porque fechou?

SP: Não. Não, ele fechou o bar e telefonou para que a gente fechasse a sapataria também, porque eles podiam aparecer lá.

TP: Hum... hum.

SP: Não é!?

TP: Certo. Agora, Seu Primo, falando de novo na guerra, não é!? Que, que acontece aí nessa época, no final dos anos 30, não é!? Com o nazismo e o fascismo, não é, como, como, causando esse tipo de transtorno. É, o senhor sentiu assim. O senhor poderia nos dizer alguma coisa sobre se houve algum impacto da guerra sobre o dia-a-dia das pessoas aqui no Brasil? Por exemplo, havia alguma restrição? E, algum produto que era importado e que não se achava fácil? Alguma coisa nesse sentido?

SP: Tinha. Por exemplo, a farinha de trigo, não preciso fazer fila, e não conseguia farinha de trigo.

TP: É?

SP: Não é!? Desta parte eu me lembro.

TP: Sei.

SP: Que faltou. Não me lembro de outro produto não, era principalmente o pão.

TP: É, não é!?

SP: Que faltou. Porque o trigo vinha do estrangeiro, não é!? E não estava chegando aqui.

TP: Certo. [*pausa*]. Deixa eu ver aqui [*inaudível*]

SP: Gasolina também, não é!?

TP: É?

SP: Teve então que usar gasogênio. Os carros eram movidos a gasogênio, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: Era carvão. Você sabe como é que [*inaudível*], não é!? Tinha aquele cilindro.

TP: É.

SP: Enchiam de carvão; é que faziam o gás para funcionar os carros, não é!?

TP: E andou faltando gasogênio na cidade.

SP: Andou faltando gasolina.

TP: Agora, é bom o senhor estar falando disso, porque eu estou me lembrando. Outro dia o senhor comentou a tirar carteira de motorista.

SP: É.

TP: Em que época foi isso, Seu Primo?

SP: Foi em 52.

TP: 52?

SP: É.

TP: O senhor tirou a carteira com alguma função específica?

SP: Eu tinha vontade de trabalhar com taxi. Naquela ocasião.

TP: É?

SP: Não, não falava-se taxi. Trabalhar na praça.

TP: Carro de aluguel?

SP: De aluguel.

TP: An... ram...

SP: Tinha à vontade.

TP: É?

SP: Achava o meu serviço muito duro.

TP: Sei.

SP: Mal dava para a despesa, trabalhando dia e noite. E via outros motoristas com *[inaudível]*. Até um cunhado meu que ficou muito bem trabalhando na praça.

TP: Ah é?

SP: A família numerosa.

TP: Sei.

SP: Ah, eu também fui tirar a carteira, não é!? Mas tirei e ficou só na carteira.

TP: É?

SP: Porque antigamente naquela época, não era como hoje. Que hoje, os táxis, eles... Hoje tem os táxis... eles param em qualquer ponto.

TP: É.

SP: Mas naquela época tinham os estacionamentos aqui na Savassi. Estacionamento na Avenida Afonso Pena *[inaudível]* estacionamento, onde ficavam só 10 carros.

TP: Sei.

SP: E tinha um telefone. Cada motorista daqueles tinha uma parte, no telefone, sabe!?

TP: Sei.

SP: Então, um outro carro que entrasse lá naquela praça, ele não tinha direito ao telefone, sabe!? Então ele só podia pegar passageiro que chegasse lá na praça, no ponto, pra pegar o carro dele. Ainda tinha outro inconveniente também: o motorista saía do ponto dele para levar um passageiro onde fosse, depois ele tinha que voltar, retornar cá no ponto dele. Aí eu falei assim: “*essa quantidade de dificuldade*”, eu não tinha o dinheiro todo pra comprar o carro também. Eu desisti.

TP: Ah, é!? Antes de começar o senhor desistiu?

SP: É. eu... a minha casa tava precisando de uma arrumação.

TP: Hum...

SP: Onde eu puxei essa sala aqui.

TP: Sei.

SP: Fiz um banheiro. Eu falei: “*Aqui tá mais seguro do que essa aventura perigosa [risos] que eu vou fazer.*”

la comprar um carro, a prestação, não arranjava um estacionamento. Sujeito a uma batida, sei lá.

TP: Hum... hum.

SP: Não é!? Então eu desisti.

TP: Então o senhor comprou um carro?

SP: Comprei mais tarde.

TP: Mais tarde?

SP: Com uma caminhonetizinha velha. Depois troquei por uma rural. Só pra apanhar meus netos, trazer aqui, levar minha esposa lá.

TP: Sei.

SP: Depois os genros foram se arrumando, e comprando carro. E aqui é um lugar que não tinha, lugar pra garagem.

TP: Sei.

SP: E dormia ali na rua, peguei e vendi.

TP: Vendeu. O senhor não precisava.

SP: Não precisava. Minha mulher não gostava muito de sair de dentro de casa.

TP: Sei.

SP: Os genros já tinham carro, todos eles. Não precisava.

TP: Trabalhar o senhor sempre foi à pé, não é!?

SP: É, sempre a pé.

TP: Agora, nesse período que o senhor teve o carro, seus hábitos mudaram? Em relação ao trabalho, por exemplo? O senhor chegava...

SP: Eu ia de carro.

TP: Ah, o senhor ia?

SP: É!

TP: É?

SP: Depois que vendi.

TP: Hum?

SP: Vinha pra casa, as pernas “doía” [risos]

TP: Desacostumei, não é!? [risos] Mas aí o senhor voltou a fazer o trajeto a pé e se acostumou logo.

SP: E, acostumei logo. Mas sentia sabe? As pernas doíam. Porque ia todo dia de carro e voltava.

TP: Hum... hum.

SP: Ficava sentado o dia inteiro.

TP: É.

SP: Não é!?

TP: Agora Seu Primo, o senhor tava nos dizendo aí que isso foi em 52, não é!? Que o senhor... pensou.

SP: Foi que eu tirei a carteira.

TP: Isso, que o senhor tirou a carteira pensando em comprar um táxi, não é!? Um carro pra fazer...

SP: É, pra trabalhar na praça.

TP: Pra trabalhar na praça. E o senhor disse que o senhor pensou nisso porque o senhor vinha achando a sua vida muito dura.

SP: Muito dura.

TP: Não é!?

SP: É.

TP: Mas esse muito dura que o senhor está falando aí, quer dizer, o senhor... Tenta explicar isso melhor pra nós. O senhor sentia que tava trabalhando o mesmo tanto que antes e ganhando menos do que antes, ou é porque as coisas estavam ficando mais caras, as despesas da família estavam aumentando?

SP: A família, a... pois é, a despesa aumentando, a gente trabalhando pra valer. Não sobrava nada, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: Era uma dificuldade. E os outros que ganhavam com mais facilidade.

TP: Sei.

SP: Não é!? Que eu conhecia diversos motoristas de praça. Tinha dois cunhados na praça, muitos amigos. Alguns até que tinham sido sapateiros.

TP: Ah é!

SP: Estavam muito bem.

TP: Hum... hum.

SP: Sabe!? Na praça. Naquela moleza daquele serviço de praça ali, ganhando muito bem, eu dando um duro de manhã à noite, não é!? Então é por isso aí que eu queria, queria ser motorista, não é!? Mas depois desisti, fiquei com medo.

TP: An... ram...

SP: Desisti de medo.

TP: É, não é!? Achou arriscado demais?

SP: Achei arriscado.

TP: Agora Seu Primo, esse tempo todo a Dona Teresa nunca trabalhou fora de casa não, não é!?

SP: Não, pra fora não.

TP: Ela só...

SP: Ela fazia uns bicos de [*inaudível*], sabe!?

TP: Ah, é?

SP: Eu tinha aí, ainda tem, umas formas aí.

TP: Sei.

SP: Antigamente usava umas chupetazinhas de bala, que tinham um palitinho.

TP: Que assobiavam?

SP: [*inaudível*]

TP: ... Que assobiavam? Não, né?

SP: Então ela fazia. Eu como... eu deixei a sapataria lá uns dias, porque ela tava com doença lá, e passei a fazer bicos.

TP: Ah é!

SP: É, porque a minha... meu pai tinha comprado pra mim uma coleção daquelas formas de fazer essas chupetas.

TP: Sei.

SP: De um sírio que morava lá no Progresso.

TP: Hum.

SP: Sabe!? No Padre Eustáquio. E a minha irmã fazia muito.

TP: Sei.

SP: E ele me emprestou umas formas, e eu peguei a fazer também. Fazia de manhã à noite aí. Só que mesmo assim não tava dando muito resultado.

TP: Sei.

SP: Mas com aquele negócio de eu ficar fazendo em casa, eu acabei aprendendo. [*inaudível*] Então eu passei ora sapataria e ela fazia os bicos. E eu já tinha a minha freguesia. Ela fazia os bicos, na hora que eu ia pra sapataria eu passava e levava.

TP: O senhor levava?

SP: Levava uma lata com uns dez quilos mais ou menos. À noite, quando subia apanhava a lata vazia. Ela fez... ajudou, nesse ponto, muito tempo.

TP: E com isso, e com isso aumentava um pouquinho a renda da família.

SP: É, é sim.

TP: An... ram...

SP: Aumentou mesmo. melhorou um pouco. A gente até tinha uns trocadinhos na caixa.

TP: É, não é!? Agora...

SP: Com o servicinho dela.

TP: ... Sentindo esse aperto que o senhor tava comentando com a gente, não, não, não aparecia assim como uma possível solução, por exemplo, aumentar os preços do serviço do senhor na sapataria? Como é que era isso, Seu Primo?

SP: Olha, havia uma concorrência imensa. Era cheio de sapateiros.

TP: Sei.

SP: Consertadores. Hoje não. Hoje se a gente quiser cobrar o preço que foi.

TP: Pode?

SP: Tem poucos consertadores.

TP: É.

SP: É que a gente também tem que, tem que ter consciência, não é!? Eu compro, eu cobro o menos que eu posso.

TP: Sei.

SP: Boto um preço razoável. Mas se quiser abusar agora tem oportunidade.

TP: É, não é!?

SP: Mas naquele tempo a concorrência era muita. Tinha muito sapateiro e a população era bem menor. Tinha sapateiro que fazia forma [*inaudível*] fazia, por menos. Às vezes o freguês chegava e falava: “*Quanto é que é esse serviço aqui?*” A gente falava: “*É tanto*”. “*Ah não, vou levar pro fulano ali que faz por menos.*”

TP: Ah.

SP: Era assim. Hoje não, eles deixam lá. O preço [*inaudível*]

TP: Agora, uma outra coisa que eu, que eu tô pensando aqui, Seu Primo, é o seguinte. O senhor fez alguma, em alguma época, o senhor chegou a fazer anúncio da sua sapataria ou nos jornais, jornal do bairro, ou em rádio? Alguma coisa assim?

SP: Não.

TP: Nunca?

SP: Nunca.

TP: O senhor nunca usou desse recurso?

SP: Não.

TP: Então o senhor só...

SP: A propaganda era o serviço mesmo.

TP: É, né?

SP: É.

TP: As pessoas que freqüentavam?

SP: Que passavam por ali, mandavam fazer um trabalho, falavam com outro. E até hoje é assim.

TP: Sei.

SP: A freguesia vai assim aumentando, porque um fala com o outro, não é!?

TP: Tá, então vai...

SP: Nunca que...

FIM DO LADO B DA FITA 06

"

"detrás do Palácio", 8, 19

2

2ª. Guerra, 42

A

aprendizes, 35, 36

B

Belo Horizonte, 1, 31, 38, 39, 40, 41, 43
Botequim, 7

E

educação religiosa, 25

F

favela, 8, 9, 22, 23, 39
filhas, 16, 17, 25, 29

G

Getúlio Vargas, 9, 30, 41, 42

H

hospitais, 11

I

irmãos, 14, 15

J

Juscelino, 36, 38, 39, 40

L

leilão, 3

M

Mackiense, 20
morro do papagaio, 22
Mussolini, 43

P

pais, 15, 30
Pampulha, 36, 37, 38
política, 40

S

Santo Antônio, 1, 13, 24
São Lucas, 8, 9
sapataria, 5, 21, 23, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 44, 50,
51, 52
soldado, 17, 20

T

trabalhar na praça, 49
trabalho, 5, 6, 13, 30, 34, 35, 48, 53

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: SALVADOR PRIMO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 02 DE DEZEMBRO DE 1991

Entrevista – fita 07 – lado A

TP: Seu Primo, o senhor tava nos dizendo que fez umas anotações sobre umas lembranças que o senhor teve
aí de nomes de bairros, é isso?

SP: É.

TP: Que que o senhor lembrou aí? Conta para nós.

SP: Bairros assim mais afastados do centro de Belo Horizonte.

TP: Sei.

SP: Alguns deles tinham nome de colônia.

TP: Ah, sim/

SP: Até o próprio bairro Carlos Prates chamava-se colônia Carlos Prates, isto né? Já ouviram falar isso?

TP: Já.

SP: Tinha também aqui a colônia Afonso Pena, onde é o bairro Coração de Jesus, a Cidade Jardim, não é!?
Ali também.

TP: Era Colônia Afonso Pena?

SP: Colônia Afonso Pena. Só que aí eu já falei, outra vez aqui, né?

TP: Hum... hum.

SP: Aqui nesse bairro Anchieta, bairro Anchieta aí era a colônia Adalberto Ferraz,

TP: Ah, sim

SP: sabe!?

TP: Hum... hum.

SP: Outro bairro com nome de colônia, né? Lá em Santa Efigênia, assim, hoje lá é Vera Cruz, Pompéia/

TP: Sei.

SP: Ali também chamava colônia Bias Fortes. Então tinha esses aí. Eu não me lembro de outros que tivessem o nome de colônia.

TP: Hum... hum. , sei/

SP: E me lembrei também de um, bem afastado, lá depois do bairro Padre Eustáquio, chamava-se Pastinho. Ali tinha a fazenda do Pastinho, sabe!? Já ouviu falar isso?

TP: Já ouvi falar. Uma pessoa que nós entrevistamos, que o avô dela morava nessa região. Se chamava, Pastinho...

SP: Ah, pois é! Tinha a fazenda do Pastinho lá, né?

TP: Hum... hum.

SP: Depois é que passou para Vila Celeste Império, né? E agora criaram lá diversos bairros,

TP: É,

SP: e tal, né?

TP: Mas o senhor se lembrou disso porque o senhor lembra de ter ouvido falar, ou o senhor costumava-se... o senhor já foi até essas colônias?

SP: Não, eu não fui lá não, mas eu sabia,

TP: Ah, sim

SP: que tinha esses lugares, sabe!? Outro dia que eu tive, me veio na cabeça.

TP: Sei.

SP: Então eu anotei.

TP: Ah, ótimo, que o senhor não tinha nos falado//

SP: prá falar para vocês.

TP: E tem alguma outra coisa que o senhor tinha anotado?

SP: E tinha//

TP: outros lugares também, como por exemplo, aqui no Sion. No Sion, ali encostado na Serra do Curral, ali chamava-se Acaba Mundo, não é!?

SP: Você sabe disso?

TP: Hum... hum.

SP: O Acaba Mundo

TP: Que é por causa de uma represa, que tinha ali? Uma...

SP: Não, ali não tinha represa, não.

TP: Não?

SP: Onde tinha uma represa, era aqui na Cidade Jardim.

TP: Lá no fundo.

SP: É aquela foi feita pelo prefeito Otacílio Negrão de Lima, na gestão dele, porque nos... quando vinha esse tempo de chuva, essa chuva forte, inundava ali o bairro de Lourdes, ali abaixo. Então ele fez aquela represa.

TP: Sei.

SP: Depois as chuvas “foi” trazendo aqueles cascalhos lá do morro e acabou com a represa. *[risos]*

TP: E lá no Acaba Mundo então não tinha represa, não.

SP: Não tinha não.

TP: Era só uma, uma área.

SP: Isso. Ali tinha aquelas cascatas, aquelas coisas, né? Ah, é?! Era encostada ali na Serra do Curral, Onde tem hoje aquelas antenas lá, né? Sei. Não sei se ainda tem aquelas antenas...

TP: Tem, tem aquelas antenas... E o senhor já chegou a ir passear lá no Acaba Mundo?

SP: Muitas vezes.

TP: É? Fazer piquenique?

SP: É, passear, buscar musgo para fazer presépio.

TP: Ah , é?

SP: A gente fazia presépio aqui em casa também, sabe!? Lá naquela, naqueles morros ali de pedra/

TP: Hum/

SP: tinha muito presépio.

TP: É mesmo?

SP: Muito, muito musgo.

TP: Sei.

SP: Musgo, aquelas flores lá do campo, a gente apanhava...

TP: Mas isso era na época que o senhor era menino? Ou não?

SP: Mesmo depois de casado eu já fui/

TP: é?

SP: uma vez lá com minhas meninas.

TP: //

SP: Mas quando eu era menino ia também. Ia muito lá no Acaba Mundo.

TP: É? Mas esse hábito de fazer o presépio, que o senhor tava falando, é da sua época de criança, ou da sua época já de pái?

SP: Não. Aqui na minha casa foi depois de pai, né?

TP: Hum... hum.

SP: É que a minha, minha esposa gostava, fazer um presepiozinho. Até uma ocasião veio aqui, a, as pastorinhas. Tinha as pastorinhas que iam cantar nos presépios, lembra disso?

TP: Não, o senhor podia nos contar como é que era?

SP: É como se fosse assim um blocozinho carnavalesco.

TP: Sei. *[risos]*

SP: É folclórico, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: Então minha *[inaudível]* aquelas coisas, cantavam *[inaudível]*

TP: Passavam nas casas?

SP: Passavam nas casas onde tinha presépio.

TP: Ah, sim.

SP: Vinham aqui. O aqui a gente ouvia que eles vinham cantando longe, aí por esse morro. Depois passavam aqui, daqui iam noutra casa que tinha presépio, visitando os presépios.

TP: É nem...?// E não era gente do seu conhecimento? Não eram pessoas vizinhas ou amigas?

SP: Não. Não. Eram daí de cima, desse lado daí. Quase tudo gente de cor.

TP: É.

SP: E vinham cantando, à noite.

TP: Hum/

SP: A essa hora assim, mais tarde.

TP: Na véspera do natal ou na noite de natal mesmo, seu Primo?

SP: Não, era entre o natal e o dia de reis.

TP: Ah, sim/

SP: E no dia de reis é que acalmou os presépios, né? Dia 6 de janeiro.

TP: Falando nisso, seu Primo, o senhor se lembra de alguma outra manifestação folclórica que, que existia aqui em Belo Horizonte? Porque a gente sabe, por exemplo, no interior de Minas era muito comum congado, né? Umas festas populares assim. Aqui em Belo Horizonte, o senhor se lembra de alguma coisa?

SP: Aqui nesse Acaba Mundo tinha congado.

TP: Ah, é?

SP: Vieram até uma vez cantar e dançar aqui dentro da igreja de Santa Rita. O padre ali era, um padre meio diferente, padre Aimar Rocha.

TP: Sei.

SP: Então eles entraram aí com aquela bateria deles, ensurdecendo, lá dentro da igreja.

TP: Entraram dentro da igreja?//

SP: Eles todos fantasiados. Já viu congado?

TP: Já vi.

SP: Com, com as latinhas nas, nas...

TP: Amarradas.

SP: ... no tornozelo assim.

TP: No tornozelo.

SP: Essas latinhas de massa de tomate, eu não sei, cheias de qualquer coisa. Aqueles chocalhos e aqueles duetos, deles, né? E aqueles tambores, e aquelas coisas.

TP: Então o senhor se lembra de já ter visto congado também.//

SP: Já.//

TP: Aqui em Belo Horizonte?

SP: Já.

TP: E também as pastorinhas?

SP: É, as pastorinhas também.

TP: Hum... hum.

SP: As pastorinhas parece que elas acabaram, acho que não tem presépio mais, né?

TP: É, não é muito comum mais, né?

SP: Não é mais//

TP: Seu Primo, na semana passada, quando a gente... nós estávamos terminando a nossa conversa da semana passada e o senhor se lembrou de nos falar que o senhor, ela, tinha se lembrado de dois tipos populares aqui do bairro Santo Antônio. Nós terminamos e não gravamos...

SP: Ah, é//

TP: O senhor disse que se lembrou da “bicha doida”.

SP: É, é//

TP: *[risos]* e do “moço belo”, não é!?

SP: É, do “belo moço.”

TP: Belo moço?

SP: Certo.

TP: E isso foi na época que o senhor era menino//

SP: Era menino...//

TP: morava com seus pais.

SP: ... assim, uns seis, oito anos, é que tinha esses tipos ali.

TP: É? E como é que é, o senhor podia contar prá nós de novo. Por que é que eles tinham esses nomes? Se foram vocês meninos que deram?

SP: Eu não sei. Eu não sei porque é que tinham esse nome. Esse bicha doida era um velho magro, alto, né?

TP: Hum.

SP: E a gente falava com ele: “*Oh bicha doida!*” Ele falava: “*Ela é doida, a bicha é doida [risos]*” E o belo moço a gente falava a hora que ele ia passando — era um moreno grosso, farto, sabe!? Ia passando, vagaroso, e a gente gritava: “*Oh belo moço!*” Se era um menino assim ele falava: “*Oh cravo cheiroso!*” *[risos]* Se era uma moça ou menina.

TP: Hum?

SP: “*Oh rosa cheirosa!*” [risos]

TP: E os meninos morriam de rir?

SP: Ah, a gente gostava disso. [risos]

TP: Eles não andavam juntos, né? Andavam separados?

SP: É, separados.

TP: Hum.

SP: Passavam ali na rua Leopoldina, onde eu morava?

TP: Hum... hum.

SP: de vez em quando, não é!?

TP: É. muito bem! E o senhor tem mais alguma coisa que o senhor anotou para nos contar? Por que eu tenho uma série de coisas aqui para perguntar para o senhor.

SP: Bom, uma rua que eu também... que mudou o nome/

TP: Hum,

SP: não sei se você sabe disso, a rua Padre Eustáquio chamava-se rua Contagem.

TP: Não, não sabia.

SP: É, o primeiro nome dela era rua Contagem.

TP: Hum.

SP: Essa rua Levindo Lopes também,

TP: Sei.

SP: chamava-se rua da Liberdade.

TP: Ah, é? E dava no palácio?

SP: Acho que é por ser atrás do Palácio da Liberdade/

TP: Hum... hum.

SP: chamava-se rua da Liberdade. Depois é que mudaram o nome?

TP: Hum... hum. .

SP: Eu anotei também aqui o morro do Cercadinho. Ainda falam de vez em quando nesse Cercadinho aí, não é!?

TP: E onde é que fica esse morro?

SP: O cercadinho fica lá para trás do, do, daquele sanatório Morro das Pedras, por ali.//

TP: Ali sei.

SP: Ali tinha o Cercadinho, tinha ali também a Vila Bicalho/

TP: Hum... hum.

SP: também o Morro dos Pintos. O Morro dos Pintos tinha uma caixa d'água que eles falavam: "*a Caixa d'água dos pintos.*"

TP: E aonde é que ficava?

SP: Também é nessa área aí.

TP: Ah, sei/

SP: No Cercadinho.

TP: Hum... hum.

SP: A Vila Bicalho e o Morro dos Pintos.

TP: Hum//

SP: é, são juntos ali/

TP: sei.

SP: depois do, do Sanatório Morro das Pedras./

TP: Hum... hum.

SP: Hoje ainda tem o sanatório, não tem?

TP: Tem!

SP: Tem aquela Madre Teresa, também.

TP: É!

SP: Está lá, não é!?

TP: Hum... hum.

SP: É dali para lá...

TP: Ali, certo. E o senhor tá se lembrando desses lugares porque são lugares que o senhor já foi ou é só de ouvir falar, como as colônias que o senhor, que o senhor citou para nós.

SP: Lá na Vila Bicalho eu já fui./

TP: É, não é!?

SP: É, certa vez fui lá na Vila Bicalho.

TP: Hum... hum.

SP: Tinha uma senhora que tinha um barracão para vender ali na rua do ouro e morava lá.

TP: Sei.

SP: Por isso é que eu fui, foi só uma vez.

TP: Hum... o senhor foi...

SP: Mas não acertei o negócio não.

TP: Não acertou?

SP: Não.

TP: Pensando em comprar o barracão?

SP: Pensando em comprar mas estava muito difícil.

TP: É?

SP: É!

TP: E isso nessa época o senhor já morava aqui?

SP: Não, eu morava em Santa Efigênia.

TP: Ah, sei. Então foi na época em que o senhor estava pensando em, em//

SP: em sair de lá//

TP: em se mudar? *[risos]*

AT: Tirar a menina de perto dos soldados.

SP: De perto dos soldados. *[risos]*

TP: Bom su Primo, nós paramos, não é!? na nossa conversa na semana passada, falando principalmente da época da sua vida que o senhor se transferiu aqui para o Santo Antônio, já casado, com as meninas, não é!?

SP: É.

TP: Que o senhor veio para cá, que essa aqui... que a casa não era como ela é hoje.

SP: É.

TP: que o senhor foi fazendo algumas modificações, não é!?

SP: É, exato/

TP: E o senhor nos contou que na época, já morando aqui, em que, que a água foi ligada, não é!? e que o senhor fez uma comemoração aqui com os seus amigos não é!?

SP: Fiz, é!

TP: O senhor se lembra exatamente da data disso, que ano foi?

SP: Isso eu não me lembro bem a data não.

TP: Mas foi em nil novecentos e quarenta e poucos, não é!?

SP: Ou mais um pouquinho.

TP: Mais um pouquinho.

SP: Não! É! Foi quarenta e pouco, quarenta e pouco mesmo/

TP: Hum.

SP: porque a minha mãe estava presente aqui/

TP: Ah, é?

SP: e ela faleceu em 47.

TP: Hum. Então foi antes disso.

SP: É, foi ali por 45 mais ou menos.//

TP: O senhor se lembra.../

SP: Encheu de penetra aqui. Ficou a casa cheia de gente que eu não conhecia.

TP: Hum... hum. *[risos]* E sentou, e esse comemoração que foi feita, não é!? em função da chegada da água encanada,

SP: É.

TP: depois o senhor repetiu isso em... alguma vez em função de outros serviços que o senhor//

SP: Não, não!

TP: Conseguiu aqui não.

SP: Não.

TP: Foi só esta?

SP: Por... Sabe por quê que eu fiz essa comemoração?

TP: Hum.

SP: Porque tinha uma orquestrazinha muito boa aqui no bairro São Pedro/

TP: Sei.

SP: e esses músicos, a maioria deles, trabalhavam lá na prefeitura, na seção de água.. E eram amigos nossos.

TP: Sei.

SP: Então nós falamos com eles: *“oh, vai ligar a água lá e eu gostaria que vocês fossem lá.”*

TP: Ah!...

SP: não é!? Tocar lá prá gente/

TP: Hum... hum.

SP: E eles vieram. Foi por isso.

TP: Então era...

SP: Ai fizemos essa festa.

TP: Ah, muito bem! Então essa festa não se repetiu, não é!?

SP: Não.

TP: Agora mesmo sem festa, como é que foi assim, conta para nós um pouco a serviços... O senhor nos disse que essa rua aqui... O senhor falou que não tinha rua ainda quando o senhor se mudou para cá, não é!?

SP: Não tinha não!

TP: Que não tinha calçamento ainda, não tinha esgoto...

SP: É, daqui para baixo era uma rebanceira aí.

TP: Hum... hum.

SP: Como eu falei, que eu fazia degraus só no barranco para poder/

TP: Para poder subir/

SP: subir ou descer ali.

TP: Isso. E o senhor nos contou inclusive que naquele quarteirão ali de baixo era uma área onde se jogava//

SP: Jogavam o... entulho, o lixo

TP: Entulho, lixo, não é!?

SP: a poda das árvores, que a prefeitura mandava podar as árvores.

TP: Hum... hum.

SP: Então mandava jogar ali/

TP: E a situação da rua como ela está hoje, quer dizer, é uma rua calçada, não é!? Que tá aí, que tem todos os serviços como coleta de lixo, esgoto e tal, isso é desde quando “seu” Primo? O senhor tem uma lembrança disso, esses serviços todos?

SP: Esse serviço foi mais ou menos, ham, em 70 mais ou menos.

TP: É? Então até... o senhor passou aqui os anos 50, 60 ainda em situação

SP: É, é!

TP: um pouco precária da rua.

SP: É. Até queria fazer um serviço aí.

TP: Hum.

SP: que eu achei que não estava certo. Eles queriam abrir a rua mas deixando um espaço aqui entre a divisa do alto e a rua um passeio cá em cima com uma balaustrada.

TP: Hum.

SP: Eu falei com o engenheiro: “*Nunca vi em lugar nenhum*”.

TP: Hum... hum.

SP: Não é? Deixar fora do passeio a... da altura de um... fora do por... da divisa//

TP: A largura de uma calçada?//

SP: a largura de um passeio, uma balaustrada e lá na ponta, fazer umas escadas que saíssem lá embaixo/

TP: Sei.

SP: O que me valeu foi eu ter um amigo lá na prefeitura, é, que trabalhava com o Osvaldo Pierossetti.

TP: Hum... hum.

SP: é, compadre do Pierossetti.

TP: Sei.

SP: Chama-se Joaquim dos Santos Painha

TP: Hum.

SP: Não sei se você conhece, se já ouviu falar.

TP: O nome é famoso, não é!?

SP: Então eu fui falar com ele//

TP: Sei./

SP: Eu chamo ele de Quinzinho.

TP: Hum.

SP: *“oh Quinzinho, tá esse problema lá. Eles então querendo abrir a rua e deixando a minha casa lá em cima pendurada, fazendo uma balaustrada lá. De noite a gente talvez não possa nem chegar em casa.”*

TP: Hum.

SP: *“Aquele passeio com aquele balaustre vai esses namorados prá lá e como é que fica?” “Eu nunca vi uma coisa dessas”.*

TP: Hum.

SP: Ele então veio aqui ver o negócio aqui.

TP: Sei.

SP: e foi lá na Sindecap e deixou lá um pedido ou uma ordem, não sei, prá fazer aqui como eu achava bom.

TP: Hum.

SP: E eu estava trabalhando lá na sapataria e terminei e falei: *“Eu vou lá em casa, eu vou lá em casa e é capaz do engenheiro estar lá.”*

TP: Hum.

SP: E vim aqui, estavam mesmo os engenheiros *[inaudível]*

TP: É mesmo?

SP: Eles estavam aí e falavam: *“O senhor é que é amigo do Painha?”* Eu falei: *“Sou”*. *“Ele nos deixou um recado pra [inaudível] ” “Como é que o senhor quer que faça?”*. *“Eu tô querendo que faça como deve ser feito, a divisa certa do terreno, é propriedade particular e da prefeitura na divisa.”*

TP: Hum... hum.

SP: *“Então nós vamos fazer”*. *“Só que nós não garantimos muito, a casa aí pode até desabar”*. *“Então você vai apanhar”*. Me deu ... fez um rascunho dum requerimento/

TP: Sei/

SP: pra mim apanhar a assinatura de todos os moradores daqui concordando com essa

TP: Hum.

SP: Abertura...

TP: De todos os moradores deste quarteirão?

SP: Oeste quarteirão, desse lado aqui.

TP: Sei.

SP: E apanhar também uns croquis lá na prefeitura. Fui lá em não sei em qualé andar, negócio de Engenharia [inaudível] que ia entregar. Falou: “*Você entrega a esse outro moço aí.*”

TP: Hum.

SP: Um outro engenheiro.

TP: Hum... hum.

SP: que nós vamos fazer como você quer. Então é que fizeram isso aí.

TP: Que fizeram essa calçada com degraus?

SP: A prefeitura pôs// isso tudo. Ah sei/ tá?// Hum... hum. O que valeu é que tem esse amigo lá na prefeitura, senão eles iam fazer daquele jeito. Que eu já tinha conversado com o outro engenheiro/

TP: Ham

SP: O encarregado da empresa, e ele falou: “*A solução que achamos é esta, ou assim, ou de jeito nenhum.*”

TP: Hum... hum. .

SP: Mas, felizmente//

TP: Valeu o senhor ter procurado o amigo//

SP: O Quinzinho [inaudível]

TP: Mas “seu” Primo, esse tipo de atitude, que o senhor tomou dessa vez, quer dizer, de cuidar de um interesse seu, enquanto morador da cidade...

SP: E ele valeu para eles, para os reizinhos todos.? Paa os reizinhos todos/ O quarteirão [inaudível]

TP: E o senhor se lembra se...

SP: Igual à água/ que eu consegui sozinho e eles todos puxaram também.

TP: E , não é!? Quer dizer que foram pelo menos dois serviços que aqui no seu pedacinho aqui de rua, no seu quarteirão/ É./ o senhor acabou conseguindo prá, pra... para os reizinhos.

SP: // Eu já contei como é que foi a luta// par conseguir a água, não é!?

TP: O senhor nos contou, não é!? // Pois é.// Que o senhor nos...

SP: Aí já veio esse melhoramento, esses outros reizinhos puxaram também/ Hum... hum. / sabe!? E depois, esse melhoramento aqui.

TP: Mas eu queria... eu tava perguntando para o senhor o seguinte: esse tipo de atitudes, não é!? que o senhor teve de ir até a prefeitura, de não ficar satisfeito, não é, com uma, uma solução que eles estavam apresentando para o senhor, e ir tentar uma outra solução. O senhor teve esse tipo de atitude alguma

outra vez, em relação a, a... pensando o senhor enquanto morador da cidade mesmo? Assim, de ir até a prefeitura...

SP: Não! Não!

TP: Não?

SP: Não. Desta vez é que eu fui./ Sei./ Tava essa, essa situação, e eu com aquele amigo lá.. Então, aventurei e deu certo.

TP: É, não é!? Valeu a pena?

SP: Valeu. Hum... hum.

TP: “Seu” Primo, ainda com relação a aqui, quer dizer, o senhor tá nos dizendo que os melhoramentos, não é!? De que nós estamos falando, eles chegaram mais ou menos nos anos 70. / É!/ não é!? / É./ É, omo é que foi, nesses primeiros anos que o senhor morou aqui? Quer dizer, o senhor veio em quarenta e poucos, não é!? / É./ com as meninas pequenas?/ Pequenas, pequenas/ não é!? E, nos anos 50 e 60, o senho assistiu muita mudança aqui na sua região mesmo, no bairro? O senhor sentia que a cidade estava crescendo muito? O senhor tem condições de lembrar disto para nós?

SP: Tava crescendo muito mesmo. Abriram essa rua Viçosa aí, que aí era só um trilho. Aqui era um barranco medonho, no entanto hoje tá cheio de edifício aí./ Hum... hum. / Mesmo esse aqui na frente, oh. Daqui da sala a gente abria a porta aqui e via lá na Boa Viagem/ Sei/, não é!? Depois fizeram esse prédio aí/ Hum... hum. / E encheram esses prédios aí depois/ sei/ Tem uns 20 anos mais ou menos./ E não é!? *[inaudível]* é que ficou cheio de prédios assim.

TP: E o senhor, enquanto morador antigo do bairro, o senhor via o crescimento do bairro assim positivamente ou incomodava o senhor o prédio estar levantando aqui e tampando a sua vista? Como é que é isto?

SP: *[risos]* Só isto é que eu não gostava? E, não é!? / *[risos]*

TP: Mas, em geral. O senhor era favorável a...

SP: //Ah, favorável e mesmo com.../

TP: com o crescimento, com o progresso?

SP: Muito bom, não é!? ... Hoje o bairro aí é quase que independente, tem de tudo, não é!? /Hum... hum./ Tem todo o comércio aí que a gente precisar, não é!? / É verdade? É muito bom.

TP: Bom, e nesses anos todos, não é!? O que a gente tá falando aí, o senhor... as meninas tão crescendo, não é!? e o senhor tá aí, continuando a trabalhar na sapataria, não é!? Nós vamos falar agora um pouquinho, o senhor vai... o senhor já nos contou muito da sua história enquanto filho. Agora nós queremos saber um pouquinho dela enquanto pai, não é!? / Hum/ O senhor comentou, que fez um carrinho para passear com as meninas, quando elas eram ainda pequeninhas, não é!? / É!/ E

depois o senhor chegou a nos dizer também que que as meninas foram estudar no Instituto de Educação...

SP: É, duas estudaram no Instituto de Educação.

TP: E uma outra no Lúcio dos Santos?

SP: No Lúcio dos Santos.

TP: E a Quarta?

SP: É, teve uma que não continuou. Só fez o primário e...

TP: / Fez o primário e parou?/

SP: É! Hum... hum./ Ela tinha vontade de ser costureira./ Sei./

TP: E seguiu a carreira?

SP: Seguiu./ É?/ Eu arranjei lá com a vizinha da sapataria/ Hum./ Costureira muito boa. Ótima Costureira, até hoje.

TP: /Sei./ Ali até hoje ainda costura.

SP: Costura mais para a casa, assim, sabe!?

TP: Sei. Agora, as outras três que estudaram mais tempo, elas chegaram a se formar, as três?

SP: Chegaram./ A mais velha chegou, mas não foi à minha custa não, sabe!?!/ Hum/ Ela fez o ginásio no Instituto de Educação e depois foi trabalhar na livraria Oscar Nocolato.

TP: Que ficava onde?

SP: Essa livraria Oscar Nocilai é ali na avenida Afonso Pena, ali naquele quarteirão entre a Praça 7 e a rua Tamoios./ Hum./ sabe!?! Hum... hum. / Ali do lado do Banco Nacional, tem um Banco Nacional./ Sei./ Depois ali apareceu um namorado, que é o marido dela até hoje. Mas, tem uns, tem uns 3 ou 4 anos, ela resolveu continuar os estudos./ Hum./ Ela agora é psicóloga./ Ah é?/ *[inaudível]* formou à custa dela.

TP: Ah, que beleza,/ não é!?! / Hum... hum.

SP: E outra que estudou no Instituto de Educação também, ela é professora, e ultimamente era supervisora lá no... como é, aquele lugar do... dos alunos deficientes... Pestalozzi.

TP: Pestalozzi, Instituto Pestalozzi/ Pestalozzi, Hum.

TP: E ela então ainda trabalha como supervisora?

SP: //Aposentou//

TP: Aposentou agora?

SP: É, já aposentou./ Sei./

TP: E a outra filha, que estudou no Lúcio dos Santos/ É a Darci/ É a Darci?/ É a Darci/ Que depois se especializou...

SP: //Ela pegou o curso// de enfermagem também já por conta dela./ Sei./ Ela também trabalhava na Oscar Nicolato.

TP: Ah é? As duas trabalhavam na livraria?

SP: As duas trabalhavam lá.

TP: Ah! E aí ela resolveu seguir a profissão de...

SP: // Também lá ela arranjou namorado, daí a pouco/ Hum?/ Casou.

TP: É?

SP: É!

TP: A livraria era boa para arrumar namorado, não é “Seu” Primo!? *[risos]*

SP: arrumou namorado. *[risos]*

TP: E o senhor, continuou, assim... enquanto as meninas foram crescendo, essa história do senhor só ter filhas. Quer dizer, o senhor era o único homem na família, não é!? / É!/ no meio de cinco mulheres.

SP: É, cinco. *[risos]*

TP: E como é que foi a sua relação com as meninas, quando elas começaram a crescer, quando começaram a namorar? O senhor era um pai ciumento, ou não? Como é que era isso?

SP: Não, eu não era ciumento não. Só quando eu via que o namorado, às vezes, não servia, eu alertava, não é!?

TP: É, não é!? ?

SP: Isso era a obrigação, não é!?

TP: Hum... hum./ Mas não deram trabalho nenhum./

TP: Não?

SP: Eu costumo falar, às vezes lá na oficina a gente conversa... Eles falam: *‘ali, filho dá muito trabalho, por que não sei o que é que tem lá’*. “Abandonam os pais.” Eu digo: “Não, lá em casa foi diferente”. Eu nem percebia a criação das filhas./ Hum./ não me deram o menor trabalho, sabe!? Todas juntas aí, nunca deram trabalho, para nada.

TP: Ah, que bom. Então o senhor reagiu bem quando eles começaram a namorar? Tirando os namorados que o senhor achava que não valiam a pena, o senhor falava?

SP: Falava com elas: “*esse sujeito aí não!*”

TP: Hum. E quando é que o namorado não servia, pra sua filha? O quê que era um que não servia?

SP: *[Rindo] [inaudível]* . Sei lá, a gente não ia com a pinta do sujeito, então não serve, não é!? *[rindo]*.

Sei lá, não simpatiza com ele, não é!? / Hum./ Às vezes sabe alguma coisa também./ Hum... hum.

./ É um namorado aí, cheio de namoradas, mulherengo, pode deixar?

TP: O senhor não ia querer um genro desses, não é!?

SP: /Desse jeito não dá não./ Apareceu um desse jeito./ É, não é!? / Então eu cheguei em casa falei com

a Dirce... Até hoje ele é viúvo./ Sei/ Falei: “*Ó, o fulano tá lá com outra namorada na rua Ceará.*

Ele é danado de namorador.”/ Hum./ “*e mulherengo*”/ Hum./ “*Não sai dos bailes.*”

TP: O senhor tinha que alertar, não é!? / É./ Hum... hum. . E as meninas, enquanto namoravam, elas namoravam em casa?

SP: Em casa.

TP: O senhor dava autorização para elas trazerem o namorado quando já...

SP: //É, é./ Começava a ir no portão, depois ficava aqui em casa, aí no alpendre. Aqui a gente tinha um,

um toca-discos, não é!? / Sei./ Um radiozinho. Então aqui eles reuniam, com as amigas, os

namorados, eles dançavam aqui./ Hum... hum. ./ Tinha sempre dança aqui em casa./ É?/ Naquele

tempo do bolero, não é!? O senhor gostava. *[Falam juntos]* / Teve uma época dos boleros, não é!?

Do boleio, do baião. Então, reunia aqui em casa.

TP: Então o senhor... e o senhor costumava... comprar discos, assim...

SP: Comprava também.

TP: É? O senhor sempre teve uma ligação forte com música, não é!?

SP: É, eu sempre gostei./ Sei./ de música.

TP: E aí, quando as meninas eram mocinhas, então sempre tinha uma festinha assim que juntava todo mundo.

SP: Tinha, tinha. Quase sempre aqui./ Sei. Tinha outros vizinhos, também aí, que às vezes iam lá, não

é!? /Hum... hum./ Mas a maioria das vezes era Qui em casa mesmo./ Certo./ Aqui tinha quatro...

moças, não é!? *[risos]* . Vinham mais quatro moças, vinham os amigos./ Já era um montão de

gente, não é!?/ Não é? Enchiam a casa aí, eles dançavam quase todos os domingos.

TP: É? E o senhor sempre gostou desse tipo de movimento. Dona Teresa também?

SP: Também./ É?/ Ela gostava muito de música, gostava de dançar. Quando era solteiro dançava muito./

É?/ *[Os dois falam juntos]*

TP: E depois de casada, não?

SP: Ah, um pouco, não é!?

TP: Não dava tempo?

SP: *[risos]* Só quando tinha alguma festinha assim, a gente dava uma rodada de qualquer jeito...

TP: Ah, aproveitava, não é!? / É./ Então tá bom. Eh, e depois... mas depois que as meninas... enfim, já não são mais crianças, começaram a namorar e começaram... foram se casando, não é!? As quatro se casaram. É, quando é que foi que o senhor voltou a ficar sozinho com a dona Teresa, ou seja, quando a última filha se casou? Isso foi quando, mais ou menos?

SP: A última se casou deve ter uns... ter uns vinte e cinco ou vinte e seis anos já./ Hum... hum. / a última. /É?/ É. // Então foi mais ou menos...// É, essa era a caçula/ hum./ essa que é supervisora lá no Pestalozzi./ Sei./ É, tem uns 25 anos. Eu não sei se ela já fez bodas de prata./ Hum.../ Se não fez.../ Ta quase?/ É, tá quase.

TP: Então isto foi por volta de metade dos anos 60, mais ou menos, não é!?

SP: 65, 66.// Bom, agora é 90, é, 65, mais ou menos, não é!?

TP: Então, desde então, o senhor tava sozinho de novo com a dona Teresa?

SP: Mas sabe? Todas, quando casaram, vieram morar aqui em casa./ Ah é?/ Eu fiz um barracão ali./ Hum./ e cada uma que casava vinha morar no barracão.

TP: E aí saía, e quando casava a próxima. /é/ vinha a outra./ é./ Ah, então foi assim. Quer dizer que o senhor manteve todo mundo por perto.

SP: É, é. E uma coisa curiosa, eu tinha um berço, que eu mandei fazer, para as minhas meninas quando nasceram, não é!? / Sei./ Esse berço foi servindo também lá para os meninos delas./ É mesmo?/ Eu fazia questão: “*Esse berço aí vai ficar para os netos.*”/ Hum./ Então eles não precisavam de comprar... o berço.

TP: Sei. Foi o berço que a família inteira usou. As mães e os filhos.

SP: // As mães./ É, e os filhos.

TP: Bons tempos, não é!? Em que os móveis duravam tanto, não é “Seu” Primo!?

SP: Duravam, é verdade. *[risos]* Mas todas moraram aqui em casa./ É verdade?/ Aí já livraram do aluguel, não é!? Os rapazes casando às vezes com um salário baixo, não é!? Teve ocasião de morar dois aí./ Sei./ Sabe!? Um aqui na parte da casa e outro lá./ Sei./

TP: E o senhor fez gosto de todos os casamentos, assim, não teve ninguém que casasse com alguém que o senhor não simpatizasse.

SP: Não, todos eu...

TP: É? E aí o senhor facilitou a vida, para o início do casal.

SP: É, é, facilitei, porque moraram aí até poder fazer mais ou menos o pé-de-meia, não é!? Se ajeitar, não?

TP: É verdade. “Seu” Primo, bom, então o senhor, logo que as filhas se casaram, o senhor também não demorou muito tempo para se tornar avô, não, não é!?

SP: A primeira casou e demorou uns três anos.

TP: // Aí nasceu o primeiro neto?//

SP: Quase três anos. É, primeira neta.

TP: Uma neta?

SP: Ela está com 30, acho que 31, 31, 32 anos.

TP: Sei. A sua primeira neta também foi menina, para não quebrar a tradição.

SP: Foi menina, é. *[risos]* Antes de ontem (30/11/91) a minha bisneta, a primeira filha dela, formou-se no pré-primário./ Ah é? Que beleza!// Fizeram uma festa lá.

TP: O senhor tem quantos netos, “seu” Primo?

SP: 14.

TP: 14? E já uma bisneta?

SP: Bisnetos tem cinco.

TP: Ah, são 5?

SP: É, 5.

TP: Olha só.

FIM DO LADO A DA FITA 07

Entrevista – fita 07 – lado B

TP: A propósito disto mesmo, nós vamos um pouquinho então em Belo Horizonte. As suas filhas, o senhor está dizendo, que elas mesmo, primeiro moraram aqui, mas em seguida foram se mudando, não é!?

SP: É.

TP: E elas foram morar em que área da ci... em que região da cidade? Assim, cada uma delas?

SP: Bom, a primeira que casou ela saiu daqui e foi morar no Carlos Prates.

TP: Hum.

SP: Essa a primeira.

TP: Certo.

SP: A Segunda que morou aqui foi morar ali na rua Mangabeira, quase com a Prudente de Moraes.

TP: Sei.

SP: Não estava aberta ali a Prudente de Moraes./

TP: Hum, sei./

SP: E a terceira... a terceira é a Darci.

TP: Hum... hum.

SP: Quando ela... essa aí não morou logo aqui quando casou não, esperou um pouco, que aí estava ocupado.

TP: Sei.

SP: Ela foi morar lá na, na, no bairro Monsenhor Messias./

TP: Hum./

SP: Ficou um tempo. E a outra, que é a caçula, essa supervisora, foi lá paa a Floresta, para a avenida Flávio dos Santos. Mora lá até hoje.

TP: Até hoje? E depois que elas se mudavam, “seu” Primo, o senhor tinha o hábito de ir até a casa das filhas? Ou elas é que vinham se reunir na sua casa?

SP: Olha, quando tinha a minha esposa elas vinham cá.

TP: É?

SP: Agora, depois que a minha esposa faleceu, eu é que vou.

TP: Ah é?

SP: à casa delas. Essa da Floresta eu vou todo Sábado, saio da sapataria e vou para lá.

TP: Vai direto para lá?

SP: Vou para lá, janto lá e depois venho embora./

TP: Hum.

SP: E na casa das outras eu vou Domingo sim, Domingo não. E lá um Domingo, elas resolvem e vem todas para cá.

TP: Sei.

SP: É assim que// que funciona// *[inaudível]*

TP: / Mas quando a dona Teresa// era viva ainda, ela, ela então, elas vinham para cá./ Vinham para cá./ fim-de-semana, assim no Domingo?/ Domingo? Ou vinham mais do que isso, vinham mais amiúde?

SP: Às vezes vinham amiúde também./ É./ É. Elas todas foram muito amorosas.

TP: Apegada aos pais?

SP: É, apegada. Elas davam umas passadas aqui durante a semana também./ Sei, Hum... hum. ./ Sabe!?

TP: Mesmo morando mais longe, não é!?

SP: É, passava sempre.

TP: E quando começaram a nascer os netos o senhor tinha muita vontade de atravessar a cidade e ir lá na Floresta ver os netos? O senhor sentia muitas saudades? Ou o senhor mantinha o seu ritmo assim sem...?

SP: Não, esses netos que moram na Floresta nasceram aqui/ ah, sei/, sabe? Nasceram todos aqui.

TP: Então o senhor conviveu de perto com eles?

SP: É, convivi de perto com todos os netos.

TP: Agora, o senhor comentou com a gente, na semana passada, que teve uma época, que foi na década de 50, quando, não é!?, o senhor já tinha netos, nesta época, que o senhor pensou em comprar um carro pra, pra trabalhar com um carro de praça./ Verdade./ Não é? O senhor comentou isso com a gente. E aí o senhor disse que logo desistiu dessa idéia, mas o senhor manteve o carro. O senhor com... acabou comprando o carro aliás, não é!?

SP: É, eu comprei uma caminhoneta velha, depois troquei por uma rural também antiga./ Hum... hum. / e depois vendi...

TP: //E ficou sem nada?//

SP: A rural... É.

TP: E nesse, nesse período que o senhor teve esses dois carros, o senhor disse que costumava// levar os netos//...

SP: // Ir buscar os genros, é// buscar os netos, buscar as filhas. Ia no Carlos Prates buscar, essa que morava lá, né?/ Sei./ Trazia, levava/ Hum... hum. / Essa daqui do bairro Mangabeiras também, às vezes./ Hum... hum. ./ Mas depois, os genros foram comprando carro e aqui não tem lugar de guardar carro, ficava lá na rua, e eu vendi.

TP: O senhor achou que era bobagem manter o carro, né? Por que...

SP: Porque também eu tive um aborrecimento muito grande... Um mecânico foi consertar o meu carro/ Hum/ e ele gostava de uma bebida/ Hum/ ele saiu bêbado aí pelas ruas, bateu em dois carros, estragou o meu/ nossa/, sabe? Então me deu um prejuízo muito grande/ sei/ um aborrecimento muito grande/ sei/. Eu mandei consertar. E de vez em quando alguém me perguntava: quer vender? Eu pensei: o primeiro que me perguntar eu vou vender. /É?/ E assim foi.

TP: *[Rindo]* Tomou essa decisão?

SP: *[Rindo]* Tomei

TP: Ficar livre do carro?

SP: É!

TP: Mas, o senhor comentou com a gente, enquanto o senhor teve o carro, também, algumas vezes o senhor ia trabalhar, ia para a sapataria de carro.

SP: Ia. E quando eu tinha...

TP: // Mas isso era diariamente?//

SP: É, diariamente.

TP: Quando o senhor tinha o carro?

SP: É.

TP: E foi... foi quanto tempo isso? O senhor é capaz de lembrar?

SP: Ah, eu fiquei com o caro, acho que se foi um ano foi muita coisa.

TP: Ah, é? Então foi pouco tempo?

SP: // Foi pouco tempo//

TP: Logo o senhor achou que não precisava do carro mais.

SP: É, sim/ Hum... hum. /

TP: E enquanto o senhor teve carro, “seu” Primo, o senhor saiu alguma vez “de viagem” com o carro? Ou com a dona Teresa ou com o ne... com os netos, ou alguma das filhas? O senhor se lembra de ter feito alguma viagem?

SP: Eu fui perto. Viagem... não se pode dizer que foi viagem./Não?/ Fui uma vez à Lagoa Santa/ Hum./ que a gente foi lá buscar umas jaboticabas/ sei/ *[inaudível]* a Teresa com a gente/ Sei./ Fui à Nova Lima também, umas duas, três vezes/ Hum... hum. / Foi isso, as viagens. Fui a Contagem, aqui perto.

TP: // Só//... coisa pertinho.

SP: Pertinho.

TP: E por falar nisso nós vamos falar agora um pouquinho sobre esse tema, porque o senhor comentou com a gente que o senhor sempre foi de viajar muito pouco, não é!? /É./ Quando rapaz o senhor fez duas viagens na época do tiro de guerra, não é!? / No tiro de guerra,/ não é!? / É./ E agora o senhor está nos dizendo dessas viagens aqui por perto. /É./ O senhor chegou a fazer, em qualquer momento que tenha sido alguma viagem mais distante, para algum outro estado? Férias com os netos? O senhor...

SP: Bom, ultimamente eu tenho ido... depois que a minha esposa faleceu... a minha filha, essa supervisora, ela vai, todo ano ela vai a Araxá/ Sei./ sabe? De férias?// Ela vai paa aquele hotel lá da, da Previdência/ Hum... hum. / eu eu vou com ela/ ali, é?/ quase sempre.

TP: Quer dizer que o senhor tá, atualmente o senhor costuma tirar umas feriazinhas por ano.

SP: É, duas semanas./ Hum... hum. / Uma semana a gente fica lá, e uma semana eu fico aqui cuidando de alguma coisa que é preciso fazer/ Sei./ ou vou ao médico, alguma coisa assim./ Hum... hum. / Então, ao todo, quinze dias.

TP: E é... isso é em que época do ano que vocês costumam ir?

SP: Em julho.

TP: Em julho?

SP: É,. em julho é que ela tira essas férias. /Sei./ Eu já fui com ela umas duas vezes lá no Espírito Santo.

TP: Na praia?

SP: É, na praia/ Hum./ Umas duas vezes. E mais é aqui em Araxá. /É?/ Ia de vez em quando também a Lambari./ Hum./ com outro genro./ Sei./ Ele é daquela região/ Hum... hum./, gosta muito de Lambari. Lá em Lambari eu fui umas três vezes também./ Sei./ Daqui a Araxá eu acho que já fui também umas três. /é?/ Mas isso depois que a minha esposa faleceu, porque ela não gostava de viagens.

TP: Ah, não, “seu” Primo? Por que era isto que eu ia perguntar.

SP: Não! Ela sempre era muito doente, sabe!? Desanimada. /É?/ Fomos uma vez lá no Espírito Santo com o meu cunhado... empenhou muito, fomos lá, ficamos lá uma semana./ Sei./ Então foi a única vez./ É mesmo?/ É.

TP: No mais, a dona Teresa não tinha muito entusiasmo/ não/ com essa história de viajar/ Não./

SP: Fomos a Lambari uma vez, mas fomos num dia e voltamos no outro./ Hum... hum. ./ O meu genro tinha que fazer um negócio lá e nós fomos *[inaudível]* . Mas passeio mesmo ela não, não gostava muito não, de passear não./ É?/ Gostava mais de ficar em casa. /É?/.

TP: E o senhor? O senhor sentia falta? Assim, porque né?, e, de, de, conhecer, porque nessa época, né?, nos anos 50, nos anos 60, começou a ficar mais comum, viagens, né? De férias, As famílias saíam para ir conhecer outros lugares. O senhor sentia falta disso ou isso não era importante?

SP: Não, eu não sentia falta nenhuma não./ não?/ Não era acostumado./ Hum... hum. / Então não sentia falta.

TP: É, né? E o senhor nunca chegou a conhecer outras cidades grandes no, no,... Por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro?

SP: Fui a São Paulo duas vezes,/ Hum?/ com minha filha, essa viúva./ Sei./ O marido dela trabalhava na IBM. Então ele esteve trabalhando na IBM de São Paulo uns seis meses./ Sei./ e eu fui lá umas duas vezes./ ah, é?/ Uma, uma dessas vezes a minha esposa foi/ ah/ da outra vez fui com a Darci./ Sei./

TP: E o senhor, muito acostumado, nascido aqui em Belo Horizonte, muito acostumado aqui o que é que o senhor achou de São Paulo quando chegou lá, a primeira vez?

SP: É muito diferente, né? /É./ Um movimento, uma coisa espantosa né?/ Hum... hum. / Um pouco de um costume diferente, como eles falavam, que o paulista não é igual ao mineiro. O mineiro é muito ligado, muito amigo e os paulistas não. O meu genro até comentava, ele não tava gostando de São Paulo não. /é?/ Ele então falou pra gente assim: *“Olha, aqui em frente mora um moço que trabalha na mesma seção comigo lá na IBM e nem me dá bola, nem me cumprimenta, nem nada. O paulista é um povo diferente.”*/Hum... hum. ./ Ele achava diferente./Sei./

TP: E o senhor na sua passagem por lá confirmou isso de alguma forma?

SP: É, parecia./ Hum... hum. ./

TP: E ao Rio o senhor chegou a ir alguma vez, ao Rio de Janeiro?

SP: Nunca fui./ Não./

TP: Nunca foi?. Conhece pela etelevisão?

SP: A minha esposa foi uma vez com essa Darci/ Hum./ sabe!? Porque, o , o esposo dela tinha uma parenta lá, então fora lá uma vez. Ela vivia falando: *“Você deve ir ao Rio de Janeiro, porque você deita o coro com as meninas.”*/ Hum... hum. ./ *“Vá ao Rio”*. Mas eu nunca fui não./ Sei./ Ela foi uma vez.

TP: O senhor nunca se entusiasmou com o Rio. /É./ É, uma outra coisa que eu quero perguntar para o senhor, aí voltando para Belo Horizonte, né? É o seguinte: Nesses anos em que o senhor, nesse ano em que o senhor teve carro, né? Que foi na década de 50, o senhor tá nos dizendo que usava o carro para ir trabalhar, né? /É./ O que é que o senhor, que lembrança que o senhor tem assim do trânsito da cidade? Era uma coisa muito tumultuada? Ou era tranquila?

SP: Não era tumultuada não. Mas eu achava mais difícil prá gente dirigir./ Hum./ Por exemplo, nessas praças, como na Praça Benjamim Guimarães, que eu passava, eu na praça Tiradentes, não tinha sinalização, como tem hoje.

TP: Não, nada de sinal?

SP: Não, não tinha sinal./ Hum./ Então a gente atravessava ali olhando se vinha lá. Ia até no meio da avenida pra olhar do outro lado se vinha de lá ou não, e se desse uma brecha é que a gente passava./ Deus me livre/ Então, apesar de ter essa quantidade de carro aí, eu acho hoje mais fácil, por causa da sinalização. Até no asfalto tem sinalização./ Hum... hum. / Naquele tempo não tinha.

TP: Mas nenhuma espécie de sinal “seu” Primo?

SP: Onde eu passava com o carro não tinha não./ É verdade?/ Aqui na praça Benjamim Guimarães não tinha, é que eu passava todo dia aí, é ali na praça Tiradentes também não tinha.

TP: A praça Benjamim Guimarães é a que a gente chama de ABC?

SP: É, ABC. /ah./ É, ali chama praça Benjamim Guimarães sim.

TP: É verdade. É que a gente ficou, ficou mais conhecida como ABC//

SP: // É igual essa Savassi aqui, que eles falam praça Savassi aí, e é Diogo de Vasconcelos.

TP: Diogo de Vasconcelos, isso mesmo. E o senhor chama de praça Diogo de Vasconcelos ou de Savassi? Hoje em dia?

SP: *[risos]* Cada hora de um jeito. /É?/ *[risos]*

TP: Bom, mas aí o senhor teve esse carro só por um ano, aí o senhor acabou desistindo, como o senhor nos contou. O senhor voltou a fazer o seu percurso a pé, /É./ daqui até a sapataria.

SP: Como faço até hoje, vou e volto.

TP: / Pois é, agora o senhor vai.../

SP: Acho muito melhor.

TP: É? Agora o senhor vai me contar uma coisa então como, como andarilho que o senhor é, né? Esse trajeto que o senhor fez e faz até hoje, há tantos anos, né? Daqui até lá embaixo na rua Ceará, quais que foram as principais mudanças que o senhor percebeu nesse trajeto?

SP: *[Fala baixo]* Mudança, puxa vida, não acaba mais. *[risos]*

TP: Ah, pode conversar, depois o senhor lembra.

SP: Tudo diferente.

TP: Tudo diferente?

SP: Tudo diferente.

TP: Vamos, vamos começar com um exemplo. É, o senhor, há muitos anos atrás, quando fazia este percurso, encontrava gente na porta das casas? Cumpimentava? Tinha gente que o senhor conhecia de passar em frente?

SP: Ah, tinha./ É?/ Tinha. Antigamente não era como é hoje. Hoje é perigoso, não é!? Hoje tem até grade nas portas, nas janelas. Naquele tempo, assim à noite, quando eu vinha, às vezes, tinha as famílias sentadas. Botavam as cadeiras no passeio e ficavam os meninos correndo pra baixo e pra cima e eles sentados ali, conversando, não é!? Hoje não tem disso muito. Quase que não se encontra nem ninguém andando a pé, não é!? Então essa é a diferença, muito grande. Agora de manhã não, quando eu vou eu encontro muita gente que vão para o estudo, para o trabalho, né?/ Hum... hum. / Mas à noite, não./ É./ À noite, a esta hora, a gente pode ir daqui lá na Savassi, a pé, acho que a gente não encontra... se encontrar umas quatro pessoas, cinco é muita./ Hum... hum./ E naquele tempo a gente encontrava todo mundo. /É?/ E conhecia todo mundo. Ali na, na rua onde eu trabalho, por exemplo, né? Ali era quase todo mundo de Ouro Preto, parecia uma família só. Então a gente conhecia aquela gente toda. E a gente notava aquelas senhoras idosas, principalmente, elas iam muito à missa né? E a gente notava quando ela falhava. Dizia: a fulana tem dois dias que não falta. E hoje? / É?/ Hoje a pessoa até desaparece e a gente não dá falta. *[risos]*

TP: É porque é muito mais gente, não é, “seu” Primo?

SP: Muito mais gente. *[risos]*

TP: E... Mas... Hoje, o senhor fazendo esse mesmo trajeto, ainda acontece do senhor encontrar, no meio do seu caminho assim, alguma pessoa que o senhor veja há muitos anos ali, ou seja, alguém que tenha... que o senhor encontrava na porta de casa, que o senhor sabe que mora no mesmo lugar até hoje?

SP: Ah, é muito raro./ É, né?/ É muito raro. Principalmente no bairro da Savassi que virou tudo comércio. Não tem mais aquelas residências, não é!? / Isso/ *[inaudível]* tudo comércio/ É verdade./ Onde tinha as casas agora é só prédio, não é!? Gente de prédio a gente não conhece mais./ Hum... hum. .

TP: E, e o meio de transporte? Quer dizer, num primeiro momento o senhor né? Nos contou que usava muito o bonde, até, até, quando o senhor morava lá... na época do seu casamento o senhor morava lá na Juiz da Costa Val, né? / É./ O senhor usava principalmente o bonde, né?

SP: O bonde para ir para o centro da cidade, mas para ir para a sapataria, toda vida foi a pé.

TP: //sempre foi a pé.//

SP: Isso.

TP: É... e quando... agora tem duas coisas que eu quero perguntar para o senhor, que nós estamos chegando mais ou menos na época disso. Uma é o seguinte: o senhor se lembra, “seu” Primo, da época em que arrancaram as árvores da avenida Afonso Pena, e das avenidas ali, Bias Fortes, essas coisas?

SP: Me lembro./ É?/ Eu acho que o prefeito era o Amintas de Barros, se não me engano. /Hum... hum. / né?

TP: Era o Amintas?

SP: Me parece, não tenho bem certeza não, acho que era.

TP: Foi, foi a retirada das árvores.

SP: // Agora o ano, o ano eu não sei...//

TP: Acho que foi o Carone “seu” Primo.

SP: Foi o Carone?

TP: Acho que foi o Carone, na Afonso Pena, acho que foi o Carone. Que foi um pouco antes de 64, foi no início dos anos 60.

SP: É verdade, porque naquelas árvore tinha um bichinho que vinha no rosto da gente e na vista, e ele tinha o apelido de amintinha.

TP: Amintinha. *[risos]*

SP: Eu sei que era uma coisa de matar. Então foi o Carone. É isto mesmo. /É./ Arrancaram aquelas árvores lá, arrancaram aqui na Contorno, aqueles fixus imensos, né?

TP: Na Contorno tinha muito fixus?

SP: Aqui na Contorno também tinha. /É?/

TP: Aqui perto do Padre Machado, por ali?

SP: não, no Padre Machado não. Aqui na Cristóvão Colombo. / ah, sim./ da Cristóvão Colombo pra lá. Tinha ali também/ Hum./ Até ali na, na Grão Mogol./ Sei./ Tinha aqueles imensos fixus ali.

TP: Ah é? Foram arrancados na mesma época?

SP: Foram arrancados na mesma época.

TP: E o que é que o senhor... assim... o senhor que tinha visto, não é!? e que tinha andado tanto pela avenida Afonso Pena enquanto ela era arborizada, quê que o senhor achou dessa atitude do prefeito?

SP: Ah, eu achava que era uma necessidade, né? O crescimento do trânsito e tudo, né?

TP: O senhor, o senhor não achava que...

SP: Tirava era a sombra... *[risos]* quando tinha pouco carro, as pessoas andavam por ali debaixo das árvores, né?/ É./ Então tinha aquele doutor Estevão Pinto,/ Hum/ Doutor Estevão Pinto descia lá da Serra com o chapeuzinho debaixo do braço.*[inaudível]* no banco... era o Banco Hipotecário aquele ali, não!?

TP: Era o Hipotecário, não é!? *[risos]*

SP: Não sei.

TP: *[risos]* O senhor se lembra de tê-lo visto, ou isto é porque contavam.

SP: Via sempre.

TP: Ah, o senhor o via sempre.

SP: Vi muito.

TP: É? Fazendo o trajeto da Serra até o banco?

SP: É, o chapeuzinho preto amassado assim debaixo do braço./ Hum... hum. /

TP: Mas, seu, seu Primo... essa... Quer dizer, o senhor tá achando que... o senhor lá dizendo que achou natural que o prefeito arrancasse as árvores porque o crescimento da cidade...

SP: // Eu acho que é porque a cidade, né?//...

TP: E o senhor se lembra de ter ouvido, na época, opiniões diferentes da sua? Assim, gente que ficou revoltada?

SP: Ah, quando há esses movimentos assim tem uns prós e uns contras, num tem?

TP: É, sempre tem, né.

SP: Ah, isso tinha.

TP: Isso sempre teve, né? Seu Primo?

SP: Tinha gente que achava bom, tinha gente que achava ruim./ Hum./ Como em qualquer movimento que tem./ hum./ é dessa maneira.

TP: Mas o senhor, então, não foi dos que achou ruim? Né?... É, o senhor... voltando a um assunto que nós já falamos também... O senhor já comentou com a gente que alguns visitantes ilustres que vieram a Belo Horizonte... desde a sua infância que o senhor se lembrou de alguns, né? Como foi o caso do rei da Bélgica, lá quando o senhor era menino ainda. E depois, da vinda do Getúlio, que o senhor também se lembra de ter visto, /É/ mais de uma vez até, né? / É./ Depois disto, nos anos mais recentes, o senhor tem algum fato que tinha marcado o senhor assim na mesma./..

SP: Teve o, o Congresso Eucarístico também,/ Hum./ Foi na praça Raul Soares, né?

TP: O senhor se lembra então do Congresso?

SP: Lembro do Congresso Eucarístico/ Hum... hum. /, né? Veio aquele Cardeal Pacelli. E depois ele foi papa. Foi o Pio XII, se não me engano, né? /É./ Então foi uma ocasião muito importante também./ Hum... hum. ./

TP: A propósito da praça Raul Soares, é... porque o senhor comentou com a gente que, quando rapazote, o senhor ia ali no footing da praça da Liberdade, né? /É, é./ Na praça Raul Soares, o senhor chegou a freqüentar, assim com a dona Teresa, porque aí o senhor já era casado, a estas alturas.

SP: Não/ Não?/ Eu nunca fui à praça com ela. / Não?/ Ela era empregada doméstica, né? Já chegava cansada em casa, a gente conversava um pouco, até lá no portão, porque como eu falei punha as mesas assim [inaudível] né? Então a gente conversava no portão. Num Domingo assim a gente ia ou na casa de uma tia, ou um conterrâneo, e ficava por isso./ Sei/ Sabe!?

TP: Não costumava ir passear na praça.

SP: Mas o tempo da praça foi muito antes./ Hum./ Muito antes.

TP: E depois de casado então o senhor não fazia esse tipo de passeio com a dona Teresa.

SP: //Não.// não fazia não.

TP: Tanto o senhor quanto ela eram mais caseiros.

SP: É. Ou algum parente ia na casa da gente, algum irmão, ou irmão dela ia na casa da gente ou a gente ia na casa dele./ Sei./ E depois, durante a semana era o trabalho. Era isso a vida da gente.

TP: É? Mas, e, e, e festas assim... porque o senhor também comentou conosco que quando o senhor era menino quase não usava fazer festa de aniversário, Natal, essas coisas não se comemorava, né?

SP: // Lá em casa não fazia não.// É.

TP: Mas depois, na sua casa, com as filhas pequenas, eu depois mesmo, com os netos? Essas festas, essas datas começaram a ser comemoradas?

SP: Vinham sempre os padrinhos, né? A gente fazia um bolo. Era uma coisa muito simples. Nunca se festejou como festeja hoje. Hoje os meus netos, né? Fazem um festão lá/ é, né?/ com bolo, eles querem soprar, nela/ Hum... hum. / E no tempo das minhas meninas não tinha negócio de soprar nela./ Não?/ Talvez que não usava./ Ainda não?/ Parece que não.

TP: [risos] Mas então, festa prá valer de aniversário e a dos netos?

SP: É, a dos netos./ Hum... hum. /

TP: Seu Primo, e o cinema, que o senhor freqüentou tanto na sua juventude? O senhor deixou de ir completamente, depois de casado?

SP: Deixei.

TP: É? Nunca mais foi num cinema?

SP: Fui umas poucas vezes. Muito pouco./ É?/ Morava ali em Santa Efigênia./ Hum./ tinha ali o cinema Bagdá, em frente à igreja. Então fui lá umas vezes./ Hum... hum. ./ Levava as meninas às vezes pequenas para assis... pra matinê. Umas ficavam chorando, querendo vir pra casa, sabe!? [risos] / outras gostavam?/ E depois fomos algumas vezes também aqui no Pathê./ Sei./ No Pathê aqui na Cristóvão Colombo./ Hum... hum. / né?

TP: Isso levando as meninas?

SP: É.

TP: A dona Teresa nunca tava nesse programa?

SP: Nós fomos ali poucas vezes/ É?/ Não era muito de cinema não, sabe!? / Sei./ As meninas vieram... foram crescendo, né?/ Hum... hum. /

TP: E uma outra coisa que o senhor também chegou a freqüentar quando menino, com o seu pai, que eram os bailes desses clubes que o senhor nos falou que existiam aqui.

SP: É, eu era meninozinho mesmo/ Hum... hum. ./ No clube Rio Branco, lá na rua da Bahia,/ isso/ ali quase com Contorno.

TP: Agora, esses clubes, eles, eles existiram durante muitos anos? O senhor lembra quando é que eles acabaram? O senhor chegou a freqüentá-lo depois de adulto?

SP: Não./ Não./ Depois acabaram./ Hum./ Aqueles clubes foram acabando. Tinha uns dois clubes como eu falei, né? O clube Rio Branco e o Esperança./ Sei./ Acabaram.

TP: E uma outra coisa ainda, com relação a isto, é... e o Carnaval? O senhor levava as meninas para ver?// levava// Ainda tinha na Afonso Pena?

SP: Levava, levava as meninas para ver./ Hum./ Quando solteiro também eu até participei dum [espirro] bloco da Serra, chamava-se Andorinhas da Serra.

TP: Da Serra?

SP: É.

TP: Isso o senhor era moço, rapaz?

SP: Era moço, era até noivo já.

TP: Ah é? E o senhor foi convidado pra desfilar no bloco? Como é que foi essa história?

SP: Fui convidado pra tocar lá no... eu, eu... andava treinando... na clarineta, né? E faltava lá um instrumento assim. Eu fui convidado por um amigo./ Hum./ Até deu uma amolação danada porque a noiva ficava por um lado e eu ia lá pro outro. No dia de... [inaudível]

TP: //A noiva não gostou muito não?

SP: não gostou muito não./ ah, tá certo/ *[risos]* No dia que eu saí lá no bloco./ Hum/ eu saí acho que duas noites, não choveu não, mas uma noite eu não fui não que foi prá sair com ela. Deu uma chuva que *[fala baixo e a entrevistadora ri ao mesmo tempo]*.

TP: Mas o senhor então foi tocando foi na banda, o senhor saiu no bloco, na banda...

SP: É, na orquestrazinha/

TP: Na orquestra mesmo.

SP: Porque naquele tempo tinha os blocos que desfilavam na avenida./ Hum... hum. ./ não é!?

TP: O desfile ainda era na Afonso Pena mesmo?

SP: Era./ Hum... hum. ./ Os blocos com os seus estandartes, né? A... aquela que ia na, na... a abre-ala /Sei./ aquela gente. Beleza, tinha muitos blocos.

TP: É? E o senhor gostou da experiência, então? De sair dessa vez?

SP: Gostei.

TP: É? Fantasiado? Ou...

SP: Fantasiado.

TP: É? E a fantasia, o senhor se lembra como era?

SP: A fantasia eles é que deram. Era a calça branca/ Hum./ e uma, uma, uma blusa azul e branca também./ Sei./ Era o bloco que se chamava Andorinha da Serra, fantasiaram também parecendo andorinha. *[risos]*

TP: Ah, seu Primo, agora nós temos um outro assunto prá conversar que é o seguinte. Quando o senhor morava lá em Santa Efigênia, o senhor comentou com a gente que o senhor escutava... que o senhor tinha o hábito de escutar rádio, né? Que muitos dos acontecimentos que o senhor... até dos acontecimentos políticos, que a gente perguntou pro senhor, o senhor disse que não acompanhava muito de perto mas que costumava ouvir pelo rádio, não é!? /É./ Então, o senhor gostava de ou... ou... do rádio.

SP: De ouvir o rádio? /É./ Naquele princípio, né? Eu comprei um radiozinho, até de segunda mão. Foi logo que casamos/ Sei./ Então a gente ficava ouvindo.

TP: E o que é que o senhor gostava de ouvir no rádio? Era noticiário? Era novela?

SP: Não, tinha uns pro... A minha mulher gostava de escut... de ouvir novelas da Rádio Nacional./ Sei./ né?/ Hum... hum. / Tinha aquelas atrizes... acho que é Ismênia dos Santos, não é!? / Hum... hum. . Então ficava lá ouvindo./ Sei./ E a gente ouvia aquele programa do Jararaca e Ratinho, né? Gostava muito desses programas... Alcino Alvarenga e Ranchinho...

TP: Que era de música? Principalmente.

SP: É, o Alvarenga e Ranchinho era música sertaneja./ Hum... hum. ./ né? Tinha um programa da Rádio Guarani que eu gostava muito, chamava-se Noites que não voltam mais./ Hum./ Tocava aquelas modinhas antigas, aquelas serestas/. Hum... hum. ./ Tinha aquele Manezinho Araújo, o rei da embolada./ Hum./ Dircinha Batista, Linda Batista. É isto o que a gente ouvia.

TP: O senhor lembra da turma toda, né? /É./ Hum... hum. . E, e o senhor costumava levar o rádio para, para a sapataria? O senhor tinha o hábito de escutar o rádio enquanto trabalhava?

SP: Não./ não?/ Não levava para a sapataria, não.

TP: Nunca, nunca, o senhor nunca costumou ouvir rádio enquanto trabalhava?

SP: Não. Muita gente pergunta: “*Você nunca trabalhou [um cachorro leite e dificulta a audição, transcrevo o que ouvi] ao som da [inaudível] ou nem um baile?*” [fim da interferência]. “Ah, aqui vem tanta gente, não precisa de rádio, não.

TP: O senhor prefere o movimento das pessoas ali, né?/ É./

SP: Eu nunca trabalhei, com/ sei/ com...

TP: E, e o senhor... quando as meninas eram pequenas, o senhor alguma vez, ou mesmo quando elas eram mocinhas, o senhor acompanhou-os ou elas costumavam ir nos programas de, de, auditório, que tinham em Belo Horizonte?

SP: Só uma vez que eu levei-as na Rádio Mineira./ Rádio Mineira?/ não, Rádio Mineira não, acho que era a Rádio Guarani, ali onde hoje é a Lojas Americanas.

TP: Na rua São Paulo?

SP: É, na rua São Paulo.

TP: Hum, ali tinha uma rádio então?

SP: // Fui lá no carnaval// É! Fui só uma vez, não gostei não/ não?/ Fui só uma vez/ sei./

TP: Ah, no carnaval.

SP: É, no carnaval. Uma matinê carnavalesca [inaudível] ficar lá, o rádio falando, aquele negócio, e elas querendo ir, levei só uma vez./ Hum... hum. ./ Não gostei, não levei nunca mais/ certo.

TP: E seu Primo, e a televisão? Vamos falar um pouquinho da televisão agora. Por exemplo, quando é que foi que o senhor comprou a primeira? Por quê que... o quê que levou o senhor a decidir por comprar? O senhor se lembra de quando foi?

SP: Uai, eu comprei a televisão porque todos estavam comprando, já meus parentes quase todos tinham./ Hum... hum. ./ Eu tinha um irmão que trabalhava na Inglesa, na, loja Inglesa Levey/ Hum./ né? E tinha lá, ele me falou: “*Olha, tem lá em promoção, a televisão lá.*”./ Sei./ “*Vai lá.*” Então eu comprei uma preto e branco./ Sei./ Fiquei com ela um bocado de tempo e depois comprei essa aí, a cores.

TP: E essa que o senhor a primeira vez, a preto e branco, o senhor lembra o ano que o senhor comprou a televisão?

SP: Não lembro o ano não.

TP: Foi na década de 50, ou já foi na de 60?

SP: Ah, foi de 60. /É?/ E, foi, foi... foi mais de 60. 60, quase 70.

TP: E aí, quando o senhor botou a televisão em casa, os seus hábitos mudaram, por causa disso, assim, já chegar em casa do trabalho, e aos invés de conversar com a dona Teresa já ligou a televisão, ou não? A televisão era só mais um móvel?

SP: Não. Oh, pois antes tinha o rádio. Ela ficava ouvindo as novelas. Depois é que veio a televisão, aí passou para a televisão.

TP: Deixou o rádio de lado e aí era a televisão?// Deixou o rádio de lado.//

SP: A gente deixou o rádio de lado e passou para a televisão.

TP: Foi uma coisa assim...

SP: //E no rádio tinha o toca-disco também que a gente, a hora que não queria ouvir o rádio botava o dico, né? Ficava ouvindo o disco. É isso que era a nossa vida aqui de noite.

TP: É? Mas a televisão, por exemplo, o senhor chegou a, a... por que, inicialmente, né? Quando as pessoas ainda tinham... poucas pessoas tinham televisão, era hábito, pelo menos no interior, né? Nas cidades menores, era hábito das pessoas se reunirem. Às vezes os vizinhos não tinham televisão, e vinham assistir na casa de alguém. Isto chegou a acontecer com o senhor, alguma vez?

SP: Comigo aconteceu de ir na casa dos outros, né? /É?/ Eu saí daqui uma vez e fui na casa da minha irmã lá em Santa Efigênia/ Hum./ eu mais um genro que morava aí assistir uma partida de futebol./ ah é?/ Nós assist...

FIM DO LADO B DA FITA 07

A

Acaba Mundo, 3, 4, 5, 6
Amintas de Barros, 35
Avenida Afonso Pena, 1, 20, 35, 36, 40, 41

B

Bairro Santo Antônio, 7
Bairro São Pedro, 13
Belo Horizonte, 1, 6, 7, 26, 31, 32, 37, 42

C

Carlos Prates, 1, 26, 28
Carnaval, 40, 42, 43
Carone, 35, 36
Cercadinho, 9, 10
Cinema Bagdá, 39
Clube Rio Branco, 39, 40
Colônia Adalberto Ferraz, 2
Colônia Afonso Pena, 1, 2
Congado, 6, 7

E

Estevão Pinto, 36

F

Floresta, 27, 28

I

Inglesa Levey, 43
Instituto de Educação, 19, 20

L

Lúcio dos Santos, 19, 21

M

Morro dos Pintos, 9, 10

O

Otacílio Negrão de Lima, 3

P

Padre Eustáquio, 2, 9
Pastinho, 2
Pathê, 39
Praça Benjamim Guimarães, 32, 33
Praça Diogo de Vasconcelos, 33
Prefeitura, 13, 14, 15, 16, 17, 18

R

Rádio Guarani, 42
Rádio Mineira, 42
Rua Ceará, 22, 34
Rua Contagem, 9
Rua Leopoldina, 8

S

Santa Efigênia, 2, 11, 39, 41, 44
Sion, 3

V

Vila Bicalho, 9, 10
Vila Celeste Império, 2

